

**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



Notícias Sobre Salim Miguel:

Matérias, entrevistas, notas e comentários

Volume II - 1980 a 1989

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou
Coordenação. Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

001: Catarinenses que se destacam	3
002: O círculo da memória	4
003: Salim Miguel e a arte do conto: ficcionista e crítico português, reside em Buenos Aires	5
004: Escritor deve publicar: nem que para isso precise vender a alma.....	6
005: A arte do conto na obra de Salim Miguel	8
006: O pequeno mundo de Salim Miguel	9
007: Turismo como educação: Salim Miguel quer uma abertura para a natureza	10
008: Dos confins da ilha, a voz solitária do sul	11
009: Salim Miguel faz um balanço do que foi o ano de 85 para a literatura	12
010: Literatura e seca	14
011: O mundo misterioso de um poeta desconhecido (topografia vibrante do ato criador)	15
012: Desafio para o leitor	17
013: Sezefredo das Neves, o poeta de Biguaçu	18
014: Quem quer uma vaga de imortal	19
015: O que eles leem	22
016: Um ano sensações	23
017: Notas e novidade	24
018: Humor, incidência casual entre os escritores catarinenses	25
019: A competência que atrapalha.....	26
020: Perseguição invade o terreno da galhofa	27
021: Para um conceito de catarinidade	28
022: Um grande prêmio para os poetas	29
023: Letras a dois	30
024: Atenção escritores: a UFSC procura 30 títulos para editar em 1983.....	31
025: Ficção e poesia em Santa Catarina	32
026: Ricciardi, um divulgador da literatura nacional na Itália.....	36
027: Panorama estético-literário de Santa Catarina em 1949, segundo o jornal "O Estado"	37
028: Não concordo em sacrificar a arte pela política.....	38
029: A praça será dos autores vindos de Santa Catarina	39
030: Festival de Gramado abre amanhã	40
031: Fundação catarinense de cultura: qual a solução	42
032: ACAFE: comunicação e expressão. O Estado.....	44
Índice de Autores	46
Índice de Jornais.....	48
Índice por ano.....	50

001: Catarinenses que se destacam

CATARINENSES que se destacam. **A Notícia**. Joinville., 31 jan.1980. Edição história

Salim Miguel

O jornalista e escritor Salim Miguel é libano-biguaçuense criado no interior de Santa Catarina. Em 1947, com vários jovens, funda um movimento cultural que ficou conhecido como Grupo Sul, renovando as letras e artes em Santa Catarina e que durou até 1958. Mais tarde, no Rio de Janeiro, atuou na Agência Nacional e na Bloch Editores, onde trabalhou nas revistas "Fatos e Fotos", "Manchete" e "Tendência".

No ano passado, Salim Miguel, voltou a residir em Florianópolis, respondendo pela chefe da EBN (ex-Agência Nacional) e trabalhando na Imprensa da Capital. Como autor, seu currículo é dos mais respeitáveis. Publicou os seguintes livros: "Velhice e outros Contos", "Alguma Gente", "Rede", "O Primeiro Gosto", "A Morte do Tenente

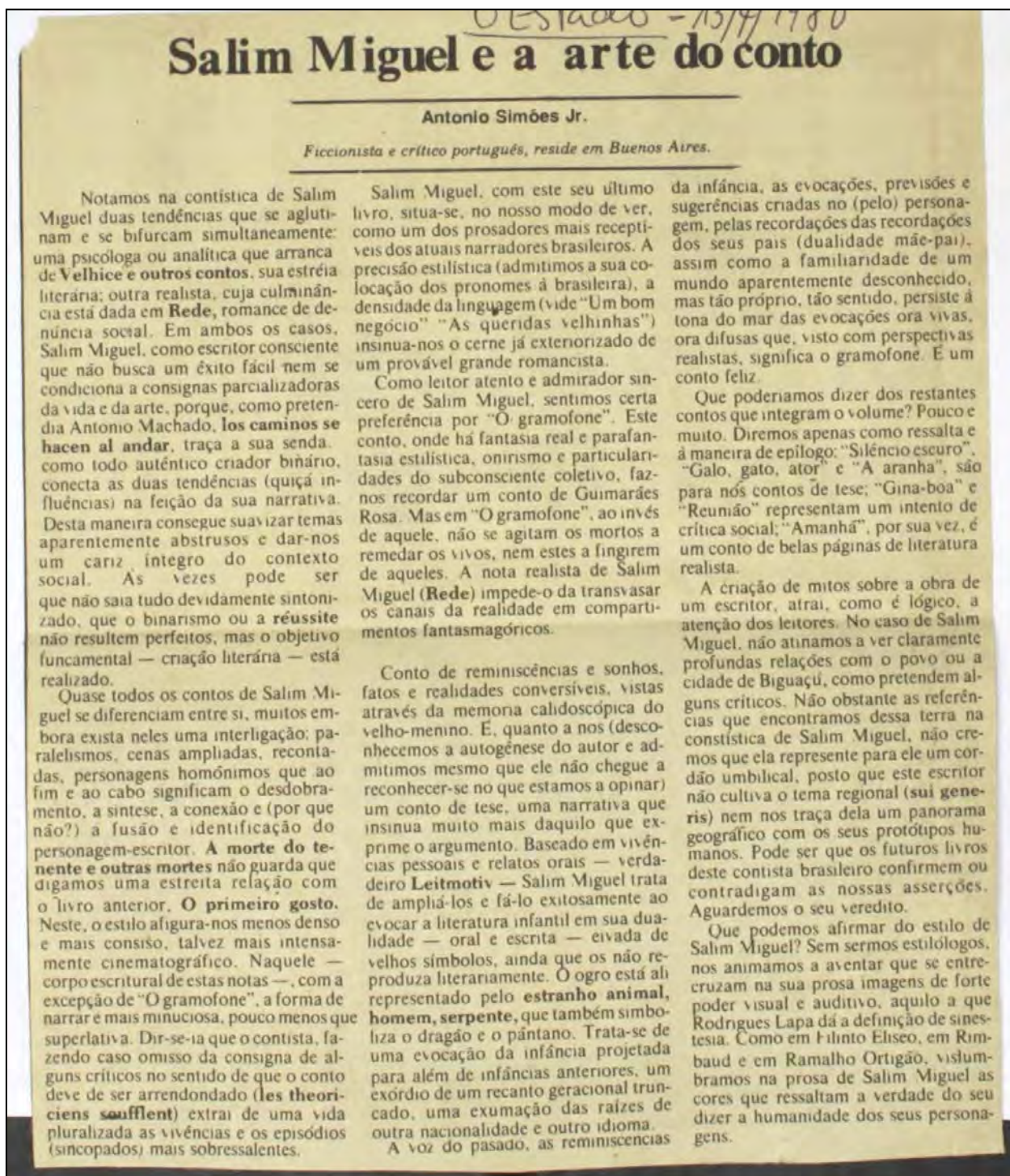


e outras Mortes". Tem contos e artigos de crítica publicados em jornais e revistas do Brasil e do exterior. Produziu, em conjunto com outros autores, vários argumentos para o cinema. Organizou várias antologias literárias e fundou, no Rio, a revista "Ficção".

4

003: Salim Miguel e a arte do conto: ficcionista e crítico português, reside em Buenos Aires

SIMÕES JUNIOR, Antonio. Salim Miguel e a arte do conto: ficcionista e crítico português, reside em Buenos Aires. **O Estado**. Florianópolis, 13 abr. 1980, pag. 18.



004: Escritor deve publicar: nem que para isso precise vender a alma

KARAM, Elisabete; VICENZI, Celso. Escritor deve publicar: nem que para isso precise vender a alma. **O Estado**. Florianópolis, 14 jun.1980, pag. 17.

O ESTADO — Fala-se muito que a poesia está em crise, que não há leitores. Os próprios editores têm recusado editar poesia porque afirmam que não vende. Mas de repente há um concurso como este em que mais de 2.300 poetas participam e uma boa parte, de alto nível, conforme atestou a própria comissão julgadora. Afinal, a poesia está realmente em crise ou é o mercado editorial?

Edla van Steen — Eu acho que o mercado da poesia é difícil no mundo todo, não só no Brasil. Vou lá para os Estados Unidos, converso com poetas e vê que eles fazem pequenas edições em zero e leituras nas Universidades. É verdade que lá eles são subencionados para escrever. Mas a poesia, que sempre foi o mais nobre caminho da literatura, hoje continua sendo a mais nobre só que menos divulgada porque os editores têm problemas de venda no mercado. O livro está tão caro que hoje um editor, num livro de 300 mil exemplares, está investindo no autor por volta de Cr\$ 300 mil. Imagine a dificuldade que ele tem de investir toda esta quantia na poesia e tentar convencer um público viciado na televisão, em olhar e consumir a palavra. Mas as editoras que têm coragem estão tendo muito sucesso. Está aí a coleção da Nova Fronteira e do Massao Ohno, que apesar do número não ser muito grande, está tendo muito sucesso. O poeta quando escreve não está visando a edição, mas escrevendo, poetando. Edição é posterior.

Ruy Espinheira Filho — Realmente editar poesia é difícil em qualquer lugar do mundo. Mas tem outras coisas também. Houve uma fase na poesia brasileira de radicalismo muito grande — as chamadas vanguardas, que muitas vezes eram extremamente reacionárias. As vanguardas fecharam de tal maneira que esqueceram que poesia é sobretudo emoção, reflexão. E talvez a forma literária que mais toque o íntimo do ser humano.

Edla — Exemplificando isso que você falou, nós temos um poeta maravilhoso no Rio Grande do Sul — Mário Quintana — que as vanguardas deixaram esquecido por 10 anos.

Ruy — Pois é, mas agora as vanguardas vão ficar esquecidas por mil anos e Mário Quintana não. É o irritante é isso, que as pessoas ficam fazendo escolhinhas literárias, inclusive criando situação de brigas infantis, tipo "eu sou da escola tal" e então só presta quem escreve dentro dos padrões desta escola. Isto é uma mistificação muito grande. Literatura é uma coisa mais ampla. Isto serviu para afastar o público leitor, que pagava um livro "uma-dena-uma não sei mais o quê" e dizia: "Pô, mas que diabo é isso aquilo". Então vinha um sujeito e derrubava 30 a 40 páginas de teoria literária em cima daquilo e demonstrava brilhantemente que aquilo era um achado intelectual importante. Mas e daí? Cade a emoção estética? Inclusive não era só o leitor comum, mas também o especializado. É o pior é que o leitor sentia-se burro e deixava de ler o livro. Diante daquilo ele dizia assim: "Mas isso é que é poesia?"

Osmar Pisani — Acho que a Edla colocou muito bem o problema da poesia, mas creio que a fase de esterilidade está passando. É evidente que a poesia boa está acima de tudo isso aí, porque ela permanece, fica pra sempre. Acho também que nunca se editou tanto no Brasil. O problema aí é a qualidade do produto. Uma fase de vanguarda está passando, ela está totalmente aberta e eu creio na poesia acima de tudo.

Barbosa Lessa (escritor, secretário de Cultura do Rio Grande do Sul), **Herberto Sales** (escritor, diretor do Instituto Nacional do Livro e membro da Academia Brasileira de Letras), **Raimundo Magalhães Junior** (escritor e membro da ABL), **Edla Van Steen** (jornalista e escritora), **Armando Trevisan** (poeta e professor universitário em Porto Alegre), **Ruy Espinheira Filho** (classificado em primeiro lugar no Concurso Cruz e Sousa), **Ione Giannetti Fonseca** (segundo lugar) e **Osmar Pisani** (melhor carterinense), em meio à programação oficial, reuniram-se para uma conversa sobre a poesia e literatura.

Eles, e mais outros escritores, participaram em Florianópolis da entrega de prêmios do concurso "Cruz e Sousa" que aconteceu na tarde de sexta-feira no Teatro Alvaro de Carvalho.

Participaram da conversa também o poeta **Lindolf Bell**, o crítico literário **Salim Miguel** e os repórteres de **O ESTADO** **Elisabeth Karam** e **Celso Vicenzi**.

"Escritor deve publicar. Nem que para isso precise vender a alma".

Rui — Não se pode esperar que a literatura faça a redenção da humanidade, faça a revolução. Agora é importantíssimo no aspecto em que se possa alcançar a

com o Chico Buarque e ele me disse que jamais quis em sua casa música e também não permite, porque não admitia ficar ouvindo música em background. A música, para ele, é uma coisa tão séria que não pode ficar ouvindo sem prestar atenção. É a mesma coisa com relação ao livro. Quando se abre o livro, exige-se uma concentração.

Lessa — Eu sinto tamanha sede de conhecimento por parte do povo, uma busca de novas mensagens que me parecem válidas todos os meios possíveis e imaginários de levar ao consumo a obra de arte. O próprio poster político tem validade, porque vai ser lido. A escrita não é se serve da poesia afixada na parede para transmitir uma ideia religiosa.

Rui — Sou totalmente contra isso, não tenho nenhuma dose de misticismo. Eu exeluo estas coisas, não como uma reação contrária. Mas a poesia, como veículo de transmissão de sensações metafísicas, é muito perigosa, porque pode ser utilizada de mil maneiras diferentes. Porque a metafísica é inargumentável. Eu conheço pessoas, por exemplo, que adoram Jesus e são intolerantes, em nome da tolerância. Então isso é perigosíssimo no momento em que sai do racional. Quem tem fé pode fazer o certo e o errado e sempre justifica. Eu acho que a única coisa de grande que temos é o racional, sem isso somos animais. É isso que nos faz prestar para alguma coisa. Mas quando se abre não do racional e começa a se apoiar para a metafísica, pode ser levado para o bem ou para o mal. Então as Testemunhas de Jeová não fazem transusão de sangue porque a religião é contra, e crianças morrem por causa disso.

Lessa — E os proferidos de Salomão, chegaram até hoje por força da fé ou por força da sua mensagem?

Rui — Eu acho que por força da estória, da beleza poética. Temos um exemplo histórico. A Bíblia diz que "não deixará viver a feiticeira". Por causa disso se nasceu, na Idade Média, milhares de pessoas. Em nome da fé. Que coisa horrível.

Ione — Mas isso é um componente da natureza humana que se manifesta em pessoas pouco desenvolvidas. Um componente ao qual nós todos podemos regressar em momentos de grande crise.

Edla — Mas você não tem fé no ser humano?

Rui — Não é fé. Nada nos garante o futuro do ser humano, mas temos exemplos de que pelo menos por uma parcela do que o ser humano fez, merece ser preservado.

Pisani — Voltando à poesia, este meu poema nasceu há 13 anos e foi amadurecendo. Eles não são fáceis, no entanto, um rapaz que não deve ter nem o curso primário disse: "seu poema me fez muito bem, gostei muito". Eu não entendi como, mas fiquei emocionado. Ele leu no jornal e se sentiu bem, aquilo fez muito bem.

Rui — O escritor não pode querer coisa melhor.

Edla — E não tem porque essas pessoas não ler a mesma sensibilidade do que outro, de outro nível. Eu acho que o bom leitor é o sensível, não é nem o mais culto, meu, o mais erudito. É o sujeito capaz de receber o que está lendo.

Pisani — Só completando a minha colocação, à medida em que a poesia se torna metafísica, fica limitada, segundo Proust.

Rui — É o caso de Jorge de Lima, um poeta genial que, no momento em que ficou excessivamente religioso, sua poesia desceu. Drummond não perde o pé da terra. João Cabral, ao responder porque não aderiu ao concretismo, disse que era como o trampolim, vivia no ponto, mas permanecia com o outro lado preso à terra.

OE — Falando de concursos, eles recebem muitas críticas no sentido de que é realizado um esporadicamente e depois tudo morre, até a realização do outro.

Edla — Eu acho que mudam os governos, os governantes mudam, mas os valores culturais dos brasileiros não mudam.

precise vender a alma”.

OSCAR PISANI — Acho que a *Edla* colocou muito bem o problema do poeta, mas creio que a fase de esterilidade está passando. É evidente que o poeta não está acima de tudo isso aí, porque da permanência, fica pra sempre. Acho também que nunca se editou tanto no Brasil. O problema aí é a qualidade do produto. Uma fase de vanguarda está passando, ela está totalmente aberta e eu creio na poesia acima de tudo.

Edla — Eu não concordo com algumas coisas, Pisani. Eu acho que os contemporâneos temos uma facilidade muito grande de julgar o que é bom e ruim. A gente sabe pela história da literatura que o que é bom hoje pode não ser amanhã. O que é ruim hoje pode ser valorizado 20 anos depois. O critério não é nem de qualidade.

Que se edite tudo, bom e ruim — mas que se edite todas as formas literárias e não só o conto numa fase, o romance em outra fase — para que cada uma dos setores literários tenha a sua chance.

Pisani — Mas que parâmetro se tem para enforçar a obra que vai ser editada? Isto também é relativo! Certamente hoje está melhor do que antes, pela facilidade de publicação.

Landolf Bell — Vocês tocaram no assunto das vanguardas... Acho que a vanguarda que foi dos anos 68 até 1975, foi uma época em que muita coisa se produziu, não só em termos de vanguarda. Os concretos, que não um dos grupos chamados de vanguarda foi dos que mais influenciaram Mário Quintana. Na época da vanguarda, havia outros movimentos, havia outros trabalhos. Podiam sair as ruas, para as portas das fábricas, para as escolas, para as boates, acreditando que eles podiam ser um instrumento de comunicação do seu trabalho. Acho que não foi uma época tão negra assim.

Yone Giannetti Fonseca — Sobre essa discussão das vanguardas, eu vejo da seguinte maneira. Na época das vanguardas, eu acho que a vanguarda não era uma coisa que se produzisse, mas sim uma atitude, uma atitude de quem não se conforma com o que é, querendo mudar a realidade que o cerca? Pisani — Há poetas elitistas e eu pertencio a esta linha. Eu jamais posso fazer poemas com função social, porque eu não vivo lá embaixo. O meu poema é mais fechado.

Edla — A sensibilidade é mais aberta do que a experiência vivida.

Pisani — Existe uma infinidade de poetas fazendo poemas das maneiras mais diferentes. Uns se aproximam do povo, mas é muito difícil porque jamais alguém atingiu o povo porque ele não vem do povo. Você lê um poema na fábrica, na universidade, é um pouco difícil, porque não vem dele. Tem que partir do povo para o povo. Até hoje nenhum movimento conseguiu envolver o povo porque não parte dele. A única solução é fazer como Gil, Caetano e Chitão — cantar seus poemas para atingir milhões de pessoas.

Edla — Povo não é uma coisa abstrata e sim várias camadas de povo. Nunca se atinge o povo na sua totalidade, se atinge camadas do povo.

OE — Retomando a conversa sobre o engajamento social do escritor em relação à obra...

Rui — Eu cito Pound: “a obrigação do escritor é escrever, e bem”. Agora, esse tipo de colocação de que o escritor “deve” fazer isso ou aquilo, me parece uma discussão um pouco vazia porque o escritor faz o que pode. No meu trabalho acontece isso: eu estou pensando em uma parte literária e outra já com preocupação social. Mas isso não parte de uma proposição. Graciliano Ramos, por exemplo, não podia fazer outra coisa a não ser o que Graciliano podia fazer, e fez aquelas maravilhas. Mas, por outro lado, um outro autor totalmente diferente de Graciliano, fez exatamente aquilo que podia fazer. Então, quando a uma responsabilidade social do escritor, sabe, o mundo está aí, o cotidiano está aí, o nosso convívio social está aí. Se o escritor deve escrever sobre problemas sociais? Me parece que ele escreve, não porque deve escrever, mas porque flui naturalmente, ele vive no cotidiano e não pode fugir disso.

Pisani — A minha colocação foi de que deve partir do povo a manifestação social ou política de suas necessidades. Eu vejo a literatura sem nenhuma função e não ser a de preservar-se a si mesmo. Encaro a poesia como uma forma de preservação da minha política, social e econômica e então sentido eu não tenho as ansiedades e apressões da minha classe ou do próprio povo. Essa coisa forte me atinge, basta abrir os olhos. Então eu não uso a literatura como uma forma de protesto ou libelo. A minha literatura pertence a si mesma, só. Para mim o poema passa de uma plataforma de soneto, às vezes atinge, ridiculariza e critica toda a miséria da condição humana.

Edla — Não se pode esperar que a literatura faça a redenção da humanidade, faça a revolução. Agora é importante pensar no aspecto em que se possa alcançar a reflexão. Claro que não estamos num país de 50% de analfabetos, mais analfabetos ainda depois do Mobral. Estamos num país em que o pessoal não tem dinheiro para comprar feijão, farinha e carne, então, não se pode esperar que o poeta escreva livros. Também não pode me basear a nível literário para atingir o povo, como muitos defendem. O povo não é idiota, apenas está no sufoco, trabalhando de 12 a 15 horas para sobreviver.

Lessa — Eu acho que é uma questão de acesso. O seu poema “Canção da Moça de Dezembro”, qualquer pessoa que tenha um pouco de sensibilidade, independente de um grau de cultura, se comunique fabulosamente. Então há uma dificuldade de encontro entre as camadas populares com os poetas. Havendo este encontro, tenho quase a absoluta certeza de que o poema será aplaudido porque é universal e muito bem colocado.

Rui — Eu acho que a literatura tem que procurar isso. Por isso a minha birra com as vanguardas, porque fecharam demais, se intelectualizaram e se afastaram demais desta comunicação humana. Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, é um poeta altamente sofisticado. Mas dizer no palco seus poemas, que força maravilhosa. Fizemos esta experiência em Salvador, como as pessoas sentem aquilo, porque ele é um ser humano falando para seres humanos, não está fazendo nenhuma pirueta literária, está falando para gente igual a ele.

Yone — Eu concordo com tudo isso. Só quero fazer uma colocação de que, quando você estava lendo seu poema, a ideia que me ocorreu é que parecia ser musical e, talvez desta maneira, tivesse esse acesso que tanto desejamos.

Lessa — Eu cito no depoimento do Rio Grande do Sul que talvez seja *vi-generia*. A grande multidão consumidora de cultura lá prefere ainda o poema sem a

que, no momento em que fosse excessivamente religioso, seu poeta desvia. Drummond não perde o pé da terra. João Cabral, ao responder porque não aderiu ao concretismo, disse que era como o trampolim: sobra no ponto, mas permanece com o outro lado preso à terra.

OE — Falando de concursos, eles recebem muitas críticas no sentido de que é realizado um esporádico e depois tudo morre, até a realização do outro.

Edla — Eu acho que mudamos os gêneros, os gêneros não mais ou menos dentro do problema cultural. Quando um Governador é sensibilizado pelo assunto cultural, é capaz de se dedicar melhor por anos, mas que a concepção das necessidades de se promover a cultura, seja ela através de concursos, de concertos, de exposições. O que acontece é que nem sempre os governantes são sensíveis à cultura. E a cultura é única maneira de um povo adquirir identidade. O brasileiro é um povo sem identidade ainda hoje. Cada vez que há um concurso desce, é a descoberta de que várias pessoas estão tentando criar a nossa identidade. Eu acho que o concurso é interessante a medida em que revela algum sensível à cultura. Deveria ser uma norma de todos os Governos de dar uma atenção prioritária à cultura. Não prioritária, primeira a fome, mas uma atenção especial à cultura. Neste concurso, por exemplo, os vencedores foram um naturalista, um botânico e uma mineira que, se não fosse por isso, poderiam desaparecer.

Yone — Ali a oportunidade desta nossa experiência aqui é um subproduto deste concurso que eu acho muito válido.

Edla — Para isso, é uma oportunidade também de Governo retribuir o quanto que recebe. É uma retribuição, e impulso também serve para retribuir culturalmente.

Lessa — Eu diria que o Governo está constantemente promovendo concursos. Mas curiosamente estes concursos têm uma resposta mínima. O que foi impresso no caso do “Cruz e Sousa” e no Concurso de Contos do Paraná é que houve uma resposta numérica espantosa. Mas o concurso tem um mérito muito importante porque a nossa cultura está centralizada no Rio e São Paulo. Nos Estados, apenas nas capitais. No Rio Grande do Sul temos 1 milhão de portuálgrenses e 7 milhões de riograndenses do interior. No entanto, o Governo Federal, Estadual e o próprio municipal centralizam quase que 90% de sua atividade cultural na capital, marginalizando toda essa imensa população do interior. E o concurso, pela sua abertura geográfica, o que eu acho impressionante é que conseguiu trazer concorrentes do Amapá, de Goiás, de todo o País. Por isso, a grande vantagem que eu vejo nos concursos é esta descentralização da cultura.

Pisani — Eu acho que o concurso é importante porque desencadeia uma série de encontros, debates e discussões. A nível estadual, há o Luiz Delgado, para se universitários há um promovido pela UFSC. Então, esse novo concurso abrange praticamente todo o Brasil. Ali há um retorno cultural.

OE — Mas você acha que houve este retorno no caso do “Cruz e Sousa”? Só para o entrega dos prêmios vieram mais de 10 escritores que não deram uma palestra aqui, não participaram de um debate com o público.

Edla — Amanhã (ontem) nós vamos ao curso de Jornalismo da universidade.

OE — A única, mas que não foi programada pelos organizadores do concurso. E aconteceu pela iniciativa do próprio curso, que se interessou e veio até aqui fazer o convite. Mas tudo em cima da hora.

Lessa — Mas, veja bem, nós temos que centralizar a nossa atenção nos vencedores. Eu acho que, se começarmos a fazer uma série de eventos paralelos, vai terminar exaustando a grande sensação que é o de homenagear os poetas.

Edla — E também tem a repercussão nacional disso. Mas eu concordo plenamente com a pergunta. Eu acho que teria sido muito bom também que houvesse sido programado um encontro das pessoas convidadas com gente de Santa Catarina. Esta seria uma contribuição fantástica que eu conheço o que os catarinenses estão pensando, e este material nós vamos levar, assimilando a cultura catarinense mesmo, o que não é possível na cerimônia oficial.

Edla — Apesar da televisão, eu sinto que hoje o Brasil inteiro está pronto para o diálogo. Há uma calma aí de uma 30, 18 anos, de silêncio. Então não fomos do reclusão. De repente, em qualquer lugar que se vá, se percebe que está todo o mundo conseguindo transmitir, conversar, dialogar. Há um clima novo de interesse humano.

Rui — De repente, começou a “pintar” aquela selva histérica de que nós temos também uma participação nisso tudo.

“O melhor leitor não é o mais culto. É o mais sensível”.

deares de pessoas.

Edla — Povo não é uma coisa abstrata e sim várias camadas de povo. Nunca se atinge o povo na sua totalidade, se atinge camadas do povo.

OE — Retomando a conversa sobre o engajamento social do escritor em relação à obra...

Rui — Eu cito Pound: “a obrigação do escritor é escrever, e bem”. Agora, esse tipo de colocação de que o escritor “deve” fazer isso ou aquilo, me parece uma discussão um pouco vazia porque o escritor faz o que pode. No meu trabalho acontece isso: eu estou pensando em uma parte literária e outra já com preocupação social. Mas isso não parte de uma proposição. Graciliano Ramos, por exemplo, não podia fazer outra coisa a não ser o que Graciliano podia fazer, e fez aquelas maravilhas. Mas, por outro lado, um outro autor totalmente diferente de Graciliano, fez exatamente aquilo que podia fazer. Então, quando a uma responsabilidade social do escritor, sabe, o mundo está aí, o cotidiano está aí, o nosso convívio social está aí. Se o escritor deve escrever sobre problemas sociais? Me parece que ele escreve, não porque deve escrever, mas porque flui naturalmente, ele vive no cotidiano e não pode fugir disso.

Pisani — A minha colocação foi de que deve partir do povo a manifestação social ou política de suas necessidades. Eu vejo a literatura sem nenhuma função e não ser a de preservar-se a si mesmo. Encaro a poesia como uma forma de preservação da minha política, social e econômica e então sentido eu não tenho as ansiedades e apressões da minha classe ou do próprio povo. Essa coisa forte me atinge, basta abrir os olhos. Então eu não uso a literatura como uma forma de protesto ou libelo. A minha literatura pertence a si mesma, só. Para mim o poema passa de uma plataforma de soneto, às vezes atinge, ridiculariza e critica toda a miséria da condição humana.

música.

Edla — Talvez por eu ser ficcionista gostaria de falar nisso um pouquinho. Eu acho muito importante a leitura, a concentração na palavra escrita. É uma intimidade com o texto que não se tem se o poeta oral ou a música do. A música dá intimidade à música.

Lessa — Eu concordo em musicar um poema quando for um tipo de música que sirva ao poema, exemplo típico das nossas velhas e esquecidas modinhas imperiais, que a qualquer momento podem ressurgir com força total. Quando o poeta é apoiado pela música para que o texto seja melhor sentido, aí é válido. A modinha é um gênero brasileiro que está aí, caído de maduro, para ser aproveitado pelos poetas.

Edla — Mas você não acha que há uma diferença entre o poema musicado e o poema escrito?

Rui — Eu tenho já experiência de letra de música e acho completamente diferente. Tenho duas letras gravadas, uma pelo Quinteto Violado e outra por Joana. O poema traz em si, inclusive, a própria música, ao passo que a letra de música é apenas uma parte que se funde com outra. Já o poema tem que ter sua própria música, por isso é muito difícil de ser musicado.

Lessa — Há uma grande diferença, mas a comunicabilidade torna-se mais forte.

Rui — Isso que você falou da sua intimidade com o texto é uma coisa que me preocupa muito. Eu vejo isso das pessoas. O prazer de ler um livro e ler é um prazer singular que nada substitui, não tem declamação, não tem nada. Um proador como Pedro Nave, por exemplo. Eu fico embasbacado como ele consegue fazer aquela coisa maravilhosa. Não se pode imaginar outro estilo para aquilo que Pedro Nave faz o não ser aquele livro e aquela maneira de fazer — a palavra escrita. Talvez se ele dissesse ou falasse, não fosse a mesma coisa.

Edla — Eu acho que o ato de abrir um livro já é uma postura, uma concentração específica. É uma entrevista

005: A arte do conto na obra de Salim Miguel

CORRÊA, Nereu. A arte do conto na obra de Salim Miguel. **O Estado**. Florianópolis, 21 fev. 1982, pag. 13.

A arte do conto na obra de Salim Miguel

Nereu Corrêa

Um breve confronto entre o primeiro livro de contos de Salim Miguel, **Velhice e outros contos** (FCC Edições, 2.ª edição), e **A Morte do Tenente e outras mortes**, seu último livro, logo nos mostrará a evolução por que passou o autor no seu processo narrativo. Os volumes intermediários – **O primeiro gosto** e **Alguma gente** – ainda estão presos à técnica adotada no livro de estréia, embora já se observe, de um livro para outro, maior apuro da linguagem e um domínio crescente na arte do diálogo. E por falar em diálogo, eis aí uma qualidade que temos ab initio de creditar a Salim Miguel, a naturalidade com que põe a falar os seus personagens, o sabor de oralidade que dá ao leitor a sensação de estar participando das conversas como um dos interlocutores. E o diálogo, como se sabe, se não é tudo no conto, já é um elemento altamente positivo na sua estética, principalmente no conto moderno, onde a estrutura humana transcende a estrutura imaginativa. Observe-se ainda que em todos seus contos Salim Miguel consegue reproduzir com mestria a linguagem oral, em frases por vezes pontilhadas de reticências, de interjeições, de elipses e de sons inarticulados. Eis aqui um exemplo extraído de **O primeiro gosto**: “– É, isto é, então não haverá de ser! Mulher é, claro que é, já se viu... que coisa... é ora... bem... explico... como não ia ser... que que está pensando... é...” Lidas assim, isoladamente, essas palavras talvez pareçam ilógicas, sem nenhum sentido aparente. No contexto, porém, elas configuram os engasgos de um personagem que mastiga as palavras meio obnubilado emocionalmente por um começo de irritação. Outro exemplo de coloquialismo na fala dos seus personagens: “– Quanto tempo faz que eu não durmo com mulher! Estou com uma vontade, ocha! Mu-

lher é bom, né? Hein, patrão! A última vez, sabem, foi num lugar que chamavam de Serra Alta. Nem sei mais se Santa Catarina ou Paraná. Uma galgona boa, carnuda, uma peitarama, parei lá, o homem dela estava fora, fiz o meu joguinho, deu deu, não deu não deu, paciência. A gente precisa de mulher, né?”

Afora a técnica de composição, que praticamente se mantém inalterável nos três primeiros livros, o estilo do autor como que se adelgaça, ajustando-se com maior precisão às reações interiores dos personagens, na medida em que os acidentes dramáticos cedem lugar aos incidentes psicológicos, uma tendência que se amplia no seu último livro, **A Morte do Tenente e outras mortes**, onde o autor, fazendo emergir do fundo da memória o plasma das suas vivências, emprega um estilo que se aproxima do realismo mágico dos modernos autores latino-americanos. Às vezes é um simples objeto que serve de ponto de partida para explorações no tempo, com incursões memorialísticas de fundo existencial, de que são exemplos os contos “Um homem sem cadeira”, do livro **O primeiro gosto**, e “A Morte do Tenente”, do seu último livro. No primeiro conto uma velha cadeira abandonada que pertenceu ao bisavô, depois ao avô e finalmente ao pai do autor, serve de ponto de referência para um soliloquio em torno do tempo e do perpassar das gerações, dentro de uma técnica por assim dizer proustiana, em que se fundem o introspectivo e o memorativo. No conto “A Morte do Tenente” é um velho gramofone com a sua música que desperta no personagem lembranças do passado, numa atmosfera por vezes lúrida, mas de intensa significação psicológica.

O memorialismo, aliás, é um elemento de que se nutrem quase todos os contos de Salim Miguel, quando não seja de fundo vivencial, ao

menos respaldado na memória voluntária. Uma observação, aliás, que pode ser estendida a quase todos os contistas modernos, pois enquanto no conto tradicional a trama romanesca era o resultado de uma operação do espírito, cujo fulcro se radicava na imaginação, no conto moderno o engenheiro criador se embebe de motivos existenciais vividos pelo autor, ora como protagonista, ora como observador dos dramas quotidianos. Desde Tchecov e Catherine Mansfield a antiga estrutura dramática do conto foi substituída pela atmosfera, o enredo pela acumulação de pequenos incidentes, sem conseqüências episódicas, mas de intensa carga subjetiva. É dentro dessa linha mansfieldiana, ou tchecoviana – como quiserem – que se inscreve o contista catarinense Salim Miguel.

O primeiro conto do livro agora reeditado, “Carnaval; casos de Espiridiano”, é uma narrativa sem o compromisso de ser uma história propriamente dita. Até aí nada de mais, pois esse é o tom de quase todos os contos de Salim Miguel. Mas, na história acima referida, parece que o autor quis dar uma demonstração dos seus recursos visualísticos, na pintura de um quadro em que entra em largas doses a descrição do Carnaval de rua de Florianópolis. Dentro desse pano de fundo enfoca dois personagens, um extrovertido, de língua desatada, e o outro um tipo macabundo, ruminando outras conjecturas, indiferente às idéias do companheiro. O conto, que parecia uma intercâmbio entre o tédio de um personagem e a extroversão do outro, termina com duas historietas cômicas narradas pelo segundo personagem sobre um tipo popular famoso na cidade pelas suas “facadas”.

Como conto, é talvez o mais fraco do volume.

Entre os melhores trabalhos apresentados neste livro de estréia, eu apontaria o tríptico “Velhice I”, Velhice

II” e “Velhice III”. São histórias que se interligam pela atmosfera meio lúgubre dos ambientes visitados pelo autor nos seus contatos com pessoas idosas, quando exercia as funções de agente recenseador. Essa atmosfera sombria impregna-se no leitor, causando-lhe uma forte

impressão de presença no ambiente em que as velhinhas viviam do passado, com as suas recordações e as suas histórias de família, algumas trágicas, como a do último conto, sem dúvida o melhor dos três. Enquanto ouve as mulheres, o autor vai registrando as suas próprias reações, a sua perplexidade diante daquelas criaturas isoladas do mundo, mais interessado em recolher elementos para um possível tratado de psicologia dos velhos do que em coletar dados estatísticos sobre a sua vida civil.

Em “Medo” o autor realiza um outro tipo de experiência. Quase todo em monólogo, o desenrolar da ação se processa através de uma ótica introspectiva. É a história de um moço que fora mordido por um cão que ele supunha rarvoso. A tensão da narrativa gira em torno do medo, o que leva à angústia vivida pelo personagem. Foi pena que esse conto, tão bem estruturado em suas linhas gerais, tivesse terminado com uma observação aciana do autor sobre a morte, quando o fecho natural estaria no próprio sono (ou na morte?) do personagem.

“Alvínia, essa minha noiva” é um conto híbrido, enfiando duas histórias entrelaçadas, uma real, cuja ação se desenvolve dentro de um ônibus, com fragmentos de uma conversa entre um estudante de medicina e uma mulher, e a outra fictícia – arquetizada pelo autor, que é um dos passageiros. A história que está sendo elaborada mentalmente pelo autor-personagem, é interrompida de quando em vez pela outra, durante um percurso cheio de incidentes entre os passagei-

ros. Temos nesse conto a própria ficção tipificando dois estilos, duas técnicas na arte de narrar: a que se baseia no flagrante, do conto moderno, e aqui decorre de um processo de elaboração mental.

“História banal” não tem a unidade exigida pelo gênero, mas é, do ponto de vista da linguagem, uma peça que se destaca da série, impondo-se à atenção do leitor. Escrita quase toda em estilo coloquial, fluindo na urdidura do diálogo, este conto é mais um exemplo da técnica em que os pequenos incidentes do cotidiano se sobrepõem ao episódio, típico do conto de hoje. O autor revela aqui um seguro domínio da linguagem. Aquela página do menino morto seguida de um monólogo é de uma beleza soberba. Ainda dentro dessa técnica é o conto “Jantar em família”, este sem dúvida o melhor do volume, em termos de conto, quase todo construído com base no diálogo durante um jantar do qual participam membros de uma família representantes de três gerações. O conflito das gerações no entrelaço das idéias e no comportamento de cada um, retratando um drama que se tornou habitual nos nossos dias, emerge do próprio diálogo, que não raro assume as formas mais derrisórias nos desencontros das idades. É a própria história que se auto-realiza através do diálogo e do monólogo, conduzidos em dois planos: o exterior e o subjetivo.

Velhice e outros contos, quando surgiu, em 1951, como obra de estréia, mais do que uma promessa, já era positivamente uma afirmação dos dotes do autor como ficcionista da história curta. Os defeitos, acaso existentes nesses contos, não ofuscam os méritos do narrador. Méritos que se acentuam nos livros posteriores, atingindo o seu ponto culminante em **A Morte do Tenente e outras mortes**, com o qual Salim Miguel conquistou um lugar entre os melhores contistas da moderna ficção brasileira.

006: O pequeno mundo de Salim Miguel

SCHULER, Donaldo. O pequeno mundo de Salim Miguel. **Zero Hora**. Porto Alegre, 14 out. 1983.

O pequeno mundo de Salim Miguel

DONALDO SCHULER
Escritor

Onde procurar o centro do mundo? Exceto as misteriosas naves espaciais que com frequência alucinante nos visitavam na década de 60 com teimosa preferência por regiões periféricas, até as crianças sabem que é Moscou, Nova Iorque, Londres, Paris e Tóquio.

Brasília e Buenos Aires, em afronta ao nosso incurável orgulho nacional, não contam. Os senhores do FMI que o digam. As decisões de um Fundo que comanda a circulação de dólares vale mais do que dezenas de discursos jactanciosos, milhares de deliberações políticas, milhões de protestos anônimos, que falam e calam no bojo sombrio das urnas.

Salim Miguel se apropriou da perspectiva dos navegantes dos OVNI's, situando o centro das operações mundiais em Biguaçu, que além dos litorâneos de Santa Catarina, poderá ter permanecido na memória de um ou outro turista menos apressado. Quem lhe levará a mal na preferência? O centro é o lugar em que estamos. Mas o autor, envolvido em movimentos de vanguarda tanto em Santa Catarina como no centro do País, poderia ensalar vãos mais ousados. Fixa-se, entretanto, em Biguaçu. Cada louco com a sua mania! Já tornou-se truismo dizer que os artistas são loucos à sua maneira. Mas aí a loucura se torna séria, porque investe com deliberação contra as fortalezas da razão esclarecida, às vezes protegi-

da por satélites e controles eletrônicos. Só os loucos não tremem.

Pois bem! Biguaçu. Assim o determina o contista. Tudo se reflete em Biguaçu: a ascensão de Hitler e a marcha vitoriosa dos gaúchos comandados por Getúlio. O contato não se resume à vida epidérmica. O Terceiro Reich afeta o comércio de Biguaçu, desarticulando a ordem econômica das famílias. A deliberada miopia do contista passa a acompanhar a tragédia do modesto vendedor de camarões que em virtude do conflito mundial — que não lhe interessa e não entende — vê apodrecer o produto de que depende sua subsistência. A Revolução de 30, de obscuros objetivos, torna-se palpável na azáfama do quarto de costura, no choro das crianças, no armazenamento de gêneros alimentícios. O mundo das telas luminosas aparece nas fantasias da moça humilde que se enxerga através do corpo de uma atriz de sucesso. Está aí o roteirista de cinema, no pleno domínio da arte cinematográfica, recriada na ficção literária.

Com esta estratégia, Salim Miguel reduz os grandes acontecimentos nacionais e internacionais ao tamanho do homem anônimo, posto à margem da história, mas carregando o mundo nos ombros como qualquer dos figurões homenageados em palanques oficiais.

Biguaçu, por não estar sujeito às modificações do tempo, assiste estático às transformações. Passa Hitler e passa Getúlio, como passam todos os que passam por Biguaçu, Biguaçu permanece



Salim Miguel, escritor catarinense

como silenciosa testemunha das esplêndidas tolices do homem. O curandeirismo de Biguaçu é ridículo? Tão ridículo como o remédio dos líderes messiânicos que em nome da salvação do mundo ensanguentam o globo. E quem poderá denunciar a gratuidade do colecionador de gravatas-borboleta, se gratuita é a própria essência da arte?

A morte, presente no título, encarrega-se de aniquilar os que se julgam indispensáveis ao funcionamento da engrenagem social como o tenente do primeiro conto. Já que a morte não poupa ninguém, as outras mortes apresentam-se como variações desta, iguais nas consequências. O que resta? Resta o viver intenso do momento que passa e nisso a vida das "queridas velhinhas", alheias aos ruídos dos acontecimentos coletivos, impõe-se exemplar.

Os reflexos deste rincão são preservados pela prosa ágil de Miguel Salim desdobrada em muitos níveis, misturando vozes cultas e estereótipos popularescos, credíes e esperanças, fragmentos do passado e ardentes ilusões, múltiplos tipos humanos situados em várias faixas de idade. Sem pretensão de unificar o múltiplo num fundamento que sustente o todo, segundo antiga tradição ocidental, o contista busca o valor do acontecimento, na própria emergência e sabe iluminá-lo com a fugacidade de um raio de sol, em *A Morte do Tenente* e *Outras Morte* (Rio, Antares, 1979).

*Zero-Hora
Porto Alegre*

007: Turismo como educação: Salim Miguel quer uma abertura para a natureza

TURISMO como educação: Salim Miguel quer uma abertura para a natureza. **Correio Braziliense**. Brasília, 04 jun. 1983.

Salim Miguel é uma figura múltipla. Escritor por definição, já andou envolvido em várias outras artes e atividades. Agora, empenha-se numa função que considera fundamental: a recuperação do Forte da Ilha de Anhatomirim, em Santa Catarina, para transformá-lo num paraíso turístico, um retiro para artistas, num local em que a pessoa, além de fazer turismo, aprenda a criar uma consciência em torno da importância dos monumentos e da preservação da fauna e da flora marinhas. Com esse objetivo, em nome da Universidade de Santa Catarina, ele está em Brasília para contatos com a Fundação Pró-Memória e com a Marinha para ver as possibilidades de uma colaboração. Em entrevista a Maria do Rosário Caetano, Salim fala de seu projeto e aproveita para contar alguma coisa de sua vida.

escritor catarinense, Salim Miguel, está em Brasília para manter contatos com a Fundação Pró-Memória. Na pauta, a recuperação do Forte da Ilha de Anhatomirim, construção erguida pelos portugueses, em 1774, para se defenderem dos ataques espanhóis. Batizado de Forte de Santa Cruz, a construção se compõe de capela, quartel de comando, armazém de pólvora, palot de farinha, quartel das tropas, casa de palamenta (manutenção do armamento) e cozinhas.

Para recuperar todo esse acervo, a Universidade Federal de Santa Catarina, onde Salim Miguel atua, buscou o apoio da Pró-Memória e do Ministério da Marinha. Quando essas edificações forem recuperadas, o Forte da Ilha de Anhatomirim se transformará num paraíso turístico e no local ideal para artistas em busca de sossego, além de cumprir sua função básica: ser um centro de pesquisa oceanográfica.

Não pense, porém, que Salim Miguel e a Universidade de Santa Catarina estão criando um centro para o turismo predatório, tipo aquele que enche recantos paradisíacos de latas de cerveja e copos de plástico. Não, não é nada disso, Salim explica: "Desenvolvermos um projeto de extensão universitária, voltado para a realização de um turismo educativo, capaz de criar uma consciência em torno da importância dos monumentos, sua preservação, da fauna e flora marinhas".

Além do Forte da Ilha de Anhatomirim, a pauta de Salim Miguel inclui em contatos com o Instituto Nacional do Livro, para solicitar ajuda à editora da Universidade catarinense, que vem divulgando trabalhos acadêmicos, como teses e pesquisas, e a produção do artista de Santa Catarina. Neste caso, a editora está preparando a publicação de um romance de Guido Vilmar Sassi, um dos mais importantes escritores do Estado. O romance de Sassi fala dos mergulhadores da Plataforma da Petrópolis, tema pouco explorado na nossa literatura. "A partir deste microcosmo, diz Salim Miguel, o romancista dá sua visão do macrocosmo. Outra publicação da editora da UFSC: um volume reunido de poemas sobre o mar — Este Mar Catarinense. Na área de teses, a editora vai publicar obra de Janer Cristaldo, tradutor e especialista na literatura do argentino Ernesto Sábato.

A UFSC tem apenas 20 anos e agora, mais do que nunca, afirma Miguel, está tentando ser um centro capaz de dinamizar a vida cultural de Santa Catarina. Para concretizar este projeto, a Universidade vem promovendo seminários, debates e encontros destinados à discussão de problemas ligados ao Estado e ao país.

Aílas, Santa Catarina não quer ser apenas uma província. Quer e está ocupando espaço na vida brasileira, desde que lançou o Concurso Cruz e Sousa. Primeiro, dedicado à poesia,

TURISMO COMO EDUCAÇÃO

SALIM MIGUEL QUER UMA ABERTURA PARA A NATUREZA

Adauto Cruz



Salim Miguel: conciliando o turismo e a educação

depois do romance. No momento, Salim Miguel, que foi um dos criadores do prêmio, não sabe em que bases ele continuará a existir, já que se afastou da Fundação Catarinense de Cultura, responsável pela promoção. Ele, porém, diz que se tudo continuar conforme as definições iniciais, o próximo concurso será destinado à obra ensaística. "Hoje", lembra ele, "o Brasil todo se interessa pelo prêmio Cruz e Sousa. Tanto é que dois mil candidatos concorreram na categoria Poesia e 500 na Romance. Até a Nestlé se inspiro em nossa proposta, ao estruturar a Bienal Nestlé de Literatura".

NORIO

Salim Miguel passou 14 anos no Rio de Janeiro (1965/1979). Deixou Florianópolis por falta de oportunidade de trabalho, num momento de agitação política. Migrou para o Rio, onde deu prosseguimento à sua carreira de jornalista militante, e continuou a escrever seus livros. E pôde, também, se dedicar a uma de suas paixões — o cinema.

Aílas, a trajetória de Salim Miguel com o cinema é das mais interessantes. Ele fala do assunto: "Tudo começou no final dos anos 40, quando montamos um clube de cinema em SC. Lá exibíamos não só os clássicos, mas também filmes novos, que não interessavam ao circuito comercial. Discutíamos cinema com consciência. Foi aí que nos veio uma ideia louca: vamos fazer um filme? Afinal, não basta só ver e ler cinema, é preciso fazer! Então, em 1957, montamos uma pro-

dutora — a Equipe Cinematográfica Alberto Cavalcanti — e produzimos um longa-metragem — O Preço da Ilusão". E Salim ri: "Foi a própria. Apenas três profissionais vieram de fora: um fotógrafo, um diretor e um roteirista. Artistas e demais nomes da equipe técnica e de produção saíram de Santa Catarina. Vendemos cotas e formamos uma espécie de cooperativa para concretizar O Preço da Ilusão. E fomos pretensiosos: o filme era um misto de Expressionismo alemão e Neo-Realismo italiano. Imbuídos de toda a informação que veiculávamos no cineclube, não quisemos trabalhar com uma história linear. Por isto, optamos por duas histórias em contraponto, que só acidentalmente se cruzavam. Hoje, lembra com tristeza, não sabemos onde está o filme. Recentemente consegui 15 minutos dele numa cinemateca paulista. E foi só!".

Esta experiência, porém, não desanimou o cinemático Miguel. Ele ainda se aventurou pelo curta-metragem, como diretor e roteirista. Em sua "folha de serviços" ao cinema brasileiro figuram vários documentários sobre temas catarinenses e os roteiros de Fogo Morto (baseado em Lins do Rego) e A Cartomante (Machado de Assis), ambos dirigidos por Marcos Farias.

A literatura, porém, continua sendo a atividade mais constante na vida do autor de Velhice e Outros Contos, Alguns Gente, Rede, O Primeiro Gosto e A Morte do Tenente e Outras Mortes.

— Estou terminando a quarta versão de um romance, que tem e não

tem título. Chamo-o Cordão Umbilical, embora este nome já pertença a outras obras. Porém, só consigo pensar o romance com este título. O livro se compõe de três partes: uma, subintitulado Tumintendes (tu me entendes?), mostra uma maníaca depressiva falando com a mãe ao telefone. Na segunda parte, corre o ano de 60, e há um assassinato no restaurante Calabouço, no Rio. No Arremate estão de lalhes, pedaços do romance sem solução. E, especialmente, o romance mistura o Rio, Campos, Florianópolis e Itaguacu, a minha "aldeia" e paixão permanente.

A literatura é presença marcante na vida de Miguel, também, graças ao jornalismo. De vez em quando ele publica artigos ensaísticos em grandes jornais brasileiros e estrangeiros. Neste terreno, ele tem uma lembrança especial: a revista Ficção, que fundou com Fausto Cunha, Cícero e Laura Sandroni e Egil Maheiros. "Era um projeto ambicioso. Queríamos uma revista de divulgação e reflexão literária, de circulação nacional, através de bancas de todo o país, e planejávamos ser uma editora alternativa, capaz de lançar livros de autores novos. Este plano ficou no papel. Conseguimos, de 76 a 79, editar 45 números de Ficção, com 15 mil exemplares, cada. Ficção revelou 40 novos autores. Editamos números monográficos: Ficção Novela, Ficção Humor, Ficção Quadrinhos, Ficção Infância-Juvenil. Foi uma pena o fim da revista. Hoje, precisamos muito de uma publicação igual à Ficção.

41
CORREIO
ATUALIDADES

Brasília, 4 de junho de 1983
Suplemento diário do CORREIO BRAZILIENSE
Não pode ser vendido separadamente

008: Dos confins da ilha, a voz solitária do sul

MEDINA, Cremilda. Dos confins da ilha, a voz solitária do sul. O Estado de São Paulo. São Paulo, 06 abr. 1985.

Dos confins da Ilha, a voz solidária do Sul

SALIM MIGUEL domina uma narrativa cujo ritmo segue o fluxo de consciência de seus personagens. A atmosfera subjacente às relações sociais, às situações muito concretas da vida cotidiana e do universo de Biquatú (a cidade eleita em sua obra), faz dos acontecimentos simples subsídio para uma trama mais profunda. O escritor quer chegar, na criação literária ou no cinema, aos temas maiores: a morte, a velhice, a solidão, a comunicação e a incomunicação humana. Salim Miguel nasceu no Líbano em 1924, criou-se no interior de Santa Catarina e, em 1943, sua família veio fixar-se no cinema, aos temas maiores: a morte, a velhice, a solidão, a comunicação e a incomunicação humana. Salim Miguel nasceu no Líbano em 1924, criou-se no interior de Santa Catarina e, em 1943, sua família veio fixar-se no cinema, aos temas maiores: a morte, a velhice, a solidão, a comunicação e a incomunicação humana. Salim Miguel nasceu no Líbano em 1924, criou-se no interior de Santa Catarina e, em 1943, sua família veio fixar-se no cinema, aos temas maiores: a morte, a velhice, a solidão, a comunicação e a incomunicação humana.

A arte também não poderia passar ao largo: para criar e para analisar, contestar, lidar, não lhe faltavam a argúcia e a experiência sensível da vida. Por isso, seu engajamento com o ambiente cultural de Florianópolis foi imediato. Ficou do lado de seus pares,

é claro. Eles, jovens dos anos 40 e anos 50, revolucionaram o academicismo bem comportado (pelos moldes parnasianos) de Santa Catarina. O Modernismo havia passado de avião pelo Estado, sem pousar em Florianópolis. Coube, então, ao Grupo Sul, de que Salim Miguel é um dos líderes, fundar a arte moderna em Santa Catarina. As consequências são visíveis até hoje: das primeiras gerações de artes plásticas, teatro, cinema, literatura às sucessivas gerações, a criação se multiplicou e se diversificou, conforme a liberdade moderna e a definitiva contestação dos moldes conservadores. Salim Miguel deixou Florianópolis em 1964, veio para o Rio de Janeiro, mas continuou um semente de arte. Jornalista profissional, dedicou as sobras de tempo ao cinema e à literatura. A sua criação, como exercício, a dos outros, como missão. Editou, com Cicero Sandroni, Eglê Malheiros, Fausto Cunha e Laura Sandroni a revista *Ficção*, no Rio de Janeiro. Atualmente, de volta a Florianópolis, o animador cultural não sossega. Dirige a editora da Universidade de Santa Catarina e publica no jornal *O Estado* resenhas e críticas literárias, sempre difundindo a arte do Brasil e de outros países.

"Velhice e Outros Contos", o primeiro livro, saiu em Florianópolis, em 1951, pelas Edições Sul; "Alguém Gente" o sucede em 1953;

estréia no romance com "Rede", em 1955, mas logo abandona os projetos mais ambiciosos, para se dedicar temporariamente ao conto, "A Morte do Tenente e Outras Mortes" marca sua edição no Rio de Janeiro, 1979, pela Edições Antares. Em 1984, volta ao romance, com "A Voz Submersa", publicado pela Global de São Paulo. Organizou vários livros reunindo poetas e ficcionistas de Santa Catarina e teve um papel de liderança nas comemorações do centenário do poeta Cruz e Sousa, bem como no concurso literário com o nome do simbolista brasileiro, criado em Santa Catarina na década de 80. Salim Miguel faz parte também de antologias catarinenses e nacionais e os alemães já o incluíram numa seleção de contistas brasileiros. No cinema, como roteirista, está presente em Santa Catarina na década de 50 (inclusive, com o primeiro longametrage, "O Preço da Ilusão", 1957) e no Rio de Janeiro, na década de 70. Ele, Eglê Malheiros e Marcos Farias adaptaram para a tela duas obras da literatura: "A Carrotomante", conto de Machado de Assis, e "Fogo Morto", romance de José Lins do Rego. A ação do *Grupo Sul* com tal está assinalada entre 1948 e 1958, mas a proposta cultural dos artistas de Santa Catarina — e de Salim Miguel em particular — prossegue multiplicando e difundindo, sem qualquer regionalismo, as vozes dos confins da Ilha.

A memória dos seres, das coisas, vem de memória ancestralidade. Nasceu no Líbano, veio, menino, deitar âncoras em Santa Catarina, juntar sua remota história à resistente história dos açorianos, povoadores da terra e da fantasia. Não muito distante no tempo essas duas heranças se tocam via Península Ibérica, onde lá se estabeleceram — para ficar — os árabes. Então, Salim Miguel nem sabe mais se seu nascimento foi batizado pela cultura açoriana ou se esses mesmos açorianos, herdeiros de Portugal e Algarve já traziam nas veias o batismo da cultura árabe. Que importa definir precisamente fronteiras culturais? Está amarrado à Ilha de Santa Catarina, persegue seus mistérios e se encontra neles, variações sobre o mesmo tema — a saga humana. Muito trabalho sempre enfrentado para domar essa língua portuguesa. Mas isso diz respeito ao ofício de escritor, à permanente construção de um texto. Que o diga ele, aos 60 anos, pouco mais de trinta de literatura.

Antes da família se instalar em Biquatú (perto de Florianópolis), foram para o interior de Santa Catarina. Não havia escola e o pai, professor no Líbano, fez vir um mestre da aula de alemão aos filhos, enquanto ele se encarregava da árabe. Resultado: hoje, Salim Miguel nem fala alemão, nem árabe. Por outro lado, na escola, em Biquatú, suas redações em português se destacavam. Os professores tentavam humilhar os outros alunos, como é que você deixam esse turco escrever melhor? e ele sala humilhado com a discriminação injusta com que era tratado. Não era turco, não, seu pai era professor no Líbano, sua mãe dominava o inglês, conhecia os Estados Unidos e queriam ir para a América do Norte. Embarcaram com essa meta, mas só seria possível através do México. Em Marinha, porém, um tio que vinha com a família, adoeceu e se foi a reserva financeira logo na primeira etapa da viagem. Quando chegaram novos recursos, só havia uma opção: o navio que partia para o Brasil. Como bom íbico, Salim Miguel dá graças a Maktub. Estava, pois, escrito nos fados que seria brasileiro. E, como sobreviveu até a última gota deste continente, que história é essa do chamarem de turco?

De 1927, data em que chegou ao Brasil (tinha então três anos), até a atual etapa em que goza de relativa serenidade em Florianópolis, a vida se agitou ao ritmo de um espírito contestador, curioso e inquieto. Os anos jovens estão assinalados pela efervescência do pós-guerra. As linhas mestras de sua geração se cruzavam na boemia da Ilha, uma forte contaminação da cultura popular dos habitantes da terra, os pescadores, a preocupação social e política, mais as angústias existenciais que lhes assoprava Sartre. De repente, esses jovens não cabiam nos esquemas de uma capital brasileira por onde não passavam os ventos do Modernismo. Não abandonaram a Ilha aos conservadores e acadêmicos parnasianos. Com a energia do rebelde dos vinte anos, puseram fogo nos padrões tradicionais. Ora, mais tarde, o escritor em um depoimento ao jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre: "A Academia Catarinense de Letras era (é) uma bela adormecida... nos bosques da indiferença." Esta indiferença foi sacudida para sempre pelo Grupo Sul. Al nasceu a liderança cultural de Salim Miguel entre várias gerações de artistas catarinenses.

Difícil delimitar suas três personalidades, todas criativas, autônticas e atravessadas pela paixão: ou bem é jornalista, ou bem se torna escritor, ou ainda se dedica aos outros escritores, através do ensaio ou da crítica. O certo é que, desde a revolução provocada pelo Grupo Sul em Florianópolis, nunca mais se descortou

da duplicidade de atitudes: dialeticamente solitário e solidário, convive em paz com a criação dos outros, examinando-lhe, dá prazer e faz crescer o próprio repertório, usa instrumentos sobrevivência, tanto em Florianópolis quanto no Rio de Janeiro, onde residiu de 1964 a 1979. Nunca encorou a reportagem de campo como uma carga forçada, a do ganhá-êlo. Pelo contrário, cruzou este Brasil como repórter, muito vivo, muito aprendeu. Se lhe retardou a literatura, não tem importância. O texto literário veio a seu tempo, maduro.

A criação, reconhece, é um poderoso desafio. Se tivesse formação universitária, por outro lado, acha que teria se voltado exclusivamente para o ensino. Por muito tempo atuante como resenhista e crítico literário na grande imprensa do Rio e em veículos de outras capitais, Salim Miguel acumulou contatos e conhecimentos sobre a arte de várias latitudes. O Grupo Sul, ao se lançar através de cinema, teatro, uma revista e uma editora, manifestações de artes plásticas, deu-lhe uma posição privilegiada de ligação com esse mundo, tanto nacional quanto estrangeiro. Em meio à fertilidade desses elementos literários nos anos 40 e 50 em todas as capitais do País, Florianópolis se fez presente, saiu de um obscuro conservadorismo e colocou suas vozes modernas em diálogo com as demais. Salim Miguel se emocionou quando, recentemente, na Alemanha, alguém o identificou como um dos escritores da revista *Sul*. Refere-se também ao fato de, ao acompanhar a série anterior "Escritor Português Hoje", fixada no livro "Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea", ter tido a satisfação de constatar que apenas não conhecia José Saramago e Lídia Jorge.

Sintonizado com a contemporaneidade, Salim Miguel se fascinou pelo cinema e nesse campo foi também pioneiro em Santa Catarina. É de sua autoria junto com Eglê Malheiros (hoje sua mulher) o argumento do primeiro longa-metragem de Santa Catarina, em 1958, "O Preço da Ilusão", estréia em Florianópolis, em 1958, passados menos de trinta anos, não se tem notícia do filme. Muitos rolos foram despojados no lixo pela produtora e distribuidora que falhou, e Salim Miguel, certa vez, foi à Cinemateca Brasileira, em São Paulo, em busca de sua *Ilusão* perdida. Totalmente por acaso, estava chegando um lote de fitas achadas sabe-se lá onde e, para sua surpresa, encontrou o longa histórico. Não completo, com algumas partes faltando, mas não menos, apenas os últimos quinze minutos. Nem com esses acidentes e dificuldades abandonou a criação em cinema, até hoje uma miragem para qualquer realizador. Desde o começo sabia que a *Ilusão* tem seu preço. Temoço que é, resistente feito açoriano, se meteu em montes de cinema no Rio de Janeiro. Não lamenta, não. A literatura sempre a literatura como ponto de partida e de chegada — ganhou com a experiência da linguagem cinematográfica.

Embora não tenha abandonado a verdade principal da animação cultural, está mais tranquilo, ao compasso das vagas de Florianópolis. Segue o caminho solitário, dirige a editora da Universidade Federal de Santa Catarina, faz ali um trabalho de implantação bibliográfica e abre espaço também para livros de criação, prioritariamente, autores de Santa Catarina. No velho jornal da Ilha, *O Estado*, escreve sobre literatura. Sobre a mais tempo, agora, para os próprios projetos. As vezes recorre ao isolamento total na casa de Ponta das Canas, em uma das 42 praias privilegiadas pela natureza desta Ilha declarada por poetas e prosadores. A sós e disciplinado, é

capaz de pôr no papel e em pé um romance inteiro. Assim aconteceu com "A Voz Submersa", o segundo romance numa longa carreira de vários argumentos de cinema. Lançado em 1984, pela editora Global de São Paulo, o livro nasceu em 1968, no trágico dia em que vinha saindo da redação onde trabalhava e se misturava a multidão do enterro de Edison de Menezes morto em um conflito com a polícia. Os dias seguintes foram de um clima denso em uma reportagem, foi-lhe vedada a pauta; tentou um conto, se frustrou. Deixou de lado. Paralelamente, surgiu outro projeto inspirado em uma vizinha que vinha telefonar em sua casa, no tempo em que não se contavam os impulsos, ficava ali mais de uma hora e ele, impotente, entre fascinação e tédio, não fazia outra coisa senão ficar preso ao discurso ininterrupto da mulher. Tentou também pôr esse tema no papel. O conto também não o satisfez. Anos mais tarde, desentrou os projetos, percebeu que se cruzasse as duas histórias, quem sabe chegaria à solução. No fim, sentiu mais uma vez que os dois impasses somados não solucionavam nada. Originais engavetados pela terceira vez.

Foi no ano passado que se propôs o esquecimento: ou resolvia esse livro ou o abandonava definitivamente. "A Voz Submersa" ali está, graças à persistência com que trabalhou durante três meses, sete horas diárias. Ainda que se sinta basicamente um contista, vive hoje na órbita do romance. Não tinha porque ficar para sempre no conto. Mundo de agude autocrítica, ele próprio se tolheu, quando, nos anos 50, ao conceituar uma boa história sobre uma colônia de pescadores, cuja trama na vida e no artesanato estava simbolizada no título — "Rede" — acabou frustrado, porque viu, com clareza, o arrotismo do realismo social. Essa frustração o marcou tanto que só vinte anos depois voltou a se preocupar com romance. O exercício, no entanto, nunca desapareceu. Mesmo ao escrever conto, não pensa em publicar. As histórias começam a tomar vulto nos anos 70. Ele, que tem toda a experiência do jornalismo, não mitifica a coisa literária. Herda-se, do jornalismo — o que constitui uma vantagem — uma visão mais direta e desmitificada do ato de escrever. Mas se herdou também a consciência da principal desvantagem: a pressão com que se escreve e a consequente imperfeição. Por isso, ele, que mantém viva a insatisfação do artista perante o mundo e o que faz, persiste no labor do texto literário, exige-lhe muito mais do que do jornalista.

Se é que tem certa pretensão, gostaria de que cada livro fosse a continuação do anterior, embora novo na estrutura. Não é de hoje que seus personagens se encadeiam ora na ação principal ora em um outro plano secundário. Há, na obra de Salim Miguel, um ponto de referência. Biquatú, onde viveu a infância e juventude, é seu universo, matéria-prima de sua ficção. Não toma o espaço dado e o reproduz tal e qual; adapta, isso sim, uma cidade que já existe às suas necessidades como criador. Fundem-se na trama da rede tema que o já atraiu há muito tempo: as histórias dos pescadores, dos tipos e das emoções por que passou e os personagens vêm morar em Biquatú. Memória, morte, velhice, solidão atravessam constantemente essa rede e o escritor embarca nos temas e na estrutura ficcional em que os tece, com consciência. O ensaísta vigia o criador, jamais primitivo, ingênuo.

Salim Miguel passará as próximas férias na companhia de grandes romancistas, reservados para um tempo especial. O primeiro deles, "A República dos Sonhos" de Nélida Piñón. Está muito interessado neste romance, primeiro, porque admira muito o escritor; segundo, porque seu próximo projeto é justamente a saga do imigrante. Ele também viveu a chegada ao Brasil, a adaptação e a entrega à América. É o romance de Nélida Piñón desenhado justamente esta história. Os olhos brilhantes e serenos de Salim Miguel, por uma fração de segundo, se perturbam. Estaria seu próximo projeto literário amarrado? Cedo se desanuvia a expressão, o homem solidário se sobrepõe ao solitário. Há espaço para todos e para todas as propostas. É preciso, porém, nunca discriminar, muito menos invejar.

Espírito integrador, não sabe explicar a marginalidade de Santa Catarina no grande mundo nacional. Afinal, Florianópolis não fica mais distante do centro do País do que Teresopolis e, por exemplo, que o Estado, 1% do território brasileiro, 3% da população, é o sexto contribuinte para os cofres da Nação e isso, através de uma economia diversificada e quinto lugar na industrialização do País. Quanto à cultura, ali está, Salim Miguel defende, mesmo. Se se comparar com o Paraná, no caso da literatura, há um número maior de criadores em Santa Catarina. Escritores como Guido Wilmar Sassi, Flávio José Cardoso, Hercúlio Farias Júnior, Gleuco Rodrigues Correa, Adolfo Boos Jr., entre outros, se alinham entre os que tomaram posse da terra e da língua portuguesa. Depois, os poetas e os artistas plásticos. Santa Catarina corre o risco de que sua arte chegue mais facilmente ao Exterior do que ao resto do Brasil. Como vem acontecendo com as praias — os argentinos, sobretudo, há muito descobrim o paraíso brasileiro.

Não há regionalismo atávico neste literato açoriano que se fez brasileiro para sempre. Mas a sensibilidade solidária sofre com o isolamento de Santa Catarina. Salim Miguel morou no Rio de Janeiro, participou intensamente das oportunidades que uma grande cidade oferece. Em 79, ao decidir voltar para a Ilha, o faz com alegria. Há um compromisso que o liga à liderança cultural desde o Grupo Sul — um compromisso muito mais social que pessoal. Hoje, a atividade pioneira da editora da universidade recende esse papel. Defensor dos novos e valiosos valores de Santa Catarina, Salim Miguel abre alas para a criação passar. A própria criação lá está, lado a lado, no duelo interno com as próprias grandezas e limitações. Ele leva as duas frentes de sua luta e luta com vigor. O desassossego de um projeto literário mais ambicioso tem, agora, o espaço e o tempo adequados. Tudo mais fica por conta do que assumiu dos açorianos que, por sua vez, devem ter cruzado com os árabes em outras eras: a resistência na aparente passividade.

principal ora em um outro plano secundário. Há, na obra de Salim Miguel, um ponto de referência. Biquatú, onde viveu a infância e juventude, é seu universo, matéria-prima de sua ficção. Não toma o espaço dado e o reproduz tal e qual; adapta, isso sim, uma cidade que já existe às suas necessidades como criador. Fundem-se na trama da rede tema que o já atraiu há muito tempo: as histórias dos pescadores, dos tipos e das emoções por que passou e os personagens vêm morar em Biquatú. Memória, morte, velhice, solidão atravessam constantemente essa rede e o escritor embarca nos temas e na estrutura ficcional em que os tece, com consciência. O ensaísta vigia o criador, jamais primitivo, ingênuo.

Salim Miguel passará as próximas férias na companhia de grandes romancistas, reservados para um tempo especial. O primeiro deles, "A República dos Sonhos" de Nélida Piñón. Está muito interessado neste romance, primeiro, porque admira muito o escritor; segundo, porque seu próximo projeto é justamente a saga do imigrante. Ele também viveu a chegada ao Brasil, a adaptação e a entrega à América. É o romance de Nélida Piñón desenhado justamente esta história. Os olhos brilhantes e serenos de Salim Miguel, por uma fração de segundo, se perturbam. Estaria seu próximo projeto literário amarrado? Cedo se desanuvia a expressão, o homem solidário se sobrepõe ao solitário. Há espaço para todos e para todas as propostas. É preciso, porém, nunca discriminar, muito menos invejar.

Espírito integrador, não sabe explicar a marginalidade de Santa Catarina no grande mundo nacional. Afinal, Florianópolis não fica mais distante do centro do País do que Teresopolis e, por exemplo, que o Estado, 1% do território brasileiro, 3% da população, é o sexto contribuinte para os cofres da Nação e isso, através de uma economia diversificada e quinto lugar na industrialização do País. Quanto à cultura, ali está, Salim Miguel defende, mesmo. Se se comparar com o Paraná, no caso da literatura, há um número maior de criadores em Santa Catarina. Escritores como Guido Wilmar Sassi, Flávio José Cardoso, Hercúlio Farias Júnior, Gleuco Rodrigues Correa, Adolfo Boos Jr., entre outros, se alinham entre os que tomaram posse da terra e da língua portuguesa. Depois, os poetas e os artistas plásticos. Santa Catarina corre o risco de que sua arte chegue mais facilmente ao Exterior do que ao resto do Brasil. Como vem acontecendo com as praias — os argentinos, sobretudo, há muito descobrim o paraíso brasileiro.

Não há regionalismo atávico neste literato açoriano que se fez brasileiro para sempre. Mas a sensibilidade solidária sofre com o isolamento de Santa Catarina. Salim Miguel morou no Rio de Janeiro, participou intensamente das oportunidades que uma grande cidade oferece. Em 79, ao decidir voltar para a Ilha, o faz com alegria. Há um compromisso que o liga à liderança cultural desde o Grupo Sul — um compromisso muito mais social que pessoal. Hoje, a atividade pioneira da editora da universidade recende esse papel. Defensor dos novos e valiosos valores de Santa Catarina, Salim Miguel abre alas para a criação passar. A própria criação lá está, lado a lado, no duelo interno com as próprias grandezas e limitações. Ele leva as duas frentes de sua luta e luta com vigor. O desassossego de um projeto literário mais ambicioso tem, agora, o espaço e o tempo adequados. Tudo mais fica por conta do que assumiu dos açorianos que, por sua vez, devem ter cruzado com os árabes em outras eras: a resistência na aparente passividade.

Salim Miguel passará as próximas férias na companhia de grandes romancistas, reservados para um tempo especial. O primeiro deles, "A República dos Sonhos" de Nélida Piñón. Está muito interessado neste romance, primeiro, porque admira muito o escritor; segundo, porque seu próximo projeto é justamente a saga do imigrante. Ele também viveu a chegada ao Brasil, a adaptação e a entrega à América. É o romance de Nélida Piñón desenhado justamente esta história. Os olhos brilhantes e serenos de Salim Miguel, por uma fração de segundo, se perturbam. Estaria seu próximo projeto literário amarrado? Cedo se desanuvia a expressão, o homem solidário se sobrepõe ao solitário. Há espaço para todos e para todas as propostas. É preciso, porém, nunca discriminar, muito menos invejar.

Espírito integrador, não sabe explicar a marginalidade de Santa Catarina no grande mundo nacional. Afinal, Florianópolis não fica mais distante do centro do País do que Teresopolis e, por exemplo, que o Estado, 1% do território brasileiro, 3% da população, é o sexto contribuinte para os cofres da Nação e isso, através de uma economia diversificada e quinto lugar na industrialização do País. Quanto à cultura, ali está, Salim Miguel defende, mesmo. Se se comparar com o Paraná, no caso da literatura, há um número maior de criadores em Santa Catarina. Escritores como Guido Wilmar Sassi, Flávio José Cardoso, Hercúlio Farias Júnior, Gleuco Rodrigues Correa, Adolfo Boos Jr., entre outros, se alinham entre os que tomaram posse da terra e da língua portuguesa. Depois, os poetas e os artistas plásticos. Santa Catarina corre o risco de que sua arte chegue mais facilmente ao Exterior do que ao resto do Brasil. Como vem acontecendo com as praias — os argentinos, sobretudo, há muito descobrim o paraíso brasileiro.

009: Salim Miguel faz um balanço do que foi o ano de 85 para a literatura

FRANK, Jarson. Salim Miguel faz um balanço do que foi o ano de 85 para a literatura. **O Estado**. Florianópolis, 05 jan. 1986, pag. 22.

ENTREVISTA

Fundamentalmente um jornalista profissional e escritor. Assim se define, Salim Miguel. São quase quarenta anos de serviços prestados à cultura catarinense, que fazem desse homem de 57 anos, uma das vozes mais progressistas e respeitadas no meio intelectual. Em sua agradável casa em Ponta das Canas, onde passa o verão em companhia da mulher, a professora Eglê Malheiros, e dos filhos, ele recebeu a reportagem do "O ESTADO" para uma conversa sobre o atual momento da produção literária em Santa Catarina e no Brasil; deixou claro o seu conceito de cultura e o papel do intelectual; discordou da criação do Ministério da Cultura; opinou sobre os temas da atualidade, como Constituinte e, acima de tudo, confirmou sua postura de intelectual crítico, e, anunciou para breve o lançamento de seu próximo livro, "10 Contos Relidos".



Salim Miguel faz um balanço do que foi o ano de 85 para a literatura

OE — O Sr. exerce diversas atividades profissionais, todas elas ligadas à cultura: crítico literário e cinematográfico, jornalista, escritor, entre outras. Qual o seu verdadeiro perfil intelectual?

Salim Miguel — Sou basicamente um jornalista profissional. Me mantive, durante muito tempo, só exercendo essa profissão. E era jornalista mesmo, de redação e correspondente de diversos jornais do País. Mas, além de viver da profissão de jornalista, sempre mantive outras preocupações e paralelamente eu ia escrevendo meus livros. Lançei meu primeiro livro em 1951, depois foram aparecendo outros. Ao mesmo tempo fazia colunas de livros e crítica literária e isso eu continuei, mesmo depois de me mudar de Florianópolis para o Rio. Durante os anos que vivi lá, continuava na atividade de imprensa, sempre escrevendo crítica literária ou resenha, e publicando ficção. Quando voltei a Florianópolis, não pude abandonar a antiga paixão pelo jornalismo e há quase três anos dirijo a Editora da Universidade Federal. Então basicamente me considero um produtor cultural, mas fundamentalmente, eu sempre fui e continuarei a ser um jornalista profissional.

OE — O Sr., como um dos críticos literários mais respeitados do País, como vê o nível da cri-

feito e ir para as livrarias, e isso que está acontecendo é um crime contra o contribuinte. Pois, a Fundação trabalha com dinheiro público, que são recursos que saem do nosso bolso. O livro não é para ser dado nem distribuído, é para ir às livrarias e atingir seu alvo, que é o leitor.

OE — A produção literária em Santa Catarina sempre dependeu, para se projetar nacionalmente, de um ou dois nomes de peso, e careceu sempre de uma estrutura que a tornasse mais conhecida. Como anda essa produção e o Sr. acha que se pode falar em termos de literatura catarinense?

Salim Miguel — Em termos de produção literária, eu costumo dizer que Santa Catarina sempre viveu de ciclos. Tivemos a geração da "Ideia Nova", nos fins do século passado; na década de 20, a chamada geração da Academia Catarinense de Cultura, e nos fins dos anos quarenta e começo de cinquenta, o Grupo Sul. De lá para cá, têm acontecido algumas coisas, mas muito esparsamente. Não existem mais movimentos que congreguem o pessoal interessado. Talvez isso seja resultado desses 20 anos de "sufoco" que nós atravessamos. Quanto à existência de uma literatura catarinense, eu sempre tenho lutado contra essa designação. Existe a literatura que se faz em Santa Catarina. E

formar numa Fundação Catarinense de Cultura, com quase 400 funcionários e com as verbas voltadas para pagar esses funcionários. O que tínhamos antes, um Ministério da Educação e Cultura, era muito melhor. Menos número de pessoas, menos oneroso e atendia perfeitamente as necessidades do País. Então, nesse sentido a polémica continua. E, para começar, atentemos para um fato: quantas pessoas foram convidadas para assumir esse ministério e quantos aceitaram. Em um país, em que uma grande parcela da população fica brigando por cargos, acontece isso. E prova que alguma coisa está errada.

OE — Ao seu ver como deve ser a ação da nova administração municipal em relação à cultura?

Salim Miguel — O novo prefeito deveria fazer um projeto modesto, de pés-no-chão, atendendo as necessidades básicas da produção cultural e do intercâmbio cultural. Ele não deve pensar em fazer grandes coisas, porque não vai ter recursos para isso. Estão falando que ele está querendo criar uma Fundação Municipal de Cultura, o que eu não acho necessário. Uma Fundação de Cultura é criada para quê? Para tentar junto a iniciativa privada e empresários, recursos para alguns projetos que não podem contar com as verbas do Estado. O que a gente tem visto é que isso nunca dá certo. Se começa a ad-

jornalista profissional.

OE — O Sr., como um dos críticos literários mais respeitado do País, como vê o nível da crítica que se faz hoje no Brasil?

Salim Miguel — Costumo dizer que a crítica literária no Brasil está desaparecendo. O que nós temos mais são resenhas de livros, na maioria dos casos mal feitas. Veja, ninguém faz crítica para guardar e após um ano publicar em livro. Os órgãos de comunicação, com a crise, cada vez mais diminuem seus espaços para a atividade cultural. São raros os suplementos literários, as colunas mais amplas de livros. Com o tempo, críticos como Alvaro Lins, Tristão de Athaide e os roda-pés de literatura que existiam, foram sendo substituídos pelas resenhas. Um mal irreparável. De modo que não há boa crítica, porque os bons críticos não encontram espaços para publicar.

OE — O Sr. concorda que 1985 foi um bom ano para o mercado editorial brasileiro, com boas vendas e diversos lançamentos ou a crise também atingiu a literatura nacional?

Salim Miguel — Por incrível que pareça, a crise que o País atravessa foi benéfica para o livro. Não foi benéfica no sentido que se ampliassem as tiragens, elas continuam na faixa de 3 a 5 mil por autor. Porém, o número das edições, da qualidade das edições e do produto-livro melhorou substancialmente. Não sei se com a crise as pessoas se voltam mais para o livro, mas a verdade é que, de repente, as editoras estão editando mais e os autores estão encontrando uma certa facilidade. Não a desejada, é claro. Mas, nesse ano, deu-se um grande passo nesse campo. E nós vemos que não é só no eixo Rio-São Paulo que isso vem ocorrendo. Em todo o País, o número de editoras vêm crescendo e edita-se muita coisa.

OE — E Santa Catarina, acompanha essa tendência de crescimento da produção editorial e do mercado?

Salim Miguel — A gente tem trabalhado aqui, basicamente, três editoras: a Noa-Noa, que faz um trabalho excelente em termos de uma faixa alternativa de livros de arte e edições artesanais; a Lunardelli, que vêm mantendo um ritmo de edições pequenas, mas que continua há vários anos, sempre publicando alguma coisa; e a editora da Universidade. A Fundação Catarinense de Cultura que por volta de 80, 81 e meados de 82, vinha mantendo um ritmo de edições, não sei porque, praticamente não publica mais. Ao meu ver, mais grave do que isso, são as dezenas de livros que encontram-se estocados nos porões da ECC. Encheio que o livro tem que ser

Quando à existência de uma literatura catarinense, eu sempre tenho lutado contra essa designação. Existe a literatura que se faz em Santa Catarina. E essa, pode ser de gente que nasceu aqui ou de pessoas de fora que acabam se integrando à vida local, e aqui elaboram sua obra literária. Nestes termos eu cito dois exemplos: o contista Dionísio da Silva, muito bom escritor, nasceu aqui e fez toda sua obra fora. Se a gente falasse em literatura catarinense, ele não poderia ser enquadrado nessa literatura. Por outro lado, tem o Holdemar Menezes, que nasceu no Ceará, se formou no Rio, mas toda obra dele, trata de temas e é ligada às coisas de Santa Catarina. Nesse sentido nós temos alguns nomes importantes, principalmente no conto e na poesia, que ao meu ver são o ponto forte da literatura feita em Santa Catarina.

OE — E a nova geração? os jovens escritores de Santa Catarina encontram condições de publicar e começar uma carreira literária? A qualidade dessa produção mais recente é satisfatória?

Salim Miguel — As condições para quem está iniciando não são fáceis. Tenho sido muito procurado, na editora da Universidade por um pessoal mais jovem, ansioso para publicar seus escritos. Não é fácil. Agora, eu tenho a impressão que as pessoas que estão fazendo coisas melhores, ainda não se julgam no momento oportuno de publicar. Porque o que tem aparecido, pelo menos em termos de poemas avulsos, contos, artigos são até razoáveis. Mas, se falando em livro mesmo, o que aparece é de uma categoria muito baixa. Porém, isso é uma opinião apressada, eu não tenho acompanhado tudo. A gente vai envelhecendo e perdendo o contato com o pessoal mais jovem. Ou vai se acomodando, o que é um erro. De maneira que o que tenho visto, o que tem aparecido na Editora da Universidade em termos de criação literária é muito pouco e, de uma maneira geral de um nível mediano e às vezes, fraco.

OE — Como é que o Sr. viu a criação do Ministério da Cultura? Ao seu ver o Estado deve intervir na produção cultural?

Salim Miguel — Deixando de lado a figura do professor Aluizio Pimenta, que de início cometeu um grande equívoco quando disse que os grandes da Nova República deveriam tomar usque e o povão cachaça, parece-me que equívoco maior, é a criação do Ministério da Cultura. Não vejo sentido, na intervenção do Estado na produção cultural. O Estado deve apoiá-la, mas nunca interferir. Se não o Brasil vai ser o quê?

iniciativa privada e empreendedores. Os cursos para alguns projetos que não podem contar com as verbas do Estado. O que a gente tem visto é que isso nunca dá certo. Se começa a admitir funcionários, e os recursos são deslocados para seus vencimentos. Então eu acho que o prefeito que assumiu deveria elaborar um projeto viável, dentro da realidade de Florianópolis. Realizando um trabalho, determinando prioridades, como por exemplo, procurar descobrir o que, para a produção cultural e o incentivo à cultura, é mais importante nesse momento. Nesse sentido ele poderá fazer muitas coisas.

OE — Qual ao ser ver, o papel do escritor, do intelectual de uma maneira geral em relação a Constituinte?

Salim Miguel — Acho que não só o intelectual tem um papel a cumprir em relação a constituinte. Todo cidadão, todo brasileiro tem que estar atento para dar sua contribuição. Temos que fazer uma constituição que, na verdade, atenda as necessidades do nosso povo. E a partir daí, cada categoria poderá dar sua contribuição. É claro que, o intelectual por ter uma visão crítica, mais profunda de toda situação poderá dar uma contribuição mais decisiva. Porém, nunca mais fundamental que qualquer outra pessoa. Então, a constituinte deverá envolver toda população brasileira e todos os segmentos da sociedade. Acho até, que estamos perdendo tempo, todos já deveríamos estar engajados nessa campanha, há muito tempo.

OE — Faça uma avaliação do momento político atual.

Salim Miguel — Embora concorde que o homem é um animal político, eu confesso que a política não é o meu forte. E claro como cidadão, eu tenho minhas ideias e convicções políticas. Mas na atualidade, não confio nos nossos políticos, nem concordo com a maneira como a política está sendo feita. Vejo, ao mesmo tempo com alguma esperança e com um certo receio o momento que estamos atravessando. Não sei até que ponto a população poderá aguentar esse "sufoco". Não sei como o Governo poderá conduzir os destinos do País. Eu só sei que o Governo da chamada Nova República, recebeu uma herança difícilíssima, que não é fácil de resolver. Algumas tentativas me satisfazem, outras confesso que não. O que eu tenho certeza, pois essa é minha área, é que hoje, amanhã ou daqui há cem anos, poderá não existir mais uma estrutura política como a que existe hoje, mas o que se fez em termos de cultura, permanece. Enquanto os políticos dificilmente serão lembrados.



LITERATURA E SECA

Salim Miguel, o Papa da literatura catarinense, em entrevista ao "O ESTADO", não faz muito tempo, pois foi agora no dia 5 do corrente mês (janeiro), mais uma vez tentou definir o que é literatura de Santa Catarina.

Diz ele: "Quanto à existência de uma literatura Catarinense, eu sempre tenho lutado contra essa designação. Existe a literatura que se faz em Santa Catarina. E essa, pode ser feita de gente que nasceu aqui ou de pessoas de fora que acabem se integrando à vida local, e aqui elaboram sua obra literária."

Como o assunto me diz respeito, porque muito lutei para ser aceito como um escritor catarinense, e sempre defendi publicamente o que diz o nosso Guru, vou complementar o raciocínio do grande ficcionista:

"Nestes termos eu cito dois exemplos: o contista Dionísio da Silva, muito bom escritor, nasceu aqui e fez sua obra fora. Se a gente falasse em literatura catarinense, ela não poderia ser enquadrado nessa literatura. Por outro lado, tem o Holdemar Menezes, que nasceu no Ceará, se formou no Rio, mas toda a obra dele trata de temas e é ligada as coisas de Santa Catarina."

Obrigado, meu palestino amigo - palestino de Biguaçu. Quem, nesta terra de Anita, tem a petulância de dizer o contrário? Nada mais correto do que a sua conclusão. Até elemental, meu caro Watson. Mas como ainda é difícil certa área jovem admitir tão primária verdade!

(Agora, meu amigo Salim, uma retificação, pelo bem da verdade histórica. Nunca fui um perfeccionista, mas sempre fui um chato em detalhes. Que história (ou estória?) é esta de 57 anos de idade? Aqui, entre parênteses, no ano passado, na Lindacap, nós, alguns dos seus inúmeros amigos, comemoramos o seu... aniversário. Lembro-me até que sua companheira de longa caminhada pela vida vivida, a querida Eglê Malheiros, afirmou que, aos poucos, a literatura catarinense ia ficando nas mãos dos sexagenários. Você não se lembra mais disso, querido amigo?).

Assuma, meu Profeta. Qué que se vai fazer? Só envelhece quem vive bastante, para não dizer muito. Nosso

64

INFORMAÇÕES

Drummond, apesar de ter mais de 80 anos de idade, ainda se queixa de que a vida é muito curta. O homem, para ver seus sonhos e desejos concretizados, teria que viver 250 anos, não menos. Já completei 64 outonos. Quando fiz 60, pensei que ia morrer no dia seguinte. Mas foi um engano, meu amigo. A vida continuou na mesma m.

Falar em seca era um privilégio (ou maldição?) dos nordestinos. Por julgar-me um escritor catarinense, sempre evitei falar de seca, de retirantes, de cangaceiros, de açudes sem água, de meu Padim Padre Cícero. Fixei-me no litoral de Santa Catarina, tão rico de impulsos e tão pouco explorado. De quando em vez, dou uma passagem pela Ilha ou misturo São Francisco do Sul com Desterro.

Entretanto, a seca chegou ao sul do País. Está castigando terrivelmente o nosso Estado. Tenho visto o gado magro, à procura de água, angustiado, gemendo de sede. Tenho visto, pelos jornais e pela televisão, o gado deitado, como ví no sertão do meu Ceará, sem forças para continuar de pé, pela falta de pasto e de água. Tenho revisto, nos dias de hoje, em Santa Catarina, imagens fixadas numa infância distante.

Tenho visto as represas gretadas, o capim sem vida, as cachoeiras em agonia, o céu azul e sem nuvens, as plantações perdidas, o desespero dos colonos, a fila dos que precisam de água para a necessidades mais habituais.

Tenho visto a fé dos simples, as novenas e promessas, as procissões dos que ainda acreditam que Deus é quem faz chover. Tenho visto a dor e a amargura do povão sofrido, desamparado. Tenho visto a ameaça dos banqueiros. E, especialmente, como disse o Sr. Secretário da Agricultura do Estado, no domingo passado, pela televisão, a total omissão do Governo da Nova República.

Se a coisa continuar assim, meu caro Salim Miguel, em pouco tempo teremos uma literatura sobre a seca e as suas consequências. Como existiu e existe no Nordeste, de onde sou transfuga. Tenho resistido a escrever sobre a seca de 1934, que assisti de perto, pois meu pai era prefeito de uma cidade do Vale do Jaguaribe: São Bernardo das Russas.

Mas já estou esboçando um pequeno trabalho sobre a seca de 85/86 do nosso Estado. Vou falar sobre tudo isso sem ser um escritor cearense, entende? Vou continuar fiel às necessida-

des catarinense. Só que Santa Catarina, sem ser pela invasão de nordestinos, tende a sofrer os mesmos sufocos daquela região que revelou, entre tantos, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego e Graciliano Ramos.

Por isso, meu amigo, com muita exceções, ser sexagenário não é um estigma tão nefasto. A gente pode até ser agraciado com isso. Como no caso. Aliás, não seria nunca uma graça, no sentido hedonista. Mas seria uma oportunidade de falar, com conhecimento próprio, de problemas que pertenciam aos outros irmãos distantes. Teremos, assim, uma literatura catarinense sobre a seca. Infelizmente.

UM ESCRITOR DE MINAS

São tantos os bons escritores de Minas Gerais que não seria fácil saber de quem pretendo falar. Refiro-me, entretanto, a Manoel Lobato, meu fraterno amigo, meu irmão, um dos meus autores prediletos.

Não é um estreante, muito pelo contrário. Seu primeiro livro, GARRUCHA 44, publicado pela Simões, data de 1961. Segue-se uma série de bons livros como: MENTIRA DOS LIMPOS, romance, Editora Moderna, 1967; CONTOS DE AGORA, Edições Oficina, 1970; OS OUTROS SÃO DIFERENTES, contos, Artenova, 1971; A VERDADEIRA VIDA DO IRMÃO LEOVEGILDO, romance, Interlivros, 1976; FLECHA EM REPOUSO, contos, Ática, 1977; SOMOS TODOS ALGARISMOS, novela, Moderna, 1979; O ANTÚRIO NÃO É UMA FLOR SÉRIA, contos, Moderna, 1980; PAGULOGO, O PONTÍFICE, romance, Lemi, 1983; O SEGREDO DO BILHETE, novela, Mercado Aberto, 1983.

Agora, com grande esmero, a Global (já em 2ª edição), dá o destaque que merece este grande escritor que é Manoel Lobato, editando O CANTICO DO GALO, contos.



011: O mundo misterioso de um poeta desconhecido (topografia vibrante do ato criador)

FARIAS, Marcilio. O mundo misterioso de um poeta desconhecido (topografia vibrante do ato criador). José. Brasília, 30 jun.1988, Livros, pag. 06.

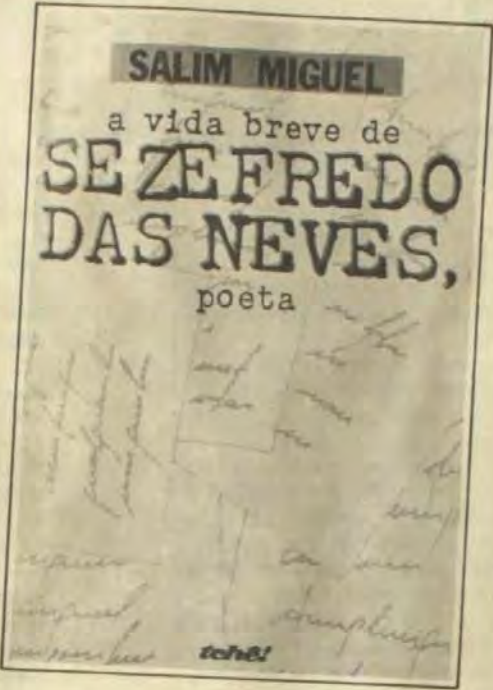
O mundo misterioso de um poeta desconhecido (Topografia vibrante do ato criador)

A concepção do romance é um dos "espetáculos" mais fascinantes que o espírito criador pode proporcionar à dimensão humana, à própria existência humana. Os passos, as ilações, as correlações, os meandros enfim por onde passam as atitudes criadoras são fascinantes – revelam, instância última, o exato ponto em que arte e homem se confundem com a própria experiência arrebatadora, quase mística, do conhecimento.

Entre os brasileiros contemporâneos, João Antônio (o contista maior) e Caio Fernando Abreu são prosadores que fazem do ato de escrever um deciframento daquela atitude originária. entre os romancistas, João Ubaldo, Antonio Callado e Luis Fernando Veríssimo exercitam esse mergulho na intimidade da criação – no que seguem o pioneirismo de Machado.

Salim Miguel ocupa um lugar importante na vida dos intelectuais "de verdade" do país (sim, pois os "de mentira" abundam em cada esquina).

Contista, roteirista de cinema, diretor, romancista, ele consegue, em mais de trinta



A vida breve de Segefredo Neves de Salim Miguel Editora Ché, 400 páginas

que o leitor aos poucos vai surpreendendo no texto e no entretexto. Mais, Miguel convida-o a participar desse deciframento de forma irrecusável.

"Jogar a semente amanhã adubar regar Sofrer esperando que da terra estéril brote o fruto" (pg. ousado e criativo.

Na verdade pode-se sentir no romance o forte cunho autobiográfico impresso por Miguel a cada capítulo. Como se ele quarenta anos depois de ter escrito o seu primeiro conto e seu primeiro roteiro cinematográfico resolvesse passar toda essa formação a limpo – com correções. Não é à toa que personagens reais permeiam a narrativa, como por exemplo o romancista Anibal Nunes (1915–1976) e o cineasta paulista Ody Fraga.

mentira" abundam em cada esquina).

Contista, roteirista de cinema, diretor, romancista, ele consegue, em mais de trinta anos de produção literária, reunir um dos acervos mais consideráveis – e qualitativamente significativos – dentre os modernos de nossa vida cultural.

Seu "A vida breve de Segefredo Neves" se não inaugura nenhum momento **novo (stricto sensu)** em nossa prosa, na pior das hipóteses dá-lhe sopro revitalizador impossível de ser ignorado.

O livro sobre o livro dentro de um livro. O inventário da construção do romance dentro do romance sobre um romancista. Um labirinto que foi encetado pela vez primeira no "Bouvar & Pecuchet" do mestre Flaubert (que por seu turno tinha atrás da orelha pulgas levantadas por Sterne e Austen).

Segefredo Neves é mais um emblema, uma cifra, um marco definidor de caracteres e circunstâncias comuns a todo o processo formador da nossa **kultur**. Por trás de Segefredo agitam-se significações

amarradas
adubar
regar
Sofrer
esperando que
da terra estéril
brote o fruto" (pg. 127).

Poemas, contos, fragmentos, trechos inteiros de capítulos, simples epígrafes, notas... tudo isso vai compondo o inventário, de Segefredo – que deixou de ser poeta para se tornar um próspero industrial. Um **manager** rico, bem sucedido e que subitamente desaparece do mapa sem deixar vestígios físicos – exceto um amontoado de poemas, contos, fragmentos, trechos inteiros de capítulos... um labirinto de textos que o autor/narrador vai montando, pacientemente, deixando que o perfil apaixonado e apaixonante do misterioso fantasma tome conta de sua imaginação.

E da nossa.

Miguel vai a minúcias de apresentar capítulos dos romances de Segefredo com as correções do autor (Segefredo) – e justamente aí, nessa dimensão "joyceana" de sua prosa, ele se mostra de uma só vez

personagens...
permeiam a narrativa, como por exemplo o romancista Anibal Nunes (1915–1976) e o cineasta paulista Ody Fraga.

"Sonho a vida. Quero viver a vida. não o sonho" (pg. 80).

Esse reverso de uma medalha bem mastigada (que usualmente coloca o sonho diante da realidade) é um dos aspectos mais tocados pelas polifonia migueliana. Como se estivesse diante de um objeto de estudo científico Miguel debruça-se sobre a fatualidade do ato criador, sobre suas mesquinhas (por vezes sórdidas) circunstâncias

Romance de construção elaborada e delicada, "A vida breve de Segefredo Neves" surge num momento oportuno na nossa crise literária – uma crise mais qualitativa do que nunca (pois edições recentes é o que não faltam). Maduro, dono da linguagem (ou das linguagens) que utiliza, Miguel nos entrega um dos trabalhos mais sérios dessa temporada literária que pouco, ou quase nada de novo, viu até agora.

Marcílio Farias

012: Desafio para o leitor

FISCHER, Almeida. Desafio para o leitor. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 04 jun.1988, nº 411, pag. 12, ano 6.

Desafio para o leitor

Classificar um texto literário segundo os gêneros conhecidos e suas diversas modalidades nem sempre é tarefa simples porque suas linhas divisórias muitas vezes são bastante tênues e imprecisas. Fazê-lo talvez seja hoje trabalho despendendo. O importante é constatar se o texto é bom ou não. No caso especial de *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta*, o mais recente livro de Salim Miguel, a questão muda de figura, pois isso representa um desafio para o leitor, proposto pelo próprio Autor na dedicatória do volume, taxando seu trabalho de ficção/montagem/colagem (ou biografia imaginária). Por sua vez, o editor, na quarta de capa, se indaga: "Ficção/montagem/colagem? Romance? Jogo de armar? Crônica de província? Biografia imaginária?"

O livro se constrói em função de oito partes: "A maçaroca ou um esclarecimento", em que o Autor explica que recebeu de um velho integrante de sua geração um pacote com papéis deixados por Sezefredo das Neves na pensão em que residira antes de sumir; "Dois Necrológicos", um falso, do poeta, datado de 24-08-54 (supõe-se que por ele próprio escrito, quando resolveu sumir de Florianópolis), e outro, de S. Antero das Neves, conhecido por Coronel Antero, publicado pelos órgãos de comunicação em 24-8-86, enaltecendo o próspero empresário que vencera no extremo oeste do Estado de Santa Catarina; "Cronologia", levantada pelo Autor, na qual consta que Sezefredo era filho de Serzedelo das Neves e Januária Miguelina Antero das Neves; "Fragmentos de um Diário Íntimo", em que Sezefredo das Neves revela sonhos e decepções, sua vida em Biguaçu e, depois, em Florianópolis, e manifesta vagamente seu desejo de sumir da ilha; "Poemas", reunindo parte de sua produção em versos; "Prosa", em que aparecem esboços de contos; "Imprecisos Perfis", com fragmentos talvez de uma novela autobiográfica; e "Reminiscências — Depoimentos", reunindo memórias e depoimentos de pessoas que conheceram Sezefredo num passado distante, ou companheiros de geração. Embora pura ficção, muitos dos depoimentos estão assinados por nomes conhecidos, como Hugo Mund Júnior, Eglê Malheiros, Adolfo Boos Júnior, Aníbal Nunes Pires e outros.

Toda a história está construída com esse diversificado material, resultando da combinação dos seus significados a figura do poeta magro e alto, de longos cabelos e olhos fundos, movimentando-se cheio de vida tanto em Biguaçu quanto em Florianópolis. Todo o processo de elaboração do livro é o da biografia, com pesquisas, reprodução de escritos deixados, inclusive fac-símile de alguns, confronto de dados, cronologia e depoimentos de contemporâneos. Seria, pois, uma biografia, se Sezefredo das Neves tivesse existido. Uma biografia imaginária? Mas o poeta é apenas uma personagem, bem caracterizada, que ganha vida e ação de repente e, como ser vivo, frequenta os meios literários, toma birritas nos bares da ilha, conversa e discute, lê seus poemas para os companheiros de noitadas boêmias. É, enfim, uma personagem de ficção. Trata-se, pois, de um romance, de urdidura diferente e inovadora. Aliás, a busca de inovações, principalmente de técnica de elaboração literária, tem marcado grande parte da obra de Salim Miguel.

O romance enfoca Florianópolis dos anos 40/50, especialmente sua juventude intelectual buscando espaço, lutando contra o estabelecido, ensaiando os primeiros vãos na poesia, na ficção, no teatro,

nas artes plásticas. E também Biguaçu de antes, cidade natal do poeta Sezefredo (e de adoção do Autor), com seu marasmo, suas figuras populares e pitorescas, as primeiras amarguras existenciais do futuro poeta. Em várias de suas passagens há a sugestão de que o poeta Sezefredo, que desapareceu de Florianópolis como por encanto, é o mesmo S. Antero das Neves, grande empresário do oeste do Estado, dono de fazendas, indústrias das mais prósperas do País, exportador de madeira para a Argentina, mais conhecido como Coronel Antero, nascido em Biguaçu. Embora apenas sugerida, sua vida de notáveis realizações seria a continuação da do poetinha que não dera certo nas letras catarinenses. O leitor atento chega à conclusão de que são a mesma pessoa, principalmente pelo Antero, sobrenome da mãe de Sezefredo. E também pelo encontro com um dos companheiros de geração, que narra o fato em seu depoimento.

Não há dúvida de que *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta* é um romance inteligente, que nos instiga a penetrar no cipoal de sua construção em busca do seu real significado. Que, afinal, emerge por inteiro, e com muita força, do texto.

Almeida Fischer

013: Sezefredo das Neves, o poeta de Biguaçu

CALDEIRA, Almiro. Sezefredo das Neves, o poeta de Biguaçu. **O Estado**. Florianópolis, 03 jun. 1988, nº 02.

Sezefredo das Neves, o poeta de Biguaçu

Almiro Caldeira *

Conseguir o máximo de autenticidade a suas criações deve ser o principal empenho do autor de ficção, servindo-se para isso de todos os recursos que a arte permite e o seu engenho faculta. Se assim não fizer, negar-se-á a si mesmo e ao seu trabalho, correndo o risco de sair pelo mundo das letras feito um desvairado Quixote com uma bacia na cabeça à guisa de elmo.

No afã de induzir o leitor a crer na existência física, para além das idealizações cerebrinas, das personagens concebidas pela sua inventiva, é comum o novelista inserir na ficha dessas pessoas fictícias minúcias biográficas, dados que as situam no meio social, indicativos de sua presença concreta entre a população de carne e osso em certo momento e lugar.

Entretanto, parece-me original valer-se o escritor do pretenso testemunho de individualidade reais para comprovar a vivência do seu fantoche. E isto aparentemente fez Salim Miguel, intencionando talvez fornecer carteira de identidade civil a *Sezefredo das Neves*. Digo aparentemente porque vejo o seu objetivo colocado um pouco mais distante: no intuito de dar à personagem dimensões novas e variadas mediante pontos de vista múltiplos, à feição de textos autônomos.

Em todo o processo acertou o romancista construindo com veracidade o seu POETA, moldando-lhe a figura no barro das palavras e neles infundindo o sopro de vida que a arte pode produzir quando a mestria do criador possibilita esse prodigioso bafejo sobre o não-ser que quer ser. De tudo resulta algo assim como se houvesse gravado no bronze da realidade o perfil de alguém que deveria contentar-se em permanecer esculpido na memória da imaginação.

Bem elaborando a sua personagem, trabalhando-a com talento, pôde SM compor um tipo cheio de vida (embora breve...) e introduzi-lo com habilidade no "grupo dos novos" e no mural um tanto confuso e desencontrado da paisagem cultural da província dos anos 50, onde se retratam em traços caricatos e sob nomes indisfarçáveis muitos contemporâneos, que de algum modo marcaram época.

De tudo emerge mais real que muita gente com registro cartorário a figura controvertida, às vezes ridícula, outras sublimes, sempre excêntrica, do singular beletrista biguaçuense. Como poeta, Sezefredo atinge altos e baixos, mas sempre fiel a si mesmo, reconduzindo frequentemente a poesia de "mero artifício de evasão da vida à categoria de arte de expressão da vida", no conceito de Hernani Cidade a propósito de Bocage. Em "Sempre Jardim no Inverno" e nas "Sinfonias em Negro para Florianópolis" alcança notas de rara beleza e realismo, quer no exprimir o sentir intimista, quer no fixar o vulgar cotidiano. Na prosa amargurada ou doce revela a alma contraditória, um instante sonhadora e lírica, um momento ambiciosa e chã, sem nunca esmorecer na perseguição do seu ideal de arte, anti-herói de batalhas sucessivamente perdidas.

Pelo que escreveu, pelo que disse, pelo que fez e foi, Sezefredo das Neves viveu e vive, pouco imortando ser apenas um sujeito criado pela ficção literária.

Ficção? Será que me enganei? Não teria eu também conhecido o poeta e até com ele papeado no Café Rio Branco? Agora, a dúvida...

(*) Escritor, autor, entre outros, de *A Arca Açorense*

014: Quem quer uma vaga de imortal

WANDELLI, Raquel. Quem quer uma vaga de imortal?. **O Estado**. Florianópolis, 10 maio 1987, Fim de semana, pag. 12 e 13.

12 Florianópolis, 10/05/87 fim de semana

Quem quer uma

13 Florianópolis, 10/05/87

vaga de imortal?

Há uma vaga na Academia Catarinense de Letras. Dentro de um mês os membros da ACL escolherão, por eleição direta, quem vai ocupar a cadeira de número 29 e vestir o fardão do professor universitário e advogado, Edmundo Acácio Moreira. Acácio foi o fundador da cadeira e apesar de seus quase 90 anos, nunca faltou às sessões. A notícia da vaga poderia, no passado, mexer com a esperança de escritores, políticos e intelectuais, mas hoje a instituição não é mais almejada. Com a palavra os escribas, fardados ou não.

Quando deu-se a notícia da vaga, Acácio Moreira, 89 anos, não se moveu. Para ele, a vaga era dele desde que ele a fundou. Mas, para os outros, a vaga é uma oportunidade de se destacar. Acácio Moreira, fundador da cadeira, é um homem de poucas palavras. Ele não gosta de ser o centro das atenções. Ele prefere trabalhar em silêncio. Ele é um homem de poucas palavras. Ele não gosta de ser o centro das atenções. Ele prefere trabalhar em silêncio.

Carlos Gomes é um exemplo. Com sua assiduidade, aos relatórios e falhas. Muitos só querem o título. Se elegem e depois nunca aparecem na sede. "A frequência é obrigatória, mas nem todos podem comparecer às reuniões porque exercem cargos de alta categoria no estado". O desejo de "marcar presença" não vir ninguém ajudou a levar o afastamento de Luperon. "David, de que haja 50% de frequência", apostou o poeta Alcides Buss.

MÉDIAS

A duplicidade dos acadêmicos tem dois motivos justos: a sua idade avançada e a distância da sede, localizada "nos longínquos charcos do Itacorubi", como discursava Licurgo, (uma saída do Centro Integrado de Cultura, para ser mais claro). Nem todos tem carro e se locomovem com dificuldade, alguns de cadeira de rodas. Vale dizer que as reuniões são trabalhosas para os que são atacados de sede, exatidão e exatidão. Para facilitar a participação dos mais velhos, o presidente da academia sua luta na conquista de uma sede no centro da cidade.

Uma sede adequada é promessa antiga. Em 1925, nove anos após a fundação da ACL, o então presidente da província e acadêmico Adolfo Konder assinou a lei número 1.660, declarando a sua utilidade pública. Seu artigo 2º determinava que "para a definitiva instalação dessa associação, fica o Poder Executivo autorizado a ceder ou adquirir um prédio apropriado com a denominação de Casa de Santa Catarina, assim que os recursos orçamentários o permitirem". Uma santa honrosa.

PROMESSA E DIVIDA

Adolfo foi aplaudido, mas fez 60 anos que assinou a lei e nunca mais houve recurso orçamentário algum para construir a "Casa de Santa Catarina". Depois de andar de galho em galho, sem sede fixa, tudo estava certo para a ACL ocupar um espaço na Casa da Cultura, "mas a Biblioteca Pública e a Secretaria de Cultura do Estado se espalharam pelo prédio imenso", choraminga Licurgo. Mais tarde, o governador Espíndola...

'Status', o desacordo

Acadêmicos, ilustres

Quando deu-se a notícia da vaga, Acácio Moreira, 89 anos, não se moveu. Para ele, a vaga era dele desde que ele a fundou. Mas, para os outros, a vaga é uma oportunidade de se destacar. Acácio Moreira, fundador da cadeira, é um homem de poucas palavras. Ele não gosta de ser o centro das atenções. Ele prefere trabalhar em silêncio.

Quando deu-se a notícia da vaga, Acácio Moreira, 89 anos, não se moveu. Para ele, a vaga era dele desde que ele a fundou. Mas, para os outros, a vaga é uma oportunidade de se destacar. Acácio Moreira, fundador da cadeira, é um homem de poucas palavras. Ele não gosta de ser o centro das atenções. Ele prefere trabalhar em silêncio.

Quando deu-se a notícia da vaga, Acácio Moreira, 89 anos, não se moveu. Para ele, a vaga era dele desde que ele a fundou. Mas, para os outros, a vaga é uma oportunidade de se destacar. Acácio Moreira, fundador da cadeira, é um homem de poucas palavras. Ele não gosta de ser o centro das atenções. Ele prefere trabalhar em silêncio.

Quer uma

Há uma vaga na Academia Catarinense de Letras. Dentro de um mês os membros da ACL escolherão, por eleição direta, quem vai ocupar a cadeira de número 29 e vestir o fardão do professor universitário e advogado, Edmundo Acácio Moreira.

Acácio foi o fundador da cadeira e apesar de seus quase

Raquel Wandell

Há uma vaga na Academia Catarinense de Letras! Nos meados do século, esta notícia poderia vibrar as esperanças de intelectuais, políticos e escritores (muitos medíocres), avidos por coroar sua carreira com o cetro dos imortais. Mas o fardão já não é tão coligado. Faz mais de cinco meses que o professor e advogado Edmundo Acácio Moreira morreu, deixando vaga a cadeira número 29, e até agora só há três inscritos. Um deles é o historiador Cyro Enkle, natural de Joinville, autor do épico *A conquista do Planalto* o outro é o poeta independente Almir Martins, de Imbituba. E como não só escritores almejam o título, o outro é Napoleão Xavier do Amarante, desembargador aposentado e professor universitário de Direito.

Não há mais tempo para tentar deixar o vil mundo dos mortais. As inscrições abriram em 6 de abril e encerrarão em 6 de maio.

Pouquíssimos se interessaram em jogar no número 29 (no jogo do bicho talvez haja mais apostadores). Na história até bem recente da entidade, aconteceu de o prazo das inscrições ser prolongado durante meses porque havia um só pretendente. E esse fato se repete também na gloriosa Academia Brasileira de Letras.

EM MASSA

Em épocas mais duras, a ACL amargou um período de ostracismo maior. Pelos idos de 65, o número de acadêmicos não era suficiente sequer para dar lugar à eleição da diretoria (15, no segundo escrutínio). A *gloriosa* estava prestes a ser enterrada junto com seus fundadores mortos. Tinham mais vagas do que acadêmicos efetivos. Os assentos vazios esperavam eternamente o traseiro de um sucessor. Alguns eram virgins. Foi quando Nereu Corrêa, político e autor de *Perfis e retratos em vários tons*, saiu catando acadêmicos a lapa. Entraram dez de uma só vez. Alguns nunca tinham escrito um livro. Até hoje não se sabe quem desvirginou a última das cadeiras. A partir daí, foi apregoado aos quatro ventos que Nereu revitalizou a Academia.

Contudo, a entidade nunca escapou de iroscos. É alvo vulnerável de críticas, algumas leves e graciosas, como diz Licurgo Ramos da Costa, o atual presidente, "outras sarcásticas e raiosas".

As balas vêm de todo lado, inclusive dos próprios acadêmicos, o que enfraquece a diretoria, eleita a cada dois anos (a executiva em assembleia-geral por voto direto e secreto e o restante por indicação do presidente). Os críticos mais algeos são escritores contemporâneos que repudiam a instituição. A ela dirigem os mais variados adjetivos: esclerosada, ultrapassada, anacrônica, inerte, inútil, fechada, megalomaníaca.

PREGUEIRA DE POBRE

Falar nisso é tocar no calo dos *perpétuos*. Quando se arrigam o mérito de estar na "entidade cultural de maior projeção do estado" e de "representar o que há de mais expressivo nas letras catarinenses", têm de engolir certos sapos. A tessalva que vem logo a seguir é quase uma questão de honestidade: "É claro que alguns grandes valores ainda estão fora da Academia porque não querem pertencer a seus quadros", reconhece Licurgo Costa, um senhor encantador, que como embaixador aposentado do Brasil no exterior pôde colecionar verdadeiras relíquias em sua casa. Quadros originais de Portinari, livros de história do século XVI, fotografias dele ao lado de Villa Lobos e Getúlio Vargas emolduradas na parede, que ele aponta sem disfarçar o orgulho, ilustram seu museu particular.

Autor da obra histórica *O Continente das Lagoas*, a maior honra de Licurgo é ser um dos raros homens vivos, e ainda por cima catarinense, com cinco linhas na "magnífica Enciclopédia Biana".

"E prova de que fizemos alguma coisa", gaba-se. Já sua visão a respeito da pobreza não é tão simpática. No livro *As mordomias da pobreza*, em fase de edição, o acadêmico critica o projeto do sociólogo Hélio Jaguaribe, *Brasil 1980*, encomendado pelo presidente José Sarney, que prevê uma fórmula de extinguir a pobreza até o ano 2.000. Ele adverte que essa tarefa não é tão fácil porque a grande maioria dos pobres é o porque quer. "E que Licurgo descobriu certas mordomias dos miseráveis que eles não querem perder. Por exemplo, não precisam se preocupar com taxas de luz, água, esgoto, terreno, construção de banheiros, etc", teoriza o intelectual.

OVELHAS DESGARRADAS

Pois a meta de Licurgo é "conseguir a simpatia e o interesse de todos os grandes escritores catarinenses ainda fora da Academia, para que venham dar mais prestígio à casa". Também o historiador e presidente do Arquivo Público, Iaponam Soares, quer trazer para o rebanho estes rebeldes desgarrados, na esperança de que sua entrada dê um fôlego novo à instituição. "Precisamos deles", convide Soares, autor de *A História do município de Biguaçu*, um dos mais jovens acadêmicos ("ainda não cheguei aos 50"), iniciado na grande leva de 64.

Contudo, os jovens vanguardistas de hoje se recusam a ser os austeros acadêmicos de amanhã. E se negam, irredutíveis, a iluminar o território dos fardados. Pode-se contar nesta *birra*, os grandes nomes da literatura catarinense contemporânea, a exceção de Holdemar de Menezes, João de Queiroz, Glaucio Rodrigues Corrêa e Flávio José Cardozo.

São anti-acadêmicos declarados: Silveira de Souza, Adolfo Boos Júnior, Alcides Buss e Salim Miguel, Lindolfo Bel, Hugo Mann Júnior e Márcio Camargo Costa (excusas por omissões) são estrelas que não brilham nessa constelação.

Deus para uns, diabo para outros

Que a abominem seus críticos mais feroces e a idolatrem seus fãs e aspirantes, mas um fato é inegável: Deus para uns, Diabo para outros, a Academia ainda desfila coberta de ouro no sonho dos que a renegam. É a metáfora da bela oferecida, muitos a condenam, enquanto gostariam de se ajoelhar a seus pés. Este pelo menos uma vez não resistiram ao *como da sereta*, da glória do fardão. O autêntico poeta Mário Quintana foi um deles, para a decepção de seus admiradores. Derrotado, ele se arrependeu e voltou a excri-la. "Todo mundo tem suas fraquezas", tenta justificar o escritor Salim Miguel, um anti-acadêmico.

O editor Cleber Teixeira, que também jura de pés juntos excomungar a maldadada até a morte, prefere uma explicação filosófica. "Deve ser coisa da idade", avalia. "Quando as pessoas começam a envelhecer procuram entrar na academia como procuram uma roda de amigos". Quanto a Quintana, "sorte dele não ser eleito. Eu espero jamais fraquejar a esse ponto". O acadêmico Iaponam Soares lembra que o título representa a coroação da carreira para o idoso.

SAINDO DAS FRALDAS

A tese da velhice tem sérios indícios. A julgar pela idade dos acadêmicos: o caçula da casa é o poeta Manoel Liberato Pinheiro Neto, que beira os 30 anos. "Está deixando de usar fraldas", brinca Iaponam, um de seus *irmãos* mais jovens. Pinheiro entrou em 82, uma criança ainda, observa balancando a cabeça o presidente da *fraternidade*, Licurgo Costa, 73 anos, para quem a senilidade começa aos 75. O *voraz* *chur-*

ma e o ex-senador Carlos Gomes de Oliveira, 92 anos, que mora em Joinville e não falta a nenhuma reunião. No dia 20 de maio mesmo, ele virá dar uma conferência na Academia.

Carlos Gomes é um exemplo, com sua assiduidade, aos relapsos e faltosos. "Muitos só querem o título, se elegem e depois nunca mais aparecem na sede", revela Licurgo, consertando atrás: "A frequência é elogiável, mas nem todos podem comparecer às reuniões porque exercem cargos de alta categoria no estado". O desgastado de "marcar reunião e não vir ninguém" ajudou a levar o afastamento de Iaponam. "Duvido que haja 50% de frequência", aposta o poeta Alcides Buss.

MEDIAS

A duplicência dos acadêmicos tem dois motivos justos: a sua idade avançada e a distância da sede, localizada "nos longínquos charcos do Itacorubi", como discursa Licurgo o território do Centro Integrado de Cultura, para ser mais claro. Nem todos tem carro e se locomovem com dificuldade, alguns de cadeira de rodas. Vale dizer que as reuniões são trabalhosas para os que são atacados de súbito, reumatismo e esclerose. Para facilitar a participação dos mais velhos, o presidente direciona sua luta, na conquista de uma sede no centro da cidade.

Uma sede adequada é promessa antiga. Em 1929, nove anos após a fundação da ACL, o então presidente da província e acadêmico Adolfo Kondor assinou a lei número 1.660, declarando a sua utilidade pública. Seu artigo 2º determinava que "para a definitiva instalação dessa associação, fica a disputa pelo título de acadêmico algum para construir a 'Casa de Santa Catarina'. Para facilitar a participação dos mais velhos, o presidente direciona sua luta, na conquista de uma sede no centro da cidade.

PROMESSA E DIVIDA

Adolfo foi aplaudido, mas faz 60 anos que assinou a lei e nunca mais houve recurso orçamentário algum para construir a "Casa de Santa Catarina". Depois de *pular de galho em galho*, sem sede fixa, tudo estava certo para a ACL ocupar um espaço na Casa da Cultura, "mas a Biblioteca Pública e a Secretaria de Cultura do Estado se espalharam pelo prédio inteiro", choraminga Licurgo. Mais tarde, o governador Espíndola Amin também quis fazer média e telefonou nas duas últimas semanas do seu reinado anunciando solenemente que tinha resolvido o problema da sede da Academia. Ela viria para o Palácio da Cultura, na Tenente Silveira, assegurou.

Qual nada. Quando a diretoria chegou no *Palácio Rosado*, cheia de prosa, a sala prometida já estava tomada por uma biblioteca infantil da Lades. Embora chateado, Licurgo deposita esperanças no novo governo, que tem como secretária a ilustre professora dra. Zuleika Lenzi (quem sabe ela ceda as pressões de seu marido Silveira Lenzi, acadêmico da cadeira 14). "Aliás, tanto a secretária como o nosso eminente governador já asseguraram que, oportunamente resolverão o problema da sede da Academia de Letras". A diretoria também reivindica uma subvenção pública, a exemplo de outras academias do país. (Na Brasília os participantes recebem C\$ 200 de jeton por reunião). "Hoje nossas despesas são pagas pelo bolso dos associados", reclama o presidente, mostrando fotos de academias de outros estados, acomodadas em lugares e suntuosas sedes. "Veja como é bonita a Academia de Passo Fundo". E a do Ceará então, um verdadeiro palácio", inveja.



'Status', o desacordo

um escritor de qualidade. Ali convivem muito bem os melhores e os piores. E eles têm de se tratar com reverência, sem críticas".

DERROTA POLITICA

É arriscado dizer que a Academia funciona como um termômetro da atividade literária do estado. Hoje acontece de verdadeiros *cobras* se candidatarem e serem frágilmente derrotados. Há quatro anos, Enkle, atual presidente de Lages, autor de quase uma dezena de obras (*O azul da montanha*, 1976, *Tapeite Verde*, 1983 duas coletâneas de contos publicadas pela Editora do Escritor de São Paulo) perdeu a vaga de Luiz Gallotti para Antônio Carlos Kondor Reis, atual deputado federal. Como seu antecessor, Kondor Reis ganhou a farda sem nunca ter escrito um livro.

Na mesma condição entraram para a Academia Brasileira Getúlio Vargas, o político Otávio Mangabeira e o Almirante Aurélio Lima Tavares e para o Catarinense Edmundo da Luz Pinto, político e orador, o ex-governador Lauro Muller, os jornalistas Leopoldo Diniz Jr. e Gustavo Neves, todos falecidos. E, embora o requisito básico para *fugurar* na eminente sociedade seja o mínimo de uma obra publicada, boa parte dos

acadêmicos não saiu da oratória e dos artigos para jornal.

A eleição de não-escritores, que são chamados de *personalidades*, foi uma necessidade desde o início. Logo os fundadores se deram conta de que não havia material suficiente para preencher a lotação de 40 vagas que copiaram da Academia Francesa. O jeito foi espelhar-se na ABL, que também enfrentou o problema quando criada em 1897 e permitiu o acesso a intelectuais. Em seu livro de memórias *Da Força à Academia*, o escritor Oswald Orsini reconhece que "não se pode negar que, socialmente falando, a Academia é um salão. Necessita, para conservar esplendor, um cruzamento de vocações, de investigações, entre as quais a tarefa puramente literária passa a segundo plano".

DANÇA DA CADEIRA

Essa interpretação torna espantosa a convivência de acadêmicos contrários à entrada das *personalidades*. Além disso, o critério difícilmente é a qualidade do trabalho. A disputa pelo *trono* se assemelha a *dança da cadeira*, onde os mais ligeiros sentam — os lerdos ficam em pé. "Na maioria das vezes o que vale é a amizade com o eleitorado", revela Iapo-

vaga de integral?

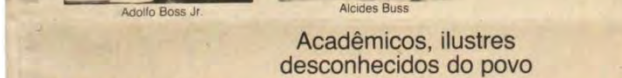
90 anos, nunca faltou às sessões. notícia da vaga poderia, no passado, mexer com a esperança escritores, políticos e intelectuais, mas hoje a instituição é mais almejada. Com a palavra os escribas, fardados ou não.



Silveira de Souza



Theobaldo Jamundá



Adolfo Boss Jr.

Alcides Buss

Acadêmicos, ilustres desconhecidos do povo

nan, que apresentou a candidatura de Enéas Athanasio e se sentiu "bastante chateado" com a derrota para Antônio Carlos, indicado por Silveira Júnior. "Estava difícil ganhar, muitos acadêmicos já tinham assumido compromisso com o deputado — e eles cumpriram mesmo". Talvez a garantia do voto prometido seja a única diferença em relação a política maior, do lado de fora.

"A escolha não foi justa", lamenta Laponan, respaldado por Silveira de Souza. Ele adverte que a imagem do político tem sofrido o escrutínio.

Mediocre e talentoso têm seus lugares enumerados na mesma mesa. A porta de acesso é a mesma. "Assim como fazem parte pessoas de valor, muitos são de talento discutível", atesta Alcides Buss. "O que conta para ser eleito não é o mérito, mas as amizades e influências". Já disse um grande filósofo que "o mediocre mais do que o bom procura o mérito". E o seu horizonte termina ali, na Academia, aponta Cleber Teixeira, autor de *Armadura exposta, cavalo e fe* (poemas). Ele adianta que é mais fácil um mediocre se eleger. "Se no Rio de Janeiro as relações de amizade é que vige, imagine aqui, onde tudo é comprado", dispara.

O escritor Salim Miguel está dando um prêmio a quem souber o nome dos 40 acadêmicos. Antes de saber o resultado ele adianta que "eu não sei e ninguém sabe". Embora a Academia se preocupe em cultivar a memória de seus patronos e divulgar o nome dos associados, os discursos de batização não extrapolam as paredes do CIC. "A Academia não está colaborando para que seus membros sejam mais divulgados. Ela é fechada, seu trabalho não repercute", acusa o poeta Alcides Buss.

O fato de a grande população ignorar os acadêmicos e suas atividades é uma prova de que "o escritor não pode ficar olhando o seu umbigo", conforme adverte Alcides. Nem os escritores passam no teste: Cleber Teixeira não consegue enumerar mais de dois acadêmicos: "o laponan Soares, o Pinheiro Neto e um que é médico", qual é mesmo o nome? "A presidente da Acaç Juliana Wosgraus lista vários autores, mas confessa que desconhece os integrantes da ACL. "Sei que deve ser como na brasileira: para cada talento como João Cabral de Melo

Neto, um mediocre como J. G. de Araújo", compara.

(De fato, com uma lente de aumento pode-se encontrar até escritores de vanguarda na Academia. É o exemplo do poeta e professor de Psicologia Pedro Bertolino, inimitável assim, em teoria, vestido de fardado na cadeira 27. Explicase: Bertolino se diz existencialista e Sartre, o papa do existencialismo, jamais se candidataria a essa sociedade).

FONTE DA ETERNIDADE

Valdeley Rouver, poeta independente, só conhece Walter Piazza, autor de *Santa Catarina sua história*. Adolfo Boss, contista e romancista, não vai além de laponan, Flávio José Cardozo, Holdemar de Menezes e João Nicolau de Carvalho (vice-presidente da entidade), enquanto Salim Miguel comprovava sua afirmação citando apenas Celestino Seco e Theobaldo Jamundá. Afinal os eminentes mortais como gostam de se referir uns aos outros), não passam de ilustres desconhecidos. Talvez porque os verdadeiros mortais entrem para a posteridade por outra porta, mais criteriosa: a do talento.

"Não tenho interesse no fardão"

Quando pelos idos de 50 um acadêmico convidou-o a entrar para a Academia, o escritor Salim Miguel, um dos precusores do irrequieto Grupo Sul, impôs uma condição séria: "Só se foi no seu lugar". Hoje ele recusaria a oferta com a mesma resposta e ainda arremataria que se entrasse, certamente aconteceria uma tragédia. Primeira: "Ou eu acabo com a Academia". Segunda: "Ou ela acaba comigo". Quando soube que abriu uma vaga reagiu assim: "Bem feito para quem for eleito".

Para o autor de *Velhice* e outros contos a Academia não estimula o poder cidadão e "existem casos em que é capaz de bitolá-lo". No seu modo de ver, o associado corre sérios riscos de "se limitar àquela inércia (no mau sentido) comunidade social e se esquecer de que a função do escritor é escrever e não pertencer a academias". O próprio laponan Soares, que foi secretário-geral na gestão anterior, não aconselha a entrada de escritores jovens. "Eles devem fazer todas as suas coisas de sua obra primeiro. Na Academia podem se sentir inibidos". Também um anti-acadêmico convicto, o escritor Alcides Buss diz que as academias "só fazem retrair o trabalho do escritor, que se acomoda com o título".

SOMOS INÚTEIS

Proprietário da Editora Nova, Cleber Teixeira compara a instituição a clubes particulares como o Lyons e Rotary. Se não existisse não deixaria nenhum vácuo na literatura. Assim como existindo também não interfere em nada. "Não é nada pessoal", ressalva Cleber. "Por favor, não quero me indispôr contra ninguém, mas ela não serve para coisa alguma" (apesar de ser considerada entidade de utilidade pública por lei). "Já li alguns exemplares da revista que eles editavam. Cheia de discursos acadêmicos bastante sem graça, por sinal", fulmina Cleber.

"Uma instituição burocrática, que só se preocupa com os aspectos formais da literatura", classifica o contista Silveira de Souza. "Eu não gostaria de falar sobre isso", reage a primeira pergunta. — É um órgão a parte, sem qualquer influência. Depois foi mais contundente: "É o centro dos rumos, só honrarias". "O antro do academicismo", segundo Cleber.

mo", segundo Cleber. "O lugar onde menos se questiona", prefere Alcides Buss.

PIQUENQUES

"Você quer me meter em mais negócios?", esquivava-se Adolfo Boss Junior, o único catariense e brasileiro que arrebatou dois prêmios em uma só Bienal do livro. Adolfo fala pouco mas não escorrega de sua opinião: "Ela é muito parada. Só se ouve falar quando morre um acadêmico". Ao que Salim Miguel acrescenta: "Ela não existe para a comunidade. Gostaria de saber quem está a par de suas atividades", pergunta.

Juliana Wosgraus, presidente da Acaç, responde: "Não sei o que eles fazem, em que contribuem. Pouco ouvi falar sobre ela até hoje". E reconhece, com grande esforço de não ser indecisa: "Tenho aversão a este tipo de entidade. O presidente atual, Licurgo Costa, se revoltou: 'Que desejam eles que a Academia faça? Que promova, como se dizia no século passado, saraus literários e cantantes? Que promova piquenques?' Cortadas de carro".

Alcides tem várias sugestões. A primeira providência, aponta, é tornar suas atividades públicas — "abrir as portas, mostrar o que é" — e deixar-se conduzir pelos interesses da comunidade. "Uma associação deve se posicionar nas questões cruciais, a respeito do acesso aos meios culturais, do problema da distribuição dos livros, por exemplo". Quando isso acontecer talvez muitos opositores se candidatem. Se depender de Alcides, "só valeria a pena entrar para revolucionar a Academia".

BRILHO FULGUROSO

Estes escritores juraram jamais entrar para uma Academia de Letras. Elas precisam mais do seu brilho fulgurante do que eles de seu fardão.

Carlos Drummond de Andrade
Graciliano Ramos
Erco Veríssimo
Gilberto Freyre
Murilo Rubião
Guilhermino César
Fernando Sabino
Monteiro Lobato
Lima Barreto
Aníbal Machado

Cultivar e defender o vernáculo

A Academia Catarinense de Letras foi fundada em 30 de outubro de 1920 por 14 intelectuais (entre eles Henrique Fontes, Othor d'Eça, Altino Flores, Diniz Júnior), concretizando a ideia do então secretário do Interior e Justiça do Estado, José Boiteux (o primeiro presidente). Estes senhores elaboraram uma extensa lista de objetivos: cultivar e defender o vernáculo (a sagrada flor do Lírio), cultivar a memória dos acadêmicos falecidos, publicar livros dos seus integrantes e uma revista trimestral, denominada *Signus*, além de organizar um levantamento cultural do estado, visando a publicação de um Dicionário Bibliográfico de Santa Catarina e de um glossário de provincianismos.

De todos objetivos, a ACL tenta cumprir bem a primeira. A julgar pelo vocabulário arcaico dos discursos acadêmicos, as inovações da língua jamais brotarão de uma Academia. É difícil acreditar que o fio-dental dos poetas porre e o fardão possam conviver com vestimentas da modernidade, segundo quer Ledo Ivo, o mais novo acadêmico da ACL. É natural que as academias sejam xingadas de ultrapassadas se o novo está surgindo justamente fora delas.

PEDRA QUE NÃO FURA

"De fato este será o seu futuro, na medida em que quem poderia mudá-la continua vendo o pro-

cesso literário como forma de cristalização do purismo da língua", condena laponan, acrescentando que "quando entro com mais 10 escritores não foi para rezar pela pureza da língua, mas para participar de um órgão de reivindicação de cultura". Ele reconhece que ela "não cumpre seu papel". Mas por que um membro dissidente não tenta mudar a política da instituição no nível de se afastar apenas? laponan revela que se sente "desanimado depois de 20 anos".

Hoje tantas murtas "ambiciosas demais para nossos recursos", segundo Licurgo, foram reduzidas a reuniões mensais (em que a própria frequência é questionada) e a intercâmbio de correspondência com acadêmicos brasileiros e estrangeiros. Os encontros se prestam a conferências de seus membros e a discussão das orientações que devam dar às consultas recebidas sobre a situação cultural do país. Em todos eles fica marcada a proposta do "cultivo e defesa do português, intensificando o seu estudo nas escolas".

A revista trimestral, que constava nos projetos dos fundadores, limitou-se a aparecer algumas vezes biennais. A última *Signus* foi publicada no início do ano passado. Sem a revista os acadêmicos ficaram desorientados. "Há quase 12 meses não se sabe da programação cultural que a entidade promovia", queixa-se laponan.

A academia e os 40 fardões

Presidente: Licurgo Ramos da Costa
Vice-presidente: João Nicolau de Carvalho
Secretário-geral: Edy Leopoldo Tremel
1. Secretário: Evaldo Pauli
2. Secretário: vago
3. Tesoureiro: Alir Pereira e Oliveira
4. Tesoureiro: Sylvia Amélia Carneiro da Cunha
Bibliotecário: vago
Relação das cadeiras com seus patronos e titulares:
Número 1: Alvaro Augusto de Carvalho
Titular: Edy Leopoldo Tremel
Número 2: Antero Abel Reis Dutra
Titular: Norberto Cândido Silveira Junior
Número 3: Carlos de Faria
Titular: Paulo Fernando Lago
Número 4: Cláudio Luis da Costa
Titular: João Alfredo Medeiros Vieira
Número 5: Crispim Mira
Titular: Theobaldo Costa Jamundá
Número 6: Duarte Mendes de S. Payo
Titular: Paulo G. W. Vieira da Rosa
Número 7: Duarte Pires dos Santos
Titular: Francisco de Oliveira e Silva
Número 8: Eduardo Duarte Silva
Titular: Carlos Gomes de Oliveira
Número 9: Feliciano Nunes Pires
Titular: João Nicolau de Carvalho
Número 10: Francisco Castilho de Faria
Titular: João de Queiroz
Número 11: Francisco Carlos da Luz
Titular: Glaucio Rodrigues Corrêa
Número 12: Francisco Pedro da Cunha
Titular: Holdemar Oliveira de Menezes
Número 13: Francisco Tolentino de Souza
Titular: José Antônio Beirão
Número 14: Gustavo de Lacerda
Titular: Carlos Alberto Silveira Lenzi
Número 15: João da Cruz e Souza
Titular: Celestino Seco
Número 16: João Justino Pimenta
Titular: Alcides Buss
Número 17: Gardênio Francisco Goetho
Titular: Carlos Humberto Corrêa
Número 18: João Silveira de Souza
Titular: José Curi
Número 19: Joaquim Antônio de S. Thiago
Titular: Arthur Pereira e Oliveira
Número 20: Joaquim Augusto do Livramento
Titular: Antero Abel Reis Junior
Número 21: Joaquim Gomes de O. Pavia
Titular: Evaldo Pauli
Número 22: Jonas de Oliveira Ramos

Titular: Antônio Carlos Kinder Reis
Número 23: não consta da relação
Titular: idem
Número 24: José de Lacerda Coutinho
Titular: Flávio José Cardoso
Número 25: Alexandre Martins da Costa
Titular: Paschoal Apolito Pissol
Número 26: Lauro Severiano Müller
Titular: Sylvia Amélia Carneiro da Cunha
Número 27: Luis Delfino dos Santos
Titular: Pedro Bertolino da Silva
Número 28: Lúcio Máximo Barbosa
Titular: Pincel de Medeiros Prado
Número 29: Liberato Battenstuen
Titular: vago
Número 30: Manuel J. de A. Coelho
Titular: Jacir Faustino da Silva
Número 31: Manoel de Souza França
Titular: Walter Fernando Piazza
Número 32: Manoel dos Santos Lodiado
Titular: Leoni Martins
Número 33: Manoel da Silva Matos
Titular: Renato Barbosa
Número 34: Marcelino Antônio Dutra
Titular: Oswaldo Della Guittina
Número 35: Martinho José Calisto
Titular: Leoni Máximo Calisto
Número 36: Oscar Rios
Titular: laponan Soares de Almeida
Número 37: Roldão de S. Thiago
Titular: Licurgo Costa
Número 38: Roberto Trompovsky de Almeida
Titular: Mauro de Santa Pereira (vacante)
Número 39: Sebastião Cidilo Calisto
Titular: Almino Calisto de Andrade
Número 40: Válgio Válgio
Titular: Nereu Corrêa



015: O que eles leem

O QUE eles lêem. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 23 abr.1988, Idéias.

Edgard Godoy da Matta Machado (Belo Horizonte), escritor:	Cláudio Cavalcanti (Rio), ator e escritor:	Salim Miguel (Florianópolis), romancista:
		
Acho que é necessário retomar sempre o contato com Machado de Assis e Guimarães Rosa. Seus livros sempre nos trazem novidades. Machado é nosso maior escritor e só Guimarães Rosa poderia ser comparado a ele.	O tempo e o vento, de Érico Veríssimo, e Viva o povo brasileiro, de João Ubaldo, talvez o melhor livro que já li na vida.	Recomendo a leitura dos romances de José Saramago, de Levantado do chão a Jangada de pedra, passando pelo Memorial do Convento e A morte de Ricardo Reis. É algo de realmente novo na ficção portuguesa.

016: Um ano sensações

UM ano sensações. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 31 dez. 1988, Livros, pag. 05.

Um ano sensações

A crise no mercado editorial, que já foi grande em 1988, vai se agravar em 1989. Boa parte das editoras brasileiras já reduziram em 50% a sua programação. De qualquer forma, 1989 ainda pode ser um ano de boas leituras. As listas de títulos são significativas. Comemorando os 200 anos da Revolução Francesa, as editoras vão investir pesado no assunto. Mas as grandes sensações do ano serão Umberto Eco - que deverá estar no Brasil em fevereiro para lançar seu *Pêndulo de Foucault*, junto à Record - e Fernando Moraes, que entregará à Companhia das Letras um livro sobre o empresário do Jornalismo, Assis Chateaubriand, chamado *Tigre de Papel*. A mesma editora estará lançando, simultaneamente com Portugal, o último romance de José Saramago, *História do Cerco de Lisboa*, além do diário de Virginia Woolf. Também neste ano, de 23 de agosto a 3 de setembro, acontece a IV Bienal Internacional do Livro no Rio de Janeiro.



Escritor Salim Miguel

Em Santa Catarina, onde muitos autores se preparam para publicar seus novos livros, a grande preocupação no momento é encontrar uma editora. Salim Miguel deve colocar duas obras suas na rua, *As várias faces*, uma novela, e *O castelo de Frankenstein II*, com críticas literárias. Alcides Buss publicará *A poesia do ABC* - um livro

infantil, pela Mercado Aberto - e *Pessoa*, reunião de *Segunda pessoa* e *Pessoa que finge a dor*. A edição será da Associação Brasileira de Crítica Literária. Já Holdemar Menezes lançará pela editora Movimento o romance *Inventário da agonia*. E Adolfo Boos Jr. terminará de escrever a novela *Presenças de Pedro Cirilo*.

A Editora Noa-Noa, de Florianópolis, publicará neste ano, entre outras obras, *Porta-retratos*, textos da norte americana Gertrude Stein, com tradução de Augusto de Campos, além de um livro de poemas de Cléber Teixeira. Ao mesmo tempo, a Editora da UFSC já têm 40 títulos aprovados. Alguns deles: *Graciliano Ramos e a crítica literária*, de Eunado Verdi; *Os sete mistérios da casa queimada*, de Guido Wilmar Sassi; *O homem que não gostava de simpósios*, de Emanuel Medeiros Vieira e *O professor é o poeta*, coletânea de poesias dos professores da UFSC.

017: Notas e novidade

BRAGA, Sergio. Notas e novidades. **Cataguases**. [s.l.], 09 Jul..1989, pag. 04.

8 — SALIM

O catarinense Salim Miguel vem desenvolvendo uma ampla atividade cultural, colaborando com periódicos em matérias de avaliações críticas e até editorando algumas coletâneas de escritores brasileiros. Além disso ele continua desenvolvendo seu trabalho ficcional, que já conta com alguns volumes bem recebidos pela crítica como o romance "A Voz Submersa", que a Global editou em 84 ou ainda "A Morte do Tenente e Outras Mortes", contos publicados pela Antares em 79. Agora ele retorna ao conto com "Areias do Tempo", mais uma vez pela Global. Estou incluindo seus livros na minha lista de obras e autores a serem lidos para comentários.

o CURTAS

018: Humor, incidência casual entre os escritores catarinenses

HUMOR, incidência casual entre os escritores catarinenses. **O Estado**. Florianópolis, 16 abr. 1985, pag.24, variedades.

LITERATURA



Salim: mantendo o nível

Flávio: sem predisposição

Raul: por mais espaços

Silveira: somente sátiras

Humor, incidência casual entre os escritores catarinenses

Sem ser e xatamente uma obra humorística, o livro "Este humor catarina" — lançado na semana passada pela editora Lunardelli — representa uma amostragem dos raros momentos de humor de 28 escritores catarinenses. Eles inclusive acham que, além de ser de uma vertente difícil da literatura, o humor é quase que acidental nas obras dos nossos autores. E é justamente esta casualidade que o livro procurou reunir, mostrando as experiências e as tendências do que poderia chamar de humor no trabalho destes escritores.

O próprio Salim Miguel — um dos organizadores da coletânea — disse que com muito esforço conseguiu reunir estes 28 trabalhos e que se fizesse uma seleção rigorosa o número de contos e crônicas seria ainda menor. De qualquer forma, um nível mínimo de qualidade foi mantido, com Salim considerando que os textos publicados na obra variam do excelente ao razoável.

Salim Miguel, escritor conhecido a nível nacional, entende que o humor e a sátira são pouco praticados no Brasil. Apenas um ou outro conseguem se destacar como humorista realmente. Este é o caso de Milôr Fernandes e de Luis Fernando

Verissimo, que se dedicam exclusivamente ao humorismo. Em Santa Catarina, o quadro se repete — raros são os escritores que têm um trabalho voltado para este lado da literatura.

Neste caso, o livro "Este humor catarina" é apenas uma sequência de um projeto de edição de três livros — "Este mar catarina", já lançado, agora "Este amor catarina", e futuramente "Este humor catarina" — todos selecionando os trabalhos de prosa dos escritores catarinenses. A obra lançada agora pretende apenas reunir os raros contos ou crônicas de humor produzidos no Estado.

Flávio José Cardozo, um dos que ajudaram a organizar a obra, também afirma que nenhum dos escritores que tiveram seus contos publicados neste livro pode realmente ser classificado como humorista. "Eles apenas tiveram alguns momentos de humor", coisa que, na sua opinião, não deve ser forçada. Para o escritor, trata-se de uma manifestação espontânea e pouco usual na literatura catarinense.

O por quê disto ele não sabe explicar, atribuindo talvez ao ambiente que não predispõe o humor. Isto apesar de haver um mercado e um público receptível a este tipo de literatura, não sabendo se por curiosi-

dade ou por se tratar de textos fáceis de digerir. Dependendo do sucesso da obra — fato que é sempre difícil de prever — Cardozo adiantou que poderão surgir outros lançamentos do gênero no Estado.

INICIATIVA

Na opinião de Raul Caldas, que tem um conto publicado no livro, esta edição foi uma boa iniciativa porque mostra o lado humorístico dos escritores. "É uma forma de demonstrar que entre os nossos autores existe esta vertente", assinalou. Para ele, no Estado apenas os cartunistas têm trabalho com o humor, não havendo textos com esta proposta. Entretanto, os órgãos de imprensa não fornecem muito espaço para este tipo de produção, ao contrário do que ocorre nos grandes centros. Neste sim, os jornais publicam páginas inteiras com cartuns, picles, anedotas e crônicas humorísticas.

Segundo Raul, a publicação de um livro talvez possa até contribuir para reverter esta situação, embora ache difícil devido à falta de textos humorísticos. De qualquer forma, disse que os jornais poderiam pelo menos pagar melhor aos cartunistas e cronistas que se dedicam ao humor. Isto porque, para aperfeiçoar o trabalho, no mínimo eles precisam

ser bem pagos e bem informados, o que só consegue com a leitura rotineira de jornais e revistas, produtos hoje considerados caros para os assalariados.

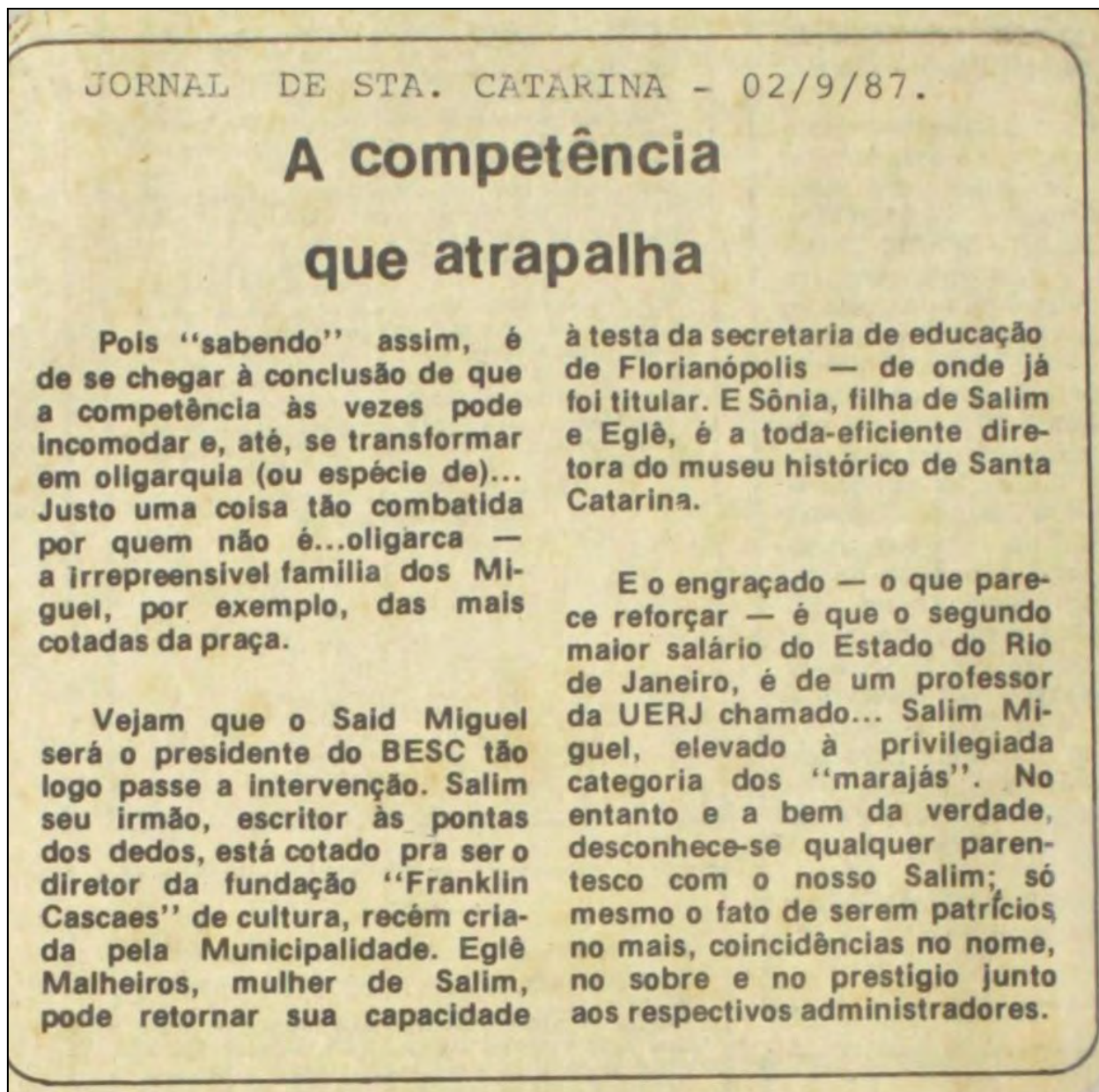
"É um livro pioneiro". A consideração é de Silveira de Souza, que também teve um dos seus raros momentos de humor publicado na obra. Tão raro quanto difícil, o humorismo para Silveira figura com mais frequência no jornalismo do que na literatura estadual. Daí o pioneirismo do livro "Este humor catarina" ressaltado pelo escritor, que não tem uma explicação para a carência de trabalhos humorísticos em Santa Catarina. Como os demais, ele profissionalmente nunca foi ligado a este gênero, com alguns dos seus textos se restringindo somente às sátiras bem humoradas.

Já Nereu Corrêa afirma que o ilhéu tem uma tradição de humor com seus trocadilhos e anedotas, o que não corresponde à literatura. Ele desconhece a razão do humorismo não ser cultivado nesta área, pois o ambiente, ao contrário de outros argumentos, é propício para isto. "Talvez seja porque é uma coisa difícil de produzir", afirmou o escritor.

Ele, da mesma forma que os demais autores da obra, teve raros textos de humor, que dependem de muita criatividade para qualquer produção de qualidade. Entre os que estão relacionados no livro, citou que Flávio José Cardoso, Jair Hamms e Silveira Júnior são uns dos poucos que se destacaram neste estilo, apesar de também não se dedicarem ao ramo.

019: A competência que atrapalha

A COMPETENCIA que atrapalha. **Jornal de Santa Catarina.** Florianópolis, 02 set. 1987.



020: Perseguição invade o terreno da galhofa

BRICKMANN, Carlos. Perseguição invade o terreno da galhofa. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 01 abr. 1984, pag. 06, 1º caderno.

Os 20 anos do Movimento de 64

Perseguição invade o terreno da galhofa

CARLOS BRICKMANN

Do nosso equipe de reportagem

Cena real:

Em volta da Universidade, 900 homens armados de metralhadoras portáteis e fuzis, uniforme de combate, rastejavam lentamente. O comandante das tropas de assalto, rádio em punho, transmitia as notícias para a retaguarda: "Estamos ganhando terreno"; "o inimigo não oferece resistência". Finalmente, os soldados chegaram à porta da Universidade de Brasília, onde foram recebidos por um cortês advogado: "Pois não, cavalheiros. O que os senhores desejam?"

Desejavam dar uma busca em regra na Universidade, em busca de provas de subversão. Após a busca, foram apreendidos os seguintes objetos subversivos: uma bandeira japonesa (utilizada no ano anterior, numa exposição de gravuras de artistas do Japão); um facão de mato do professor de Linguística (utilizado quando entrava floresta adentro para estudar dialetos indígenas); um revólver do século passado, pertencente à coleção de um professor de Arte.

Aconteceu em 1964. E verdade, sim; e foi filmado por uma equipe da TV americana, para apresentação em rede nacional. Não era só isso: o filme "Sete dias de maio", uma ficção política sobre uma tentativa de golpe militar nos Estados Unidos, foi proibido em todo o Brasil; o filho do embaixador de Serra Leoa em Brasília foi preso pelos órgãos de segurança, sob suspeita de subversão; um jogo da seleção brasileira de futebol contra a seleção soviética foi suspenso, para que o comunismo não se propagasse.

Houve mais: num teatro do Rio, policiais tentaram prender o dramaturgo Bertolt Brecht — que não só vivia na Alemanha como fizera a descortesia de morrer uns vinte anos antes; livros de artes sobre o cubismo foram apreendidos, por suspeitas de vinculações com Cuba; "O vermelho e o negro", clássico de Stendhal

sobre um cidadão indeciso entre a carreira eclesiástica e a militar, sofreu o mesmo destino (e muito justamente, pois não é o vermelho a cor dos comunistas?)

Ridículo. Mas foi o ridículo a principal característica das primeiras punições revolucionárias (mais tarde, a partir do Ato Institucional nº 5, crimes bem mais graves seriam cometidos). O cronista da época foi Stanislaw Ponte Preta, que celebrou os acontecimentos do período com o nome de Febeapá, o Festival de Besteiras que Assola o País. Foi nesses tempos que o vice-governador do Paraná foi acusado de ligações com células comunistas (a propósito, o nome deste vice-governador era Afonso Camargo Neto — o próprio, que foi escolhido senador biónico pelo presidente Ernesto Geisel e é hoje secretário-geral do PMDB). Um anúncio publicado no Rio — "1.000 2968" — foi investigado pelo DOPS, para apurar por que a conta estava errada. E até o vereador Gióia Jr. foi preso para averiguações sobre subversão — justo ele, fervoroso protestante!

A atriz Maria Della Costa foi intimada a depor para explicar os motivos pelos quais visitara a União Soviética e a China Comunista. O DOPS enviou à Câmara dos Vereadores de São Paulo uma lista de 19 vereadores e suplentes "participantes de ações comunistas ou de ordem subversiva". Entre eles, João Carlos Meirelles (que mais tarde seria presidente da conservadoríssima Associação dos Empresários da Amazônia) e Roberto Gusmão. Ele mesmo.

As perseguições

Mas nem tudo era engraçado. O general Dario Coelho, da 5ª Região Militar, chamou ao quartel o líder do PTB na Câmara de Curitiba, Luis Alberto Dalcanale, para prestar esclarecimentos sobre sua posição política. O secretário do Conselho de Segurança Nacional e chefe do Gabinete Militar, general Ernesto Geisel,

determinou à Assembleia Legislativa de São Paulo que expurgasse os elementos enquadrados no Ato Institucional. Em Neves, Minas Gerais, 195 pessoas ficaram presas por mais de dois meses, para averiguações, até que seus depoimentos fossem comprovados. E, embora a tortura não fosse procedimento comum na época, ficar na prisão não é propriamente um programa dos mais agradáveis.

Ser comunista era considerado um crime em si (embora importantes juristas, como Sobral Pinto, relembrassem constantemente que não existe delito de opinião). O caso de Salim Miguel, preso em Florianópolis, é exemplar: diante do pedido de habeas-corpus, o Ministério da Marinha (chefiado por um almirante dos mais liberais, Ernesto de Melo Batis-ta) informou que ele era "comunista ativo, sendo um dos signatários da petição de registro do PCB junto ao TSE". Por isso, havia sido demitido da Agência Nacional, preso e sujeito a inquérito policial-militar.

O caso do ex-deputado Carlos Marighela é mais grave: ele foi baleado e preso num cinema sob a acusação de ser comunista (só mais tarde a luta armada entraria em sua vida).

Foi a época de ouro da delação. O deputado Amaral Neto pediu a cassação do senador José Ermírio de Moraes (pai de Antônio Ermírio) e de todos os ex-ministros de Jango que haviam sido poupados: Jair Dantas Ribeiro, Wilson Fadul, San Thiago Dantas, Oliveira Brito, Oswaldo Lima Filho, Wilson Facul, Expedito Machado. O deputado João Calmon pediu a instalação no País de um grande tribunal, como o de Nuremberg (que julgou os nazistas após a Segunda Guerra Mundial), para impedir que os comunistas se transformassem em vítimas. O deputado Arnaldo Cerdeira pediu o estado de sítio, "porque os militares o julgam necessário". Havia vozes sensatas, como a do senador Josafá Marinho: "Resistam ao desvario das paixões". Mas não eram ouvidos. Em Brasília,

muitos deputados que sobreviveram às cassações se precipitaram vorazmente sobre os apartamentos de seus colegas cassados — e só foram criticados por Almyr Gajardoni, colunista da "Folha" em Brasília.

A fuga dos cérebros

Na primeira fase da Revolução, as cassações atingiram deputados cuja votação somada alcançava 55% dos votos dados à bancada da Guanabara, 30% de Pernambuco, 10% de São Paulo.

Mas, mais que deputados e senadores, as perseguições políticas da primeira fase da Revolução atingiram um dos pontos mais sensíveis da Nação: seus cérebros. O físico Mário Schemberg, que Einstein apontara como seu sucessor, foi preso; professores foram demitidos nas principais universidades do País; 180 inqueritos sobre infiltração comunista envolveram cientistas e pesquisadores na Universidade de Brasília. O professor Isaias Raw, diretor do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, IBECC, foi preso (ver matéria ao lado); cientista como Moyses Nussenzweig e Luis Hildebrando preferiram deixar o País. No dia 5 de junho de 1964, pouco mais de dois meses após a vitória da Revolução, a "Folha" publicou uma lista de 32 cientistas importantes que haviam deixado o Brasil — uma boa parte com destino aos Estados Unidos, que lá a ideologia é menos importante que a produção científica.

Um problema sério — mas ridículo. Por problemas políticos, os professores Ruth e Viktor Nussenzweig descobrirão a cura da malária nos Estados Unidos, não no Brasil (seus estudos estão bastante avançados). Por problemas políticos, Celso Furtado e Fernando Henrique Cardoso deram em Paris aulas que poderiam ter dado no Brasil. Por problemas políticos, um País pobre transferiu para países ricos sua reserva de cérebros — e isso é uma indelével marca na história da Revolução.

021: Para um conceito de catarinidade

VIEIRA, Luiz Antonio. Para um conceito de catarinidade. **Jornal de Santa Catarina**. [s.l.], 28 dez.1980, pag.15.

28/12/80

Jornal de Santa Catarina

JNC

15

LITERATURA

Para um conceito de catarinidade

Luiz Antônio Vieira

O desempenho de Santa Catarina na cultura brasileira está exigindo uma reavaliação que corrija a superficialidade de certos julgamentos nesse instante em que a cultura catarinense desperta para o seu justo lugar no contexto da nacionalidade. Formando-se ao longo de uma colonização múltipla e variada, o estado tem, a seu favor por um lado a riqueza das fontes humanas e sociais, mas, por outro, a convivência comum de culturas quase antipodas, o que dificultou o espírito de unidade. Reflexo, talvez, da formação do Brasil, pois a conquista da independência — melhor dizendo, de uma consciência emancipada de brasilidade — foi tarefa das mais lentas em nossa História.

O despertar da catarinidade, do sentimento e da consciência de uma alma e de um homem catarinense, vai ganhar realidade após a colonização do Vale do Itajaí, que traz a prodigiosa contribuição de outros povos emigrados ao folclore dos açorianos. Antes disso, a preparação, fecunda e subterrânea, gloriosamente marcada pela República Juliana, até eclodir no episódio polêmico da guerra do Contestado. Como em Canudos, era um outro Brasil que surgia, à margem da "civilização" e da "cultura oficial", o levante de um povo ignorado que só o tempo e o progresso irão assimilar. Só a partir destes movimentos, tanto o Brasil como o nosso Estado começaram a vencer os velhos entraves do espírito colonial. Pois, desfeito o sonho messiânico dos fanáticos do Contestado, de certa forma, também, iniciava-se uma nova etapa histórica. Desfeito o mito, o progresso abre novos caminhos, e a Literatura registra a caminhada moderna, em que o homem e a História se conjugam na evolução da sociedade.

Hoje, sofrendo o impacto da cultura de massa e da civilização eletrônica, a província vê ameaçado todo o seu passado mítico e folclórico. E nem mesmo as bruxas do Desterro — de que nos dá uma boa notícia o folclorista Franklin Cascaes, em *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina* —, transplantadas numa tradição em estado puro pela colonização açoriana, puderam resistir ao assédio da aldeia global da comunicação de massa. A província enfrenta o choque do futuro que, ao universalizar seus limites, lança-a no impasse de sua liberdade. Assim, a te-

se sentido trágico de uma semivida eterna "à espera do mar" persegue todos os personagens de *Homens e Algas*, de Othon d'Eça, que, afinal, são retratos vivos ditados pela memória do autor, mais que simples os leva à pobreza e à morte, também os er- que à categoria de heróis épicos da saga catarinense. E o pinheiro, da mesma forma escravizando o homem — vítima de um sistema que o explora e, para o qual, não há fuga possível, a não ser render-se à árvore ao mesmo tempo amiga e assassina. São metáforas que começam a ser abandonadas mas, longe de significarem a alienação do homem em sua linguagem e espaço, são marcos de um caminho trilhado conscientemente: por uma geração de escritores de grande visão social.

A partir daí, a cultura catarinense passa a sofrer a dialética do seu tempo. Os conflitos e buscas que existem em seus representantes são de uma época de um contexto universal. A falar-se numa crise de vanguardas, seria melhor falar de uma renovação, vencida a etapa da geração acadêmica. Também a poesia se situa nesse momento, como demonstra a antologia *Outros Catarinenses Escrevem Assim*, que reflete a mesma aguda consciência da crise presente, ar- raçando o poeta para o protesto, a denúncia e insatisfação. Uma nova linguagem serve a essas vozes, igualadas pela busca de uma

nova era, que nascerá da opressão e da es- perança.

Na Literatura, já não é o espaço exterior o que condiciona o homem, mas a sua própria condição, em constante ameaça nestes tempos que, para alguns, já se anunciam como os do Apocalipse. A ficção imerge na pesquisa interior, opondo a um regionalismo anterior e acadêmico — aberto à fuga do espaço e da paisagem — uma narrativa densa e contínua, como a de Salim Miguel, Silveira de Sousa e tantos outros. E mesmo no romance de Lausimar Laus, em que o vale é presença marcante, o monólogo interior corre paralelo ao fluir do Itajaí-Açu, o grande rio-personagem.

De todas estas colocações, surge como princípio unificador uma tese fundamental: a de um conceito de catarinidade, tão válido e real como os já consagrados pela tradição, quais sejam: os de um espírito mineiro, de uma alma gaúcha, de uma tradição baiana, de uma atmosfera carioca. Nesse instante, então a tese da catarinidade se lança plena e vitoriosamente, através da mensagem de uma geração que encontra novos desafios e incertezas: como o pescador, surpreendido pela cultura eletrônica em seu ofício ancestral de tecer as redes, não estará esta geração dividida entre a fidelidade às suas raízes e a aceitação do novo tempo? E, ao se ensaiar nesta liberdade, vencido aquele universo de mar e pinheiro, não estará, também, mergulhando na universalidade perigosa do hermetismo?

Estas interrogações e incertezas são o preço pago pela juventude da literatura do homem catarinense. Mas, de todas as lutas, esperas e promessas do passado quantas vezes heróico, e do esforço definidor do presente, constrói-se a saga catarinense, escrita com palavras e lucidez, pela luta verbal da seus criadores. A conquista de uma geração com inteira consciência de sua catarinidade.

LUÍZ ANTONIO VIEIRA é catarinense, poeta, natural de Itajaí atualmente radicado no Rio de Janeiro. Atua profissionalmente na área de comunicações. Neste seu trabalho - Para um conceito de catarinidade - ele procura, e consegue, traçar uma avaliação das tendências da prosa literária barriga-verde.

022: Um grande prêmio para os poetas

UM grande prêmio para os poetas. **Correio Braziliense**. Brasília, 26 out.1980, pag. 14.



Salim Miguel,
lançando
o Prêmio
Cruz e
Souza

Numa entrevista de estimular e alimentar o movimento emergente de poesia que tem pipocado em várias regiões do País, nestes últimos tempos de marasmo cultural, surge o Prêmio Cruz e Souza de Poesia, um certame de dimensão nacional, promovido pela Secretaria de Cultura do Estado de Santa Catarina.

O concurso atribuirá prêmios até agora inéditos no País, para o gênero poesia. Ao primeiro colocado caberá uma bolsa no valor de 500 mil cruzeiros, e edição de um livro; ao segundo, o prêmio de 250 mil cruzeiros; além de um prêmio especial de 250 mil cruzeiros, para autor catarinense.

O Prêmio Cruz e Souza é aberto à participação de qualquer brasileiro e tem na sua comissão julgadora: Ferreira Gullar, Adonias Filho, Marcos Konder Reis, Armindo Trevisan e Fausto Cunha. O escritor Salim Miguel, um dos coordenadores do concurso, esteve em Brasília para o lançamento da promoção, no Ministério da Educação e Cultura.

— A palavra escrita está em crise. — Isto a gente pode notar até pela diminuição dos veículos da imprensa — até mesmo da imprensa nanica. É claro que esta crise está inserida em outras crises, mas a gente nota, por outro lado, que existe uma ferveência nos movimentos de poesia no País — muitas vezes editados fora dos padrões tradicionais — como é o caso da poesia/mimeógrafo. Então a gente está querendo incentivar este interesse pela poesia. Por ocasião da divulgação do concurso, será lançado, em Florianópolis, uma semana de poesia onde se estudará, especialmente, a obra de Cruz e Souza.

O Prêmio Cruz e Souza será atribuído de dois em dois anos. Os interessados deverão enviar os originais, em seis vias, de papel ofício, para a Fundação Catarinense de Cultura, Rua Victor Konder,

Um grande prêmio para os poetas

71, Caixa Postal D-31, Florianópolis — Santa Catarina, com a indicação: “Ao Prêmio Cruz e Souza-Concurso Nacional de Poesia. Além disso, em envelope lacrado, juntamente com os originais, o autor deverá enviar as seguintes informações: título do livro, pseudônimo do autor, nome completo do autor, e um currículo sucinto. O envelope menor será anexado aos originais e acondicionado em um outro, maior, em cuja face deverá conter apenas o destinatário.

O escritor e jornalista Salim Jorge foi um dos editores da revista Ficção, que chegou a sobreviver por quatro anos, realizando um amplo trabalho de divulgação e mapeamento da produção de ficção no Brasil. Ele estabelece algumas analogias entre o papel que a revista cumpriu e o que concursos como o Prêmio Cruz e Souza de Poesia podem realizar, em um momento onde se tenta romper o marasmo, retomar a trajetória do saber.

— Embora seja da comissão organizadora, acho que o concurso não vai ser a solução. É uma medida que deve ser completada com muitas outras. Uma conscientização geral, uma abertura em todos os sentidos, um trabalho que pata dos próprios interessados e tenha o apoio dos órgãos competentes — e também isso só virá com a solução dos problemas gerais do povo. Talvez este concurso cumpra o papel de alertar para todas estas realidades, porque a gente está sentindo uma inquietação muito grande no sentido de romper este marasmo cultural.

14 - CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, domingo, 26 de outubro de 1980

023: Letras a dois

TILL, Rodrigues. Letras a dois. **Gazeta**. Florianópolis, 17 mar.1985.

Gazeta
12-3-85

ENCONTROS

RODRIGUES TILL

Letras a dois

Mais do que um assunto a ser compendiado no campo da sociologia do casamento, este é um tema que interessa diretamente a historiografia literária. E qual é o tema? Referimo-nos aos cônjuges escritores.

Analisado sob certos aspectos, a fato oferece ao observador a oportunidade de extrair dele algumas conclusões. E, em face disso, um ou outro estudioso da matéria há de se convencer das vantagens ou desvantagens decorrentes do exercício simultâneo das letras e dos encargos familiares por parte daqueles que estão unidos pelos laços outrora indissolúveis, do matrimônio.

Haverá, assim, p/ra o analista uma série de circunstâncias a ser levada em consideração, na mesma medida em que sua apreciação crítica estará impregnada de um grande contingente de subjetivismo ou, simplesmente, de empatia. Aliás, tal vez ninguém seja mais autorizado para falar sobre a questão do que os próprios detentores desse "status quo" conjugal. Uma pesquisa a respeito seria, possivelmente, de inegável importância tanto literária como sociológica.

O fato em si merece, ao menos, uma breve notícia. Vamos a ela, sem maiores delongas. Quanta ao mais, que falem os mestres.

E Santa Catarina existe um caso típico. E isto graças a dois vultos de reconhecido relevo no quadro contemporâneo da literatura estadual: El-lo; Salim Miguel e Eglê Malheiros. Sobe jamente conhecidos, têm eles a seu crédito uma obra rica e fecunda, que lhes assegura, de forma absoluta, esse caráter de excepcionalidade. Uma obra múltipla, inclusive, que vai do teatro à ficção, da editoria à criação cinematográfica.

Vindo de longe, daquele belo país, que está hoje des troçado, infelizmente, por uma estúpida luta fratricida, Salim Miguel empregou todas as forças de seu espírito, juntamente com o de sua mulher, na execução de iniciativas magníficas, como a da liderança do "Grupo Sul", de tão marcada influência na evolução literária da gente barriga-verde. Não menos destacada foi a atuação de ambos no Rio de Janeiro, onde permaneceram por diversos anos. Seu dinamismo intelectual continuou em franca expansão quando retornaram para o local de origem, a decantada Desterro & adjacências. O trabalho deles não pode parar, obviamente.

O Rio Grande do Sul, por sua vez, vanta presentemente com dois casais que pertencem a essa rol de escritores domésticos. Um deles é constituído por Celso Pedro Luft e Lya Luft. Ele, ex-sacerdote católico, exerce o magistério universitário como especialista em Língua Portuguesa, também incur clonou pelos desvãos da poesia com "Arcos da Solidão" (1958) Poetou sob o pseudônimo de Celso Pedro Lima, já que aquela época, por dever de ofício, atendia pelo nome religioso de Irmão Arnolfo. Em sua bibliografia, entre estudos gramaticais e ensaios, temos um excelente "Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira", editado e reeditado pela organização dos irmãos Bertaso.

Lya Luft, poetisa, cronista, tradutora, alcançou projeção nacional com seus romances, iniciados em 1978 com "As Parceiras". Aborda problemas de relacionamento humano. Personalidade forte, não envolve seus personagens em mantos diáfanos da fantasia...

Moacyr Flores e Hilda Agnes Hubner Flores desenvolvem, intensamente, suas pesquisas na área da história regional. Ambos são professores. Hilda tem interesse muito especial por temas relacionados com a imigração permanente, com valiosas produções já publicadas. Diretor do Museu de Porto Alegre, Moacyr dedicou-se, nos últimos anos, a um amplo estudo sobre a Revolução Farroupilha, em torno do que já escreveu interessantes ensaios, entre os quais o "Modelo Político dos Farrapos".

No âmbito nacional, os exemplos se multiplicam, evidentemente. Lembremos estes: Jamil Almansur Haddad — Helena Silveira. R. Magalhães Júnior — Lúcia Benedetti; Octávio Tarquínio de Souza — Lúcia Miguel Pereira e Jorge Amado — Zélia Gattai.

Que falem os interessados no assunto. O resto depois eu conto...

024: Atenção escritores: a UFSC procura 30 títulos para editar em 1983

ATENÇÃO escritores: a UFSC procura 30 títulos para editar em 1983. **O Estado**. Florianópolis, 09 fev. 1983.

O ESTADO - Fpolis, 09/02/83

Atenção escritores: a UFSC procura 30 títulos para editar em 1983

Atenção poetas, dramaturgos, pesquisadores, professores, alunos e escritores em geral, a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina pretende investir Cr\$ 8 milhões na publicação de 30 títulos somente este ano. Portanto, quem tiver algum trabalho para ser editado poderá enviá-lo ao Conselho Editorial da UFSC para a sua avaliação e aprovação ou não da edição. Se aprovado, o autor poderá ver cerca de 1 mil a 2.500 exemplares de seu livro distribuídos pelo País.

Porém, os professores da Universidade têm preferência, com a editora fixando em 20% as edições de trabalhos didáticos. "O resto, segundo o diretor executivo do órgão, fica a critério de uma possível receptividade do público consumidor". Apesar dos trabalhos de teses constituírem a lista de prioridades, ele garante que qualquer pessoa da comunidade poderá encaminhar os originais para o Conselho, observando a intenção de incentivar a publicação de obras correspondentes às várias áreas do conhecimento humano.

Estes originais levarão uma ou duas semanas para ser avaliados, excetuando apenas aqueles que necessitam da revisão de um especialista no assunto. Neste caso, o prazo de análise é bem maior. Com a aprovação da obra pelo Conselho, formado por Alcides Abreu, Carlos Corrêa, José Edú Rosa, Rosa Konder, Walter Celso de Lima, e presidido por Sílvio Coelho dos Santos, os livros serão distribuídos em todo o País pelos representantes da editora — Livraria Nobel, em São Paulo; Susan Back, no Rio de Janeiro; Fundação Joaquim Nabuco, no Nordeste e Norte; e Fundação Cultural de Curitiba, no Paraná.

João Linhares informou ainda



A maioria das obras publicadas são trabalhos didáticos, mas o objetivo é investir em outras áreas.

que, no caso dos direitos autorais, a Editora "se obriga a custear toda a edição, remunerando o autor com 10% da edição ou em dinheiro, de acordo com os livros vendidos".

Tanto uma quanto outra opção fica a critério do autor, observou o diretor executivo. Em Florianópolis como em outras cidades maiores do Estado, estes livros podem ser encontrados nas principais livrarias, havendo ainda o sistema de reembolso postal para outros locais. Pedidos como estes chegam a 400 por mês, enquanto que o número de originais apresentados ao Conselho é em média 12.

A Editora foi criada em 81, quando passou a integrar o Programa de Estímulo à Editoração dos Trabalhos Intelectuais das Instituições do Ensino Superior, com o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura. De imediato, foram liberados Cr\$ 6 milhões. Até o ano passado, foram editados 29 títulos, incluindo cinco revistas semestrais. De acordo com Linhares, este programa continua em fase de execução, sendo que muitas publicações têm sido custeadas com recursos provenientes com a comercialização dos títulos publicados até o momento.

Dos 29 títulos já editados, apenas dois não são de professores da Universidade: Água do Pote, de Flávio José Cardozo, por sinal um dos mais vendidos; e Poesias, de Helena Noronha. Outros que tiveram também uma boa receptividade foram: O Índio Perante o Direito, organizado pelo professor Sílvio Coelho dos Santos; Hercílio Luz,

Uma Ponte Integrando Santa Catarina, de Djanira Martins de Andrade; Traze-me o Girassol, de José Curi.

Para 83, o diretor já adiantou alguns dos títulos a serem publicados: A Palavra — A Arte da Conversação e da Oratória, de Nereu Corrêa; Santa Catarina e sua História, de Walter Piazza; O Texto Literário, de Edd Arzua Ferreira; Reflexões para uma Política da Cultura, de Osvaldo Mello; A Vida Viva, de Holdemar Menezes; A Puzerza do Poder, de Luiz Alberto Warat; Os Governantes de Santa Catarina, de Carlos Humberto Corrêa e Poloneses em Santa Catarina, de Maria Terezinha Barreto.

Além dos livros, a Editora tem também se dedicado às publicações de revistas, abrangendo as áreas de saúde, ciências humanas e sociais e educação. Linhares disse, inclusive, que futuramente estas revistas poderão ser estendidas às áreas de ciências físicas e agrárias, completando assim todos os ramos do conhecimento humano. Estas edições são oferecidas ao mercado consumidor, através dos sistemas de assinaturas, com elas possuindo ainda um corpo editorial próprio.

São todos trabalhos divulgados a nível nacional, mediante a distribuição de exemplares nos principais jornais do País, informou ainda João Linhares, reclamando apenas do número inexpressivo de livrarias, principalmente no Estado, o que dificulta a comercialização de muitas obras ou, mais especificamente, as de cunho científico.

FALTA INTEGRAÇÃO

A preocupação essencialmente acadêmica das edições, para o crítico literário, Salim Miguel, acaba distanciando a comunidade da Universidade. Com isto, ele constata a necessidade de se fixar duas diretrizes básicas para os trabalhos da Editora: uma, que é a atual, com publicação de obras didáticas; e outra que abranja mais a comunidade em geral.

Sem questionar a qualidade do que vem sendo feito até o momento, o crítico considera que o público consumidor dos livros publicados pela UFSC tem sido muito especializado, restringindo-se apenas à comunidade universitária. Por outro lado, entretanto, Salim disse que é sintomática a preocupação de se mudar a linha editorial, com perspectivas de abertura para outras áreas.

Citou como exemplo a edição de um dos concorrentes ao Prêmio Cruz e Sousa, a distribuição das obras em outros estados e a repercussão destas junto à imprensa nacional. Assim, na sua opinião, os livros saem dos limites da universidade para buscar os mais variados públicos. No que se refere ao conteúdo destas publicações, ele considerou-as como de importância para um determinado público, que é restrito. Com as novas medidas de distribuição a nível nacional, o crítico afirmou que a própria direção da editora já sentiu a necessidade de ampliação. Ele ainda considerou como importante a publicação recente de um Catálogo de obras não publicadas, resumindo as teses de forma que o leitor interessado por assuntos determinados possa manter contatos com o autor dos originais e até conhecer o conteúdo de todo o trabalho.



Salim Miguel

025: Ficção e poesia em Santa Catarina

FICÇÃO e poesia em Santa Catarina. **Correio do Povo**. Caderno Letras & Livros. [s.l.], 13 ago.1983, ano 3, n.º 100, 16 pag. O Nome de Salim aparece nas pag. pag. 6,7 e 11.



Em poucas palavras assinalamos as cem edições e os dois anos de circulação ininterrupta de Letras & Livros. Como parte indissociável do Correio do Povo, nosso caderno se pauta pelo mesmo espírito que anima o jornal de Caldas Júnior desde 1895, quando foi criado. Agradecemos os aplausos e as críticas, ambos tão gratos como proveitosos. Aqueles, porque estimulam; estas, porque nos desafiam a cumprir, com mais exatidão ainda, o dever de servir cada vez melhor aos nossos leitores. É com esse propósito que Letras & Livros ingressa no seu terceiro ano de publicação.



ensaio 90

Guimarães Rosa:
Signo e Sentimento

Sora Frankl Spieser

J.C. & Cia

6

★ O grande destaque nesta primeira quinzena de agosto foi a entrega do Prêmio Ilha de Laytano — Cr\$ 100 mil e uma estatua criada por Francisco Stockinger — a Róvilio Costa, frade franciscano, historiador, professor, filósofo e editor. O Prêmio Ilha de Laytano foi criado por Dante de Laytano em memória de sua primeira esposa e é atribuído anualmente a intelectuais com marcada contribuição à cultura rio-grandense. Róvilio Costa o recebeu por suas pesquisas históricas sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul e também pelo papel que tem desempenhado como editor, na propagação de obras que relatam o papel das diversas etnias que constituem o melting-pot gaúcho. A cerimônia foi realizada na Casa de Portugal, dia 4, cabendo a Moacyr Flores, discípulo dileto de Dante de Laytano, saudar Róvilio Costa.

★ Outro grande destaque, mas este já dentro desta semana que termina hoje, a I Jornada Nacional de Literatura Brasileira e a II Jornada de Literatura Sul-Riograndense, promovidas pelo Departamento de Letras da Universidade Federal de Passo Fundo, com apoio do Instituto Estadual do Livro. O evento, desdobrado de terça a sexta-feira, por sua importância, mereceu amplo noticiário da imprensa cotidiana. Estiveram presentes, entre outros grandes nomes das letras brasileiras, Antônio Calado, Fernando Sabino, Orígenes Lessa, Luís Fernando Veríssimo, Antônio Assis Brasil, Lya Luft e Millôr Fernandes.

★ E ainda mais um destaque, também da semana que termina hoje: a festa Movimento Tradicionalista Gaúcho, oferecida a jornalistas e editores na Estância da Harmonia, para lançar a I Mostra do Livro Regionalista Gaúcho e do projeto Biblioteca nos CTGs. Para quem não sabe: somente a Sulina e Martins Livreiro conseguem exibir um invejável acervo de mais de 500 obras de literatura e história nativa do nosso velho Rio Grande.

★ Regina Drumond e Lima lançam seu novo livro infantil — O passarinho Rafa com ilustrações de Vera Mucillo. Edição de autor, assinada por seu marido André Pêres de Lima, tem o apoio da Biblioteca Lucília Minssen e também da Televisão Guaíba, dentro de seu programa de

estímulo às atividades culturais da comunidade.

★ Laury Maciel, uma figura simpática e talentosa, lançando O homem que amava cavalos, coletânea de 11 contos, sob o selo da Movimento. Como bem afirma Arnaldo Campos na orelha do livro, em sua obra Laury Maciel "nos transmite as cores exatas de um interior descarnado e melancólico, onde seres sem perspectiva se movimentam por trágicas veredas".

★ A propósito da segunda edição de Quem é quem nas letras rio-grandenses, de Sérgio Faraco e Bláscio Hickmann: a Divisão Municipal de Cultura providenciou junto à respectiva gráfica o aceleramento dos trabalhos de impressão, e segundo informações dos próprios autores, o volume deverá estar pronto nos próximos dias. Ainda não foi marcada a data do lançamento.

★ Contando, parece anedota. Mas aconteceu. Um ilustre livreiro desta capital classificou Dialética do concreto em engenharia civil. "Ué! ele falou espantado quando lhe chamaram a atenção, o livro não trata de concreto?"

★ Livro para estudantes e estudiosos de teoria literária. A recepção crítica, de Salete de Almeida Cara, analisa a crítica da poesia brasileira no fim do século passado. Uma das conclusões da autora: "Os críticos brasileiros acabaram cultivando um problema no limite falso, quando, pensando na adequação do critério literário ao critério social-nacionalista como solução para a questão literária (e para a questão da participação social), não puderam ser críticos literários na medida em que restringiram sua leitura crítica".

★ Neste tempo de inflação desenfreada, mais do que nunca empresas, pouco importa de que porte sejam, não podem sobreviver sem planejamento adequado de suas atividades, para estabelecer inclusive suas limitações. Uma boa contribuição neste sentido está em Orçamento operacional, uma abordagem prática, do professor José Eduardo Zdanowicz, que a Sagra Editora acaba de lançar.

★ O escritor Salim Miguel assumiu a direção da Editora da Universidade

de Federal de Santa Catarina e isso é uma notícia auspiciosa para quem vive no mundo dos livros. Além do excelente caráter que o torna irmão de toda a gente, Salim tem em seu currículo grandes contribuições à cultura brasileira. Sem falar na liderança do Grupo Sul, que marcou novos rumos para as artes e a literatura de Santa Catarina, ele foi idealizador e diretor, juntamente com Eglê Malheiros, Cícero e Laura Sandroni, de Ficção. A revista marcou época e praticamente revelou toda a geração de ficcionistas dos anos 60.

★ Saindo em oitava edição obra indispensável a estudantes dos cursos jurídicos ABC do Direito Penal, de Maria Stella Villela Souto Lopes Rodrigues, juíza do Tribunal de Alcaldia do Rio de Janeiro e professora universitária. Edição da Revista dos Tribunais.

★ "[...] da parte de muitos patrícios que apoiaram a nova proposta da USAID, não havia nenhuma engenhuidade porque, se todos já tinham consciência de que nosso ensino vinha claudicando com apenas giz e saliva, como poderiam acreditar em um modelo que, tomado a sério, exigiria condições de custos elevadíssimos, oficinas dotadas de tornos, salas especiais de mecanografia e todos os equipamentos exigidos pelo 'progresso'?" Esta é uma boa pergunta que Regis de Moraes, da Universidade de Campinas, faz em seu Entre a educação e a barbárie, um pequeno livro editado pela Papyrus, em que toca fundo nesta tragédia do ensino brasileiro, literalmente destruído na época do "milagre", por tecnocratas deslumbrados.

★ Por falar em ensino, área em que o descalabro antecedeu de muitos anos a catástrofe que os milagresos praticaram na economia, conviria a especialistas e não especialistas a leitura de A educação no mundo, três volumes publicados pela Saraiva com a colaboração da Editora da Universidade de São Paulo, com seleção de textos de obra maior, editada pela Unesco. Mais de uma centena de ensaios analisam em profundidade o ensino em todo o mundo, do primário à universidade, inclusive com as diferenças existentes entre sistemas

políticos antagônicos, como o norte-americano e o soviético.

★ Ainda sobre ensino: a Livraria Pinóia Editora de São Paulo iniciou a publicação, tendo Paulo Nathanael Pereira de Souza como coordenador, de uma série de monografias sobre a pré-escola brasileira, considerada agora um valioso instrumento tanto para acelerar o aprendizado de crianças normais e superdotadas como para corrigir deficiências resultantes desde a carência alimentar até a pobreza cultural. O primeiro volume desta série é A participação da mãe na pré-escola, organizado por Arlette D'Antola que escreveu dois dos dez capítulos que o compõem. Aborda o papel das mães como monitoras na sala de aula, experiência aliás já praticada em São Paulo, como bons resultados. E livro para ser lido por professores, mães e autoridades educacionais.

★ "Plange o sino da igreja, na distância/ o seu demblem-demblem doce e profundo./ Voa no céu. Se alonga em ressonância./ E me leva de volta à minha infância. Na viagem mais bela do mundo." — poema de Francisco Pereira Rodrigues em Quintilhas do meu tear, recém-saído do forno do infatigável Martins Livreiro. Pereira Rodrigues foi candidato a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, na vaga de Dinah Silveira de Queiroz. A quintilha é um gênero poético difícil, mas ele a cultiva como poucos.

★ Mais uma biografia de Jane Fonda, a grande dama do cinema americano atual. Desta vez Fred Lawrence Guiles, tradução de Aurea Brito Weissenberg, edição da Francisco Alves. De figura maldita nos anos 60, por contestar o "sacrosanto" sistema norte-americano, ela é hoje uma respeitável figura de mulher que contribuiu, com sua coragem, para tornar o mundo mais sensato.

★ Mais um bom lançamento da L & PM na Biblioteca Anarquista — textos escolhidos de Proudhon, seleção e notas de Daniel Guérin, tradução de Suely Bastos. A respeito de sufrágio universal, Proudhon diz: "Não acredito de maneira alguma, justificadamente, nesta intuição divinatória da multidão que a faria discernir, logo de imediato, o mérito e a honrabilidade dos candidatos. Os exemplos são abundantes em personagens eleitos por aclamação e que, sobre as



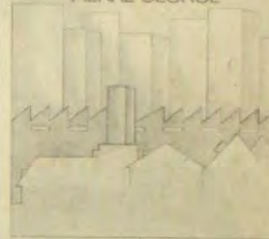
Róvilio Costa



Salim Miguel

GEOGRAFIA URBANA

PIERRE GEORGE



DIFEL

J.C. & Cia

bandeiras que se ofereciam aos olhos do povo arrebatado, já preparavam a trama de suas traições".

★ O pelotense Sebastião dos Santos chegando à segunda edição (Paulinas), em apenas três meses e meio, de seu livro infantil A viagem do pirilampo. Sebastião anuncia que estão prontos os originais de O retorno do pirilampo, que dá sequência ao primeiro. Ele pretende autografar os dois volumes e mais seu Manual prático para o ensino de inglês na próxima Feira do Livro.

★ Livro que volta às livrarias, depois de longa e inexplicável ausência, é México, de Erico Venissimo. Quem ainda não leu, não sabe o que perde. Uma curiosidade: as vinhetas do volume são desenho do próprio Erico.

★ Por que uma cidade surge aqui e não a 50 quilômetros de distância? O que é conurbação? Por que, dentro de uma cidade, certas zonas valorizam-se rapidamente enquanto outras permanecem em situação de pobreza? Estas e outras coisas que a gente precisa aprender para entender a própria cidade em que vive estão em Geografia urbana, de Pierre George, edição da Difel. E anote: já há um novo tipo de evolução urbana, determinada pela intervenção estatal em regimes socialistas.

★ Estudo muito interessante é Psicologia da morte, de Robert Kastenbaum e Ruth Aisenberg, que a Pioneira lança em edição resumida, através de convênio com a Universidade de São Paulo. Como a vida psíquica é um processo interior, a morte é fenômeno que está fora (ou além) da nossa mente. Daí por que a morte nos dá a sensação de ausência, de abandono e de separação. Sem trocadilhos: dissecando a morte, Kastenbaum e Aisenberg mostram muito a respeito da vida.

★ Oitava edição de O estudante, de Adelaide Carraro, aproveitando tragédia da vida real para abordar o problema das drogas. Livro mal escrito, está aí.

★ Pimbinha, de Pedro Bloch, dá seguimento às edições infanto-juvenis da Editora Moderna. Como sempre, uma folha de orientação de leitura e de exercícios para alunos permite a utilização

do livro em sala de aula. Aliás, os alunos são estimulados a comentar a historinha com o próprio autor, através de correspondência que a editora se encarrega de encaminhar.

★ "(...) Guimarães Rosa não foi 'bom moço' nem profissional de protesto. Foi considerado hermético e de difícil leitura, por usar uma linguagem elaborada e por estruturar sua obra de uma maneira diferente do que aquilo que conhecêramos até então (...)" — palavras de Suzi Frankl Sperber em Guimarães Rosa: signo e sentimento (Atica), numa corajosa abordagem da obra do mais importante escritor brasileiro contemporâneo.

★ A Record está oferecendo a reedição de Sonho de uma flauta e outros contos, de Hermann Hesse. É um volume com nove histórias curtas que no original chamava-se Marchen (Conto de fadas). Mas o título em português — extraído de um dos contos — é bem mais sugestivo.

★ Após longos anos fora das livrarias, está de volta, agora em terceira edição (Civilização Brasileira, Pró-Memória e INL), Euclides da Cunha, de Sílvia Rabello, considerado um dos melhores ensaios que já se escreveu sobre o autor de Os sertões. A primeira edição, em 1946, esgotou-se em seis meses, sucedendo-se uma segunda, que também se evaporou. O que não é nada comum em matéria de biografias no Brasil.

★ A Casa do Poeta Rio-Grandense acendeu a 19ª velinha no seu bolo de aniversário, em julho. É uma efeméride que não pode passar sem registro. Não fosse pela importância de seu quadro social de mais de 500 integrantes, entre os quais se contam poetas de primeira linha, seria pelo exemplo até certo ponto comovente do idealista Nelson Fachinelli, que não desanima diante das incompreensões e dificuldades (que não são poucas), para tocar o barco para frente. Para Fachinelli e seus companheiros de diretoria — Hugo Ramirez e Ney Azambuja — "aquele" abraço.

★ Em Demografia, ética e Igreja (Editora Atica), o paulista Hubert Le-pargneur estuda o papel da Igreja no polêmico tema da limitação da

natalidade, apontando pontos nevrálgicos como a mortalidade infantil, a marginalização e a criminalidade e a miséria crescente, vinculadas estatisticamente à fecundidade praticamente ilimitada de mulheres de baixa renda.

★ "A imortalidade não será a eterna insônia da alma?" — Pérola recolhida em Parágrafos escritos nas páginas do vento, livro do poeta João Manuel Simões, ancorado em Curitiba.

★ Na Coleção Encanto Radical, da Editora Brasiliense, a biografia de Santa Teresa de Ávila, escrita por Ângela Senra.

★ O bicentenário de Stendhal está rendendo ótimos dividendos ao público brasileiro. Agora é a Francisco Alves que comparece à festa com um bom presente, lançando Lucien Leuwen, romance de carreira acidentada, cujo texto definitivo — e ao que se supõe, incompleto ou inacabado — só pôde ser estabelecido e publicado em 1947, ou seja, 105 anos após a morte do autor. Mesmo não estando entre as obras-primas de Stendhal, como nenhum de seus livros pode deixar de ser lido por quem deseja aprender a escrever sem deraresmos verbais (jornalistas, principalmente). Vejam como ele começa Lucien Leuwen: "Lucien Leuwen foi expulso da Escola Politécnica por ter ido passear inoportunamente num dia em que, como todos os seus camaradas, estava confinado (...)" Não sobra uma palavra que seja. Mas também não falta nada nesta frase. A tradução é de Marcos Santarrita.

★ Por falar em Francisco Alves: pelo jeito, gente nova no Departamento de Divulgação — Odília Xavier. Boa sorte!

★ Prática do Processo Civil, do falecido professor paranaense Francisco Raitani, é um clássico que interessa a

todos os que lidam com a lei: magistrados, promotores, advogados e também estudantes. A Editora Saraiva acaba de imprimir a 13ª edição, ampliada e atualizada por Felício Raitani Neto, Carlos Raitani e Milton de Oliveira Condessa, com 1031 páginas que oferecem doutrina, legislação, jurisprudência e formulários. Uma curiosidade: o prefácio de Prática do Processo Civil é do crítico literário Wilson Martins.

★ O catarinense Carlos de Freitas, depois de longas andanças pela imprensa do Rio e São Paulo, voltou para Joinville onde dirige o jornal A Notícia e escreve poesia. Seu inventário está prestes a ser publicado mas ele antecipa o lançamento com um folheto em que transcreve Dívida, poema incluído no livro. Versos de Freitas: "Estamos comprometidos/ em nossos gestos e palavras/ com todas as criaturas/ e as coisas que elas fazem sobre a terra (...)"

★ Chegando de Portugal os versos de João Camilo, enfeixados em Na pista, entre as linhas, edição Gota de Água com apoio da Imprensa Nacional — Casa da Moeda de Lisboa. De um poema de João Camilo: "As pessoas já não sabem que inventar para serem felizes, a felicidade/ é o caminho marítimo para a Índia da nossa época antes de ser descoberto (...)"

"O Especialista" foi um grande sucesso editorial lançado pela Globo nos anos 50. Posteriormente reeditado acrescido de outros contos. O Autor retratou as peripécias de um especialista em "latrinas".

Hoje a especialização tornou-se uma necessidade.

Os Livros não podiam ficar à parte, devido à grande evolução editorial. Não há mais lugar para as livrarias ecléticas, os espaços físicos ficaram inacessíveis para o ramo, único ainda a obedecer rígidos padrões de lucros.

A Livraria Editora Porto Alegre também optou por uma especialidade principal, o ramo de livros jurídicos, econômicos, contábeis e afins, não descuidando, porém, da Literatura.

Por isso está apta a atender qualquer pedido de obras nessas áreas. Resolva seu problema de livros encaminhando seu pedido à:

LIVRARIA EDITORA PORTO ALEGRE LTDA.
Rua Riachuelo, 1316/1320 — P. Alegre

ZIP
LIVROS POR
REEMBOLSO
Aguardem!

Existem hoje, na literatura em Santa Catarina, nomes de expressão no conto, no romance, na crônica, na poesia. São numerosos; e abordando temas os mais diversos, nos mais variados estilos e tratamentos, vêm dando um recado humano e esteticamente válido.

Parece-nos, assim, que uma primeira observação se faz necessária para situar o problema: Santa Catarina, devido a uma série de fatores que não vamos analisar agora, nunca foi pródiga, no passado, em autores representativos nas letras. Procurando examinar o que existia até a década de 50, constata-se que na poesia se sobressai Cruz e Souza (sempre ele), morto em fins do século passado. Logo a seguir, Luís Delfino. Os demais são nomes menores, mesmo em termos regionais, como um Araújo Figueiredo ou um Lacerda Coutinho.

Há então um hiato. Nele, para não dizer que nada existiu, citam-se dois poetas importantes, mas que fizeram a maior parte de sua obra no Rio de Janeiro, onde continuam residindo: Maura de Senna Pereira e Marcos Konder Reis.

E se na poesia o panorama (pouco animador) era este, na prosa é igualmente melancólico. Não existe um único vulto que se possa equiparar a Cruz e Souza, fica-se, então, com Virgílio Varzea (*Mares e campos; Nas ondas*, contos; *O brigue fribusteiro*, romance); com Othon D'Eca (*Homens e algas*, histórias); com Tito Carvalho (*Bulha d'arrio*, contos; *Vida Salobra*, romance). Os dois primeiros abordando, de preferência, o mar, uma temática que se prolonga até agora; e o terceiro num regionalismo serra-acima, outra das vertentes em que se bifurca a literatura praticada no Estado.

A década de 50, embora representando várias gerações e tendências mais ou menos próximas pela idade e pelas preocupações num mundo marcado por entrecosques do pós-guerra, é inquestionavelmente um divisor de águas. Não apenas por ter surgido com ela (tardamente, através do Grupo SUL) o movimento moderno em Santa Catarina, mas porque, a partir daí, pode-se detectar uma sensível virada em termos quantitativos e qualitativos. E torna-se mais fácil citar, na ficção e na poesia, nomes



Pinheiro Neto

que se foram firmando no cenário estadual (e nacional), e que passaram a construir uma obra de características bastante pessoais, com marcas específicas e identificadoras.

Não pretendemos, neste breve apêndice, relacionar todos os títulos surgidos nos últimos tempos. Vamos, antes, balizar o panorama que se descortina, através de nomes. E mostrar o que pode representar como perspectiva para o futuro.

Para isto começariamos por um pequeno volume publicado no final da década de 40 (1949), mas que se situa perfeitamente no espírito do 50, na linha do que chamamos "divisor de águas". Trata-se de *Idade 21*, poemas de Walmor Cardoso da Silva. Com ele se iniciam os

Ficção e poesia em Santa Catarina



Glauco Rodrigues Corrêa



Alcides Buss



Almiro Caldeira de Andrade



Flávio José Cardozo

Cadernos SUL e a poesia moderna editada em Santa Catarina. Antes, em jornais ou revistas, alguma coisa no gênero já vinha sendo publicada, mas em livro, no Estado, *Idade 21* foi pioneiro.

Já na década de 50, e na área da ficção, temos, pelas Edições SUL, os primeiros títulos: *Velhice e outros contos* (1951), de Salim Miguel; *A ponte* (prosa e verso, 1952), de Antonio Paladino; *Piá* (contos, 1953), de Guido Wilmar Sassi.

Em *Piá*, que revelava um dos mais fortes e criativos ficcionistas brasileiros do período, Sassi retoma, com maior dimensão, o tema serrano já tratado por Tito Carvalho. Centrados em histórias de crianças, os contos enfeitados no volume mostram não só uma realidade dramática, porém, mais importante, um autor com plena consciência do valor da palavra e da estrutura narrativa, que ultrapassa o regionalismo meramente descritivo, para se aprofundar na psicologia de sua gente e de seu meio.

A partir daí, tanto na área da poesia como da ficção, é possível acompanhar a progressiva evolução de tais gêneros, seja através de antologias ou de volumes individuais.

No conto teríamos basicamente três títulos (quatro se considerarmos que está para sair por estes dias mais um, *Este mar catarina*, volume monográfico que reúne 18 trabalhos, de Virgílio Varzea até os nossos dias, todos diretos ou indiretamente subordinados ao tema do mar, em publicação pela Editora da UFSC), de três épocas diferentes: *Contistas novos de Santa Catarina*, Edições SUL, 1954; *Assim escrevem os catarinenses*, Editora Alfa-Omega, 1976; *21 dedos de prosa*, ACES/ Editora Cambiela, 1980.

Na poesia, infelizmente, não há nenhuma antologia publicada durante a década de 50, que pudesse servir de parâmetro. Mas temos duas de época recente: *Presença da poesia em Santa Catarina*, org. Lauro Junkes, Editora Lunardelli, 1979; *Outros catarinenses escrevem assim*, org. Oldemar Olsen Jr., Editora Acadêmica, 1979.

A vantagem das antologias é que, por intermédio delas se pode acompanhar a evolução do gênero no período, e que cultores a ele se mantiveram fiéis, quais o abandonaram por outro, quais deixaram de escrever e que outros nomes surgiram.

Assim, do *Contistas novos...*, Guido Wilmar Sassi, Silveira de Souza, A. Boos Jr., Salim Miguel permaneceram praticando o gênero, enquanto Marcos Farias se bandeou para o cinema, Hugo Mund Jr. para as artes plásticas, Anibal Nunes Pires para a poesia, Carlos Adauto Vieira para a crônica, Osvaldo Ferreira de Melo para o ensaio, Antonio Paladino (também poeta e crítico) morreu sem ter dado toda a dimensão de seu talento. Três ou quatro pararam de escrever (ou de publicar).

De *Assim escrevem...*, ao lado de alguns dos nomes acima citados, temos a revelação de novos valores, como Holdemar Menezes, Flávio José Cardozo, Harry Laus, Ricardo Hoffmann, Herculanô Farias, Osmar de Andrade, Emanuel Medeiros Vieira. Mais nomes se incorporam com *21 dedos...*: Enéas Athanázio, Inês Mafrá, Eglê Malheiros, Amílcar Neves, Bento Silvério, Arnalinda Issa, David Gonçalves, João Nicolau Carvalho.

Muitos contistas praticam o romance. E o caso de Guido Wilmar Sassi, Ricardo Hoffmann, Holdemar Menezes. E romancistas de diferentes propostas e preocupações são Miro Moraes, A. Sanford de Vasconcelos, Almiro Caldeira de Andrade, Arnaldo Brandão, Lausimar Laus, Silveira Júnior, Glauco Rodrigues Correa, Raimundo Caruso, Úrda A. Klueger.

Na poesia, dentro do mesmo critério, assinalariamos a presença de Lindolf Bell, C. Ronald, Alcides Buss, Osmar Pisani, Péricles Prade, Artêmio Zanon,



Guido Wilmar Sassi

Pedro Bertolino, Wilson do Nascimento, Pinheiro Neto, Pedro Garcia, Rodrigo de Haro, L. A. Martins Mendes, José Curi, Celso Martins, Eulália Maria Radke.

Gênero já caracterizado como eminentemente brasileiro, a crônica tem vários cultores entre nós. Eis alguns que o praticaram ou ainda praticam: Paulo da Costa Ramos, Sérgio da Costa Ramos, Ilmar Carvalho, Marclio Medeiros Filho, Adolfo Zigelli, Raul Caldas Filho, Júlio Queiroz, Jair Francisco Hamms, Dante Martorano, Abelardo Souza.

Seria necessário, ainda, na ficção infanto-juvenil, citar o trabalho pioneiro de Maria de Lourdes Ramos Krieger Locks.

Por fim, há nomes que nos deixam em dúvida. Por exemplo, Edla van Steen ou Deonísio da Silva, Edison Ubaldo ou Léo Victor, para ficar nuns poucos, pelo fato de terem nascido em Santa Catarina devem ser incluídos na literatura do Estado? Neste caso, ainda para ficarmos dentro da mesma linha de pensamento, um Holdemar Menezes, nascido no Ceará, mas vivendo e escrevendo em Santa Catarina, deveria ser incluído na literatura de seu estado natal? São questões em aberto.

O que ficará de tudo isto? Eis a incógnita. Como a triagem é um problema que compete ao tempo, não queremos dar uma de futurólogo. Falta-nos, ainda, um distanciamento suficiente no tempo e no espaço para uma avaliação mais precisa sobre obras e autores em processo. Mas o que se pode afiançar, sem medo de erro, é que Santa Catarina, na ficção e na poesia, atravessa um momento significativo.

026: Ricciardi, um divulgador da literatura nacional na Itália

RICCIARDI, um divulgador da literatura nacional na Itália. **A Notícia**. S. L. 18 out.1989, pag.20

Quarta-feira, 18 de outubro de 1989

20 — A Notícia

VARIEDADES/SOCIAL

Ricciardi, um divulgador da literatura nacional na Itália

Entre os 50 autores nacionais divulgados em sua obra, *Salim Miguel* é o único escritor catarinense

Florianópolis — Giovanni Ricciardi, professor de Literatura Brasileira na Universidade de Bari, Itália, esteve pela primeira vez e por apenas quatro dias em Florianópolis, onde proferiu palestras e manteve contatos com literatos e a literatura catarinense. Ele está no Brasil — País em que morou nos anos 60 —, entre outros motivos, a fim de colher material para o segundo volume de "Escrever", obra que apresenta aos estudiosos de literatura brasileira na Itália, em língua portuguesa, mais de 50 autores nacionais, entre os quais Salim Miguel — único escritor do estado presente no primeiro volume, editado ano passado.

Ricciardi, de 52 anos, viveu de 1950 a 64 em Londrina, no Paraná, onde estudou com padres salesianos, vendeu televisores e foi corretor de imóveis. De volta à Itália, iniciou-se nas Letras pela Universidade de Roma. Lá conheceu o poeta mineiro Murilo Mendes, que, além de professor, era adido cultural da embaixada brasileira. Em 68 formou-se com a tese "Estrutura e Forma em Vidas Secas", obra de Graciliano Ramos, cujo conteúdo, naquele momento histórico particularmente inflamado, era "explosivo", segundo o autor.

Seus contatos com o português prosseguiram através de bolsas em Portugal. Neste país, ocorria um fato curioso na carreira do teórico da sociologia e literatura que é Ricciardi. A editora Europa-América, ao invés de publicar sua tese, resolveu editar somente a introdução proposta pelo italiano, intitulada "Sociologia da Literatura", que se tornaria sua primeira publicação, datada de 1971. Dois anos depois, vencido o concurso para o Magistério, deixa a universidade e dedica-se à educação secundária. Uma década a mais e, em 83, retorna ao terceiro grau, começando a carreira em Bari. Um pouco antes,

em 81, Ricciardi havia publicado seu maior trunfo editorial e intelectual até hoje: o volume "Antologia de Leitura e Pesquisa", que, segundo ele, vendeu 120 mil exemplares na Itália.

Uma ponte

"Minha postura não é apenas literária", esclarece Ricciardi, que faz uma ponte entre as questões sociais e literárias, marcado que foi pelos acontecimentos da década de 60. Mesmo assim, "hoje falo mais em sociologia do autor", diz ele, modificando com o passar dos anos sua compreensão das questões sobre as quais tem se debruçado. O livro "Escrever" é reflexo desta ótica nova, contando com depoimentos de escritores como Caio Fernando Abreu, Edla Van Steen, Silviano Santiago, Oswaldo França Júnior, Ignácio de Loyola Brandão, Nélida Piñón e até Marcelo Rubens Paiva, sem falar de diversos outros, menos ou mais conhecidos. Baseado em três pilares — Origem, Manutenção e Ideologia, que substituem o livro —, Ricciardi inquirir os literatos desde a sua formação, passando pela escrita em si e chegando, finalmente, à relação com o mercado, "o destino do texto".

Para o próximo volume, ele promete deter-se mais sobre a poesia e destacar o que chama de "topo da poesia brasileira" —

Paulo Daura

Giovanni Ricciardi: contatos com literatos catarinenses

Paulo Daura

Salim: único catarinense na obra

Ovaldo Nocci

Livro compila mais de 50 autores

João Cabral de Mello Neto, Mário Quintana (com quem esteve antes de chegar a Santa Catarina) e o recém-revelado Manuel de Barros. Antes ainda de visitar Porto Alegre e a "muito airosa" Florianópolis, Ricciardi participou, no Rio, de um congresso dedicado a Machado de Assis, que recentemente completou 150 anos de nascimento, e deu um curso na PUC carioca, a respeito de seu tema predileto: sociologia da literatura. Ou, melhor dizendo, do autor.

027: Panorama estético-literário de Santa Catarina em 1949, segundo o jornal "O Estado"

PANORAMA estético-literário de Santa Catarina em 1949, segundo o jornal "O Estado". O Estado. Florianópolis, 29 jun. 1980, pag.24.

Panorama Estético-Literário de Santa Catarina em 1949, segundo o jornal "O Estado"

Durante o ano de 1949, o jornal "O Estado" deu especial atenção a assuntos culturais e literários, reservando espaços destinados à divulgação de artigos sobre crítica literária, teatro, de poesia, e trabalhos sobre ficção, principalmente, contos e crônicas, publicados na sua "Página Literária". Baseando-se, quase exclusivamente nessa página, pude realizar um trabalho de pesquisa que trouxe à luz o panorama estético-literário de Santa Catarina daquele ano.

O presente artigo é um resumo dessa pesquisa que se transformou no ensaio intitulado "PANORAMA ESTÉTICO-LITERÁRIO DE SANTA CATARINA em 1949, segundo o jornal "O Estado". Trata-se, portanto, de um trabalho que focaliza com base jornalística, o esforço quase sobre-humano dos intelectuais catarinenses em andar "pari e passu" às renovações estético-literárias resultantes da Semana de Arte Moderna de 1922.

Em Santa Catarina, conforme se infere do jornal "O Estado", a necessidade de renovação artística apreendida pela semana de 22, se fez sentir entre alguns espíritos mais esclarecidos que foram os iniciadores do Movimento de "Vanguarda Catarinense", entre eles, Nereu Correa, Salim Miguel, Aníbal Neves Pires, Altino Flores; Sálvio de Oliveira, etc.

O Movimento de "Vanguarda Catarinense" estruturou-se em quatro vigas mestras: Círculo de Arte Moderna, Revista Sul, Página Literária do jornal "O Estado" e Teatro Experimental. Sua finalidade precipua era acompanhar a renovação artística e literária que se processava no Brasil desde a semana de 22.

O Círculo de Arte Moderna de Florianópolis era uma agremiação aberta a todos e contrária ao enclausuramento do artista tal como se processou com os acadêmicos. Uma de suas tarefas consistiu em publicar, dominicamente, no jornal "O Estado" a tão disputada e famosa "Página Literária", reservada para divulgar poesias contemporâneas, crítica teatral e literária, crônicas e contos. A Revista "Sul" de Florianópolis, dirigida pelo professor Aníbal Nunes Pires, tinha por finalidade revolucionar a arte e a literatura, reagindo contra os cânones acadêmicos e passa-

distas. O Teatro Experimental esteve sob a responsabilidade de Sálvio de Oliveira que nos deu interessante crítica preocupada não só com a análise de peças, mas também com outros aspectos como: inovações, tendências, missão do teatro; questões técnicas e estruturais, juízo crítico sobre o desempenho dos atores, sobre enredo e conteúdo ideológico.

Dispondo, pois, desses ali-cercos, o "Movimento de Vanguarda Catarinense" procurou alcançar os seus inten-tos de renovação, divulgando, através da "Página Literária", as idéias modernistas sob as mais variadas formas: ficção, poesia, crítica e teatro.

Foram poucas as tentativas de ficção em 1949. Apenas sete contos apareceram publi-cados no jornal "O Estado". Contos deficientes pela téc-nica, quase escolares, ainda presos aos valores antigos. No âmbito das crônicas, raras foram as que apareceram na Página Literária e, à seme-lhança dos contos, ainda per-sistem vestígios dos estilos clássico e romântico. Raros também foram os romances. Com exceção de "Bulha d'Ar-roio e Vida Salobra" de Tito Carvalho, fixando os costu-mes e a vida do caboclo de "serraacima", os demais não foram representativos.

No que tange à Poesia, ape-sar das tentativas modernis-tas, os poemas publica-dos no jornal "O Estado", eram modernistas apenas na distribuição dos versos. A forma era parnasiana ou clás-sica, e os temas, românticos. Os poetas, não deram, pois, mostras das aspirações nacionalistas dos modernistas.

Se os campos da ficção lite-rária e da poesia foram este-reis, o da crítica literária flo-resceu e frutificou valores que muito contribuíram para que o movimento de renovação fosse devidamente assimi-lado. É justamente nesse âm-bito, que a "Página Literária" publicou um contingente de material, que, revelou niti-damente não só o pensamento e a posição dos críticos da época, mas também os proce-dimentos que adotavam para juízo e valorização da obra lite-rária.

Destacaram-se como crí-ticos vanguardistas, Salim Mi-guel, Nereu Correa, Altino Flores e Elio Ballesteadt, todos eles quase sempre se identificando pelos mesmos procedimentos críticos: análise de obras modernis-tas (conteúdo ideológico), defesa e refutação dos ata-que dos conservadores, emissão de conceitos sobre arte, literatura, críticas, esté-tica e valores literários

linguagem e estilo dos au-tores

juízo sobre a veracidade histórica e geográfica das obras literárias.

Tais procedimentos foram suficientes para trazer à luz o "pensamento crítico" que se formou entre os intelectuais da "Vanguarda Catarinense".

Paivara entre os críticos daqueles idos de 1949 a con-cepção de que ao artista cabia lutar pela melhoria do meio em que vivia, educando e en-sinando. Salim Miguel che-gou mesmo a afirmar que "o destino do artista não é fazer arte para o povo, mas para melhorar a vida" (Jornal "O Estado" -29/11/49). Atribui-am, pois, à literatura uma função social.

Com respeito ao "Regiona-lismo", houve concepções di-versas e antagônicas. Segundo Altino Flores, para se praticar o autêntico regionalismo é preciso que o escritor seja um produto legítimo da região, reservando-se, portanto, ex-clusivamente, aos filhos do sertão. Altino combatia o lavor artístico que tornava a linguagem regionalista arti-ficial, destruída de sintaxe e vo-cabulário próprios. Nereu Correa também não concor-dava que o escritor super-estilize o linguajar simples do sertanejo.

Relativamente aos critérios estabelecidos para juízos de valor da obra literária, pre-dominaram, especialmente, o de sinceridade, de simplici-dade, de fundo humano e o de expressão dos sentimentos.

Também foram estipulados critérios para estudo crítico do autor. Nereu Correa opi-nava que o autor deve ser es-tudado no ambiente histórico em que viveu e não transportá-lo como uma plan-tinha exótica, para os nossos dias. Para ele, ao crítico lite-rário não é lícito fazer com-pleta abstração da biografia e da psicologia sempre que esses elementos se tornam neces-sários para a elucidação dos tra-ços fundamentais da obra de arte.

Gênese e evolução da obra literária foi outra questão que preocupou os críticos van-guardistas. Nereu Correa considerava que só é possível perscrutar a gênese de uma obra, conhecendo as obras em que o autor se projetasse di-reta e claramente. No seu ar-tigo "Panorama atual das le-tras catarinenses", ele frisa que a gênese de uma obra está em função do meio com seus ele-mentos influenciadores na formação da personalidade dos escritores. Já Altino Flo-res via a gênese da obra lite-rária no senso filosófico que acompanha a observação ar-tística.

O trabalho de crítica em-preendido pelos vanguardis-tas catarinenses não se limitou a discussões sobre função so-cial da literatura, caracteri-zação do regionalismo literário, juízo de valores da obra lite-rária e tampouco sobre sua gê-nese e evolução, mas estendeu-se à prática através da investigação de algumas obras. Analisaram e crítica-ram Macunaima (Mário de Andrade); A Estrela Sobre (Marques Rebelo); A Barca de Gleyre (Monteiro Lobato); Antologia de Contos de Escri-tores Novos do Brasil (Murilo Rubião, Lígia Fagundes Te-les, etc.); Letra da Província (Moisés Velhinho); Canaã (Graça Aranha).

Muitas vezes, as considera-ções em torno dessas obras objetivaram refutar as obje-ções dos acadêmicos que combatiam as inovações tra-zidas por alguns dos novos; outras vezes, pretendiam discorrer sobre o estilo do au-tor, ideologia da obra e im-pressões que ela despertava nos críticos, estrutura e téc-nicas narrativas. A par desses aspectos, somente Nereu Cor-rea conseguiu realizar uma crítica tipicamente totalizante na qual ele joga com a biogra-fia, psicologia, história e valo-res estéticos.

Toda essa temática de reali-zar um frutífero trabalho de crítica literária traduz a grande aspiração dos "novos" em acompanhar com mais realismo e dinamismo o espí-rito de renovação que, em-bora tardio e confuso, não deixou de ser benéfico, pois fortaleceu sempre mais a men-talidade catarinense de 1949, ávida de cultura.

Pelo que se considerou neste resumo, pode-se con-cluir que o Panorama Estético Literário de Santa Catarina, depreendido Jornal "O Es-tado" durante o ano de 1949, revela a existência do Mov-imento de Vanguarda Literá-ria Catarinense, sua origem, estruturação e linha de ação, voltadas, objetivamente, para as idéias de renovação artístico-literária.

Estribado, pois na pesquisa sobre o jornal "O Estado", edi-ção de 1949, pode-se afir-mar que, embora pobre na ficção literária, o "Panorama Estético-Literário de Santa Catarina, revelou-se muito rico, variado e original na crítica literária, a responsável di-reta pela fixação e da "Van-guarda Catarinense".



028: Não concordo em sacrificar a arte pela política

CUNHA, Dilberto Antonio da. "Não concordo em sacrificar a arte pela política". **O Estado**. Florianópolis, 29 jun. 1980, pag.24.

"Não concordo em sacrificar a arte pela política".

A afirmação é do ensaísta americano Malcolm Silverman, que está em Santa Catarina com a finalidade de levantar material para um estudo sobre os escritores locais. E não poupa um comentário aos literatos brasileiros em geral: chama-os de serviçais — e também simpáticos — por lhe enviarem os livros pedidos.



Dilberto Antônio Vieira da Cunha, professor da UFSC.

Malcolm Silverman, professor da Universidade de San Diego e crítico de arte brasileira contemporânea, está em Florianópolis para fazer um estudo sobre os escritores catarinenses. Sempre se interessou por línguas, estudando primeiro o Espanhol e posteriormente o Português. Entrar na literatura foi consequência lógica por ter estudado a língua portuguesa e pelo interesse cada vez maior pelo Brasil. Considerando que a literatura dá uma visão fiel da realidade brasileira, ele não tem interesse em estudos sociológicos ou políticos. Neste contexto, Silverman cita os escritores Antônio Torres, Luiz Ignácio Loyola, João Antônio e Rubens Fonseca.

O ensaísta não aprecia com o panfletarismo nas obras:

— Não concordo em sacrificar a arte pela política, mas muitos autores narram suas histórias revelando ao mesmo tempo a realidade como ela é. Não é um realismo socialista, mas também não moralizam a ideia que querem comunicar. Geralmente eles mostram a ideia da necessidade de uma reforma; seja agrária, econômica ou social.

Sobre a escolha da literatura brasileira ao invés da hispano-americana, Malcolm Silverman explicou que assim considera a nossa arte republicana e não 20. E acrescenta:

— Tem muita gente pesquisando a literatura espanhola.

Ela está sendo dissecada e disseminada, ao passo que a literatura brasileira não tem muita divulgação e eu sou muito independente. Mas a literatura brasileira tem um campo muito mais fértil para pesquisar e pode ser que eu venha a dar uma contribuição. É um desafio.

A literatura brasileira, nos Estados Unidos, além do indiscutível Jorge Amado, fica limitada aos meios universitários. Nos últimos anos pelo menos uma dúzia de autores brasileiros foram traduzidos para a língua inglesa, mas em tiragens muito pequenas. "Não há nenhum deles que tenham uma tiragem equivalente ao livro de bolso, que atinge o leitor americano de modo geral". É muito difícil entrar em uma grande livraria americana e encontrar autores brasileiros, afirma Silverman. Outros livros são comprados pelas bibliotecas, fora os livros de Jorge Amado que são vendidos através de livro de bolso.

Entre os escritores que se destacaram na literatura brasileira, Malcolm Silverman cita Erico Veríssimo (Rio Grande do Sul), Jorge Amado (Bahia), José Montezuma (Paraná), Machado de Assis (Rio de Janeiro). "Mas a Bahia tem os grandes artistas, como o Estado da Virgínia, nos Estados Unidos, produz os presidentes" — diz isso salientando que a generalização é muito perigosa, já que todos os estados brasileiros produziram bons escritores.

Malcolm tem interesse em fazer um estudo sobre a literatura brasileira — já lhe foi fornecido pelo escritor e presidente da Fundação Catarinense de Cultura, João Nicolau de Carvalho, algum material relativo à literatura catarinense. "Mas o trabalho será em linhas gerais, eu não posso me aprofundar muito pois então precisaria de muito tempo. Pretendo ler algumas obras, os estudos gerais e dar a minha impressão". Malcolm só conhecia em Santa Catarina o escritor e jornalista Salim Miguel e foi através de um convite deste que ele veio conhecer o Estado. Na quinta-feira Silverman esteve mantendo contatos com escritores em Blumenau e Joinville e, na sexta-feira, com escritores de Florianópolis. Este trabalho será publicado pela Fundação Catarinense de Cultura e talvez futuramente o seja também nos Estados Unidos e na Europa.

Malcolm Silverman tem o livro "Moderna Ficção Brasileira" editado pela Civilização Brasileira, que já encontra-se na segunda edição. Neste livro faz uma pesquisa de 13 escritores brasileiros, na maioria novos: "Novos dos últimos 20 anos" — explica ele a este livro tem sequência com mais 11 escritores, que será lançado ainda este ano. Em 1982 ele prevê um projeto um pouco mais ambicioso: fazer um ensaio da sátira brasileira. Ele considera o escritor brasileiro bastante simpático e servicial já que "eu escrevo e peço para enviar livros, explicando que gostaria de fazer um estudo e os escritores, geralmente em poucos dias, realmente me enviam".

029: A praça será dos autores vindos de Santa Catarina

A PRAÇA será dos autores vindos de Santa Catarina. **Zero Hora**. Porto Alegre, 11 nov. 1981, pag. 26.



Salim Miguel, Ruy Espinheira, Pinheiro Neto, Guido Sassi e Silveira de Souza

A praça será dos autores vindos de Santa Catarina

A partir das 19 horas de hoje a Feira do Livro estará dedicada aos escritores de Santa Catarina e aos vencedores do Prêmio Cruz e Souza. Espera-se, inclusive, o governador daquele estado, Jorge Bourghausen. Serão 19 romancistas, contistas e poetas autografando obras de diversas tendências literárias e enfoque da realidade.

Desde ontem a tarde os escritores começaram a chegar na banca exclusiva de autores catarinenses. Entre as obras a serem autografadas estão *As Sombras Luminosas*, *Mulher*, e *As Paredes do Mundo* dos poetas Ruy Espinheiro Filho, Yone Giannetti Fonseca e Osmar Pisaní, os três vencedores do Prêmio Cruz de Souza, prêmio nacional de poesias.

Velhice e Outros Contos é o livro que Salim Miguel estará relançando após trinta anos da primeira edição. São contos que falam da velhice e da morte e que o autor escreveu quando tinha 26 anos. Salim diz que este é um livro escrito em uma época de pouca experiência literária, "onde eu não sabia me esconder muito bem atrás dos personagens".

O Cavalo em Chamas é uma coletânea de contos, alguns inéditos de Silveira Souza. O autor procura a ficção fantástica para exprimir a realidade e o cotidiano brasileiro, em uma linguagem fácil, mas densa. O poeta Pinheiro Neto, com *Minha Senhora do Desterro*, divide seu livro em três partes tendo como tema central a própria ilha de Florianópolis, antigamente chamada de Nossa Senhora do Desterro, nome não aceito por muitos dos habitantes da capital de Santa Catarina, devido a episódios históricos do passado. As poesias de Pinheiro Neto falam dessa ilha, das mulheres que nele habitam e da própria cidade hoje descaracterizada pela arquitetura moderna. Também autografará nesta noite Guido Wilmar Sassi, autor de *Amigo Velho*, livro de contos tendo como "herói o vilão", como diz o autor, o pinheiro, hoje uma espécie nativa em extinção.

030: Festival de Gramado abre amanhã

FESTIVAL de Gramado abre amanhã. **Correio do Povo.** Caderno especial. Porto Alegre, 22 mar. 1981, pag. 11.

22.03.81

CORREIO DO POVO

ESPECIAL — 11

Segunda-feira

A fase competitiva do IX Festival do Cinema Brasileiro de Gramado terá início amanhã, com a exibição, a partir das 20h30min, da curta-metragem *Estrelas de Papel*, de Bruno Kuperman, e do longa *P. S. Post Scriptum*.

Estrelas de Papel, que pode ser apontado como um autêntico poema lírico-visual, tem por tema a feitura de balões para festejar os santos juninos, no Rio de Janeiro. O filme decodifica o autêntico milagre que muitas vezes envolve coletividades inteiras — homens, mulheres, velhos e crianças — na execução demandada, a criar um esforço beneditino, de grandes balões que são feitos de simples balões, pois carregam consigo singelas alegrias feitas por milhares de cartazes transparentes, que, de repente, tornam ainda mais bela a noite carioca. Dentre de alguns dos balões que sobem ao céu, no desfilar de *Estrelas de Papel*, é impossível a gente deixar de trazer à mente aquelas belíssimas imagens do palácio lusitano das Olimpíadas de Moscou, a oferecer toda uma sucessão de imagens, para culminar com a imagem do urânio-símbolo chorando no encerramento dos jogos. Há, contudo, uma diferença muito grande entre o impacto provocado por cada uma das imagens: a de se saber que em Moscou as coisas foram feitas com amplos recursos técnicos e financeiros, por conta do Estado, ao passo que as maravilhas luminosas mostradas em *Estrelas de Papel* são criações do povo, simples, ingênuas, ingenuamente — mas para por isso destiladas de ímpetu capacidade de criação e de vocante sensibilidade lírica.

P. S. Post Scriptum, o longa-metragem da noite, é uma realização de Roman Lissage, com Enzo Gostalves, Yara Lins, Zaira Lacerda, Jean-Claude Bernardet e Alberto Altieri nos papéis principais. O filme trata, fundamentalmente, das relações humanas a partir de amizade de um publicitário com um dos chefes de sua agência. A partir de uma saída noturna de ambos, quando vão a uma boate, acompanhados a contigüidade pela mulher de um deles, as coisas se complicam, criando na narrativa para um desenlace dramático, em que se conjugam a ironia, a mordacidade e toda uma propensão de reflexão sobre o aviltamento de valores tidos como permanentes.

PELO nono ano consecutivo, a cidade de Gramado transforma-se, a partir de amanhã, no centro nervoso de importantes decisões do cinema brasileiro, com a realização do seu Festival de Cinema, que hoje capitaliza a atenção inclusive da grande imprensa de todo o País. Mais uma vez, cinco longas-metragens e cinco curtas estarão concorrendo aos prêmios em diversos institutos pela Embracine e ao "Kikito", instituído oficialmente pela Prefeitura Municipal de Gramado que promove o evento.

Mas, também como nos anos anteriores, o Festival não se resume apenas à apresentação das filias em competição. Este ano serão realizadas, a partir de amanhã, no mesmo cinema Embracine, duas semanas retrospectivas de alta significação para o cinema brasileiro: a de Gláuber Rocha, composta dos filmes *Terra em Trânsito*, *Cabeças Cortadas*, *Bress* e *o Diabo na Terra do Sol*; e a de Nelson Rodrigues, constituída de *Boca de Chuva*, de Nelson Pereira dos Santos; *A Paixão*, de Leon Hirszman; *Toda Nudez Será Castigada*, de Arnaldo Jabor — o grande vencedor do 1.º Festival do Cinema Brasileiro de Gramado — e *A Dama de Leticia*, de Neville de Almeida, cujo Rêta Galvão provocou tanta polêmica no festival do ano passado.

DEBATES

Mais uma vez a partir de terça-feira — e até sábado — estarão sendo realizados, sempre às 18h, no salão de convenções do Hotel Serra Azul, pela parte da manhã, sobre os filmes em competição — longa e curta — encontros de debate, com a presença de realizadores e intérpretes, debates em que se interessam em geral poderão tomar parte, sem qualquer restrição de ingresso.

PREMIOS

Os vencedores do IX Festival do Cinema Brasileiro de Gramado estarão recebendo prêmios em dinheiro no valor de Cr\$ 800 mil, oferecidos pela Embracine Brasileira de Filmes, e mais o "Prêmio Líder Cinelaboratório", ao curta-metragem, constituído da revelação e primeira edição de um filme; e ao melhor longa-metragem, constituído de prêmio e de um longa de dose a quinze mil metros. Por outro lado, estarão sendo oferecidos, igualmente, ao Melhor Diretor, ao Melhor Ator e à

Festival de Gramado abre amanhã

São muitas as personalidades do mundo cinematográfico que já confirmaram sua presença no IX Festival do Cinema Brasileiro de Gramado. A começar pelo júri de premiação que, entre outros intelectuais e artistas, contará com o diretor Ruy Guerra, a atriz Dina Sfat e o escritor Salim Miguel. Estarão presentes também os diretores dos cinco filmes de longa-metragem selecionados — Arnaldo Jabor, de *Eu te Amo*; João Batista de Andrade, de *O Homem que Virou Suco*; Carlos Alberto Prates Correia, de *Cabaret Mineiro*; Roman Lissage, de *P. S. Post Scriptum*; e Sérgio Rezende, de *Alô a Última Gota*. Entre atores e atrizes virão Walmar Chagas, Tony Ferreira, Itala Nandi, Armando Bogus, Reginaldo Faria, Otávio Augusto, Norma Benguel, Wilson Gray, Jards Filho, Paulo José, Joana Fomem, Denise Bandeira e Rubens de Falcão. Entra os diretores, Nelson Pereira dos Santos, Heitor Babenco, Walter Hugo Khouri, David Neves e Neville de Almeida.

Melhor Ator e Prêmio Bibiana Ribeiro, no valor de 80 mil cruzeiros, para cada um.

FILMES EM 16 M.M

Três semanas de 16 mm serão realizadas, paralelamente, sempre às 18h, na Sala de Convenções do Hotel Serra Azul, dia 26/3, *O Pulo do Gato*, de Nei Costa Santos, dia 26/3, *Joana Angélica*, de Walter Lima Jr., e dia 26/3, *In Vitis Veritas*, de Itala Nandi.

FESTIVAL SUPER 8

Na Sala de Convenções do Hotel Serra Azul, a partir de terça à sexta-feira, ocorrerá a realização do V Festival de Super 8 de Gramado, com os seguintes prêmios aos vencedores: Instituído pela FUNARTE: Gênero Filme/Eurodo: 30 mil cruzeiros; Gênero Animação: 30 mil; Gênero Documentário: 30 mil. Os vencedores receberão, também, o prêmio AGACINE, entidade que organiza o Festival.

Berman, organizador do Festival de Super 8 do GIBRE, e Roberto Bender, realizador gaúcho.

CURTA-METRAGEM GAUCHO

Dois filmes estarão concorrendo na categoria de curta-metragem gaúcho: *São Miguel das Sete Páguas*, de Antonio Jesus Filho; e *O Papa e Galvão*, de Antonio Oliveira. Ao vencedor será oferecido o prêmio de Cr\$ 80 mil, instituído pela Mesa Diretora da Assembleia Legislativa do Estado e o troféu "Kikito", criado de Elizabeth Rosenfeld.

O Juri do curta gaúcho é composto por Rêta Perrell, representante da Assembleia Legislativa do Estado; jornalista P. F. Gualter, representante da Comissão Executiva do 9.º Festival; e jornalista Salim Miguel, representante da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo-RS.

PROMOTORES E PATROCINADORES

O IX Festival do Cinema de Gramado é uma promoção da Prefeitura Municipal de Gramado, com o patrocínio das Embracine, Funarte e SEAC — órgão do Ministério de Educação e Cultura; Embratur; Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo-RS, Banco do Brasil S.A., Yang-Ouente e a colaboração da Assembleia Legislativa-RS, da Federal de Seguros S.A. e da Caixa Econômica Federal.

FESTAS E APRESENTADOR

Paralelamente às sessões cinematográficas, o Festival de Gramado de 1981, contará com as seguintes festas: Coquetel de Abertura, promovido pelo Hotel Serra Azul (2.ª-feira); Coquetel de Inauguração da Mostra Coletiva de Artes e Artesanato, promovido da Galeria de Arte do Clube do Comércio e do Hotel Serra Azul, na sala de festas deste hotel (3.ª-feira); Festa Colônia, promovida pela Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo-RS, com a participação especial da Prefeitura Municipal de Nova Petrópolis (4.ª-feira); Noite do Vencedor, promovida pelo Hotel Serra Azul, no salão de festas da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo-RS (5.ª-feira); Festa de Encerramento na Sociedade Recreativa Gramadense, animada pelo Conjunto Im-pacto.

O apresentador oficial do IX Festival de Gramado, no palco do cine Embracine, será o consagrado ator Walmar Chagas.

Sexta-feira

Sexta-feira marca a última noite de exibição de filmes concorrendo à premiação. O curta-metragem *São Miguel das Sete Páguas*, de Antonio Jesus Filho, que mostra um paralelo entre 1964 e 1968, dois momentos de crise na história recente do Brasil, através de músicas de época, imagens filmadas e depoimentos dos personagens dos acontecimentos. Logo após será exibido *Eu Te Amo*, considerado por muitos como o franco favorito para levar o Kikito de melhor filme. Produzido por Walter Clark, que dirigiu o Festival do ano passado, já distribuído material publicitário do filme e anunciou sua possível participação no ano. *Eu Te Amo* foi dirigido por Arnaldo Jabor (que também já ganhou um Festival anterior, o primeiro, com *Toda Nudez Será Castigada*) e tem no elenco Silvana Braga, Paula César Pereira, Vera Fischer, Tereza Meira, Regina Gus, Maria Silva, Marcos Vinícius, Gary Rodrigues, Maria Lúcia Dahl e Flávio Sato. A música é de Chico Buarque de Hollanda e Antônio Carlos Jobim, e está nas paradas de sucesso de todo país há cerca de 45 dias.

Sobre o filme, escreveu Walter Clark, o produtor: "Com *Eu Te Amo* pretendo incutir no cinema brasileiro uma infra-estrutura e uma superestrutura de produção, realmente profissionais. Ao produzi-lo, pude me dedicar com toda a grandiosidade de possibilidades e perspectivas que se encontram, em nosso cinema, porque foi uma experiência muito enriquecedora para mim, mesmo que agora volte à televisão sabendo que contribuída à vivência cinematográfica poderá incorporar à comunicação de massa".

Arnaldo Jabor, por seu turno, diz que "nestes filmes sei exatamente como a gente quer, mas esse cinema tem sido muito pouco avaliado. Ele tem uma característica que não se vê em um filme, uma estranha, muito sólida, muito compacta. Então, às vezes, pouca o brilho de uma jóia, o brilho de uma coisa feita com grande cuidado em todos os aspectos, desde o roteiro até a fotografia, passando pela fotografia, pela luz, pela montagem, pela música. *Eu Te Amo* tem, sobretudo, o orgulho de ser, não por onde o cinema está deturpado, mas a mais séria produção e ao mesmo tempo pelo público. Um filme que respeita profundamente o espectador, e tenta ser uma obra de arte que, de alguma forma, acabou tornando-se entre as mais belas e requetidas e relegada a um segundo plano".



Terça-feira

Na terça-feira será exibido o primeiro dos curtas-metragens gaúchos concorrentes ao prêmio oferecido pela Associação Ingêstria: "Tratado de São Miguel dos Sene Puros, de Antônio Jesus Pires, documentário sobre as ruínas das Missões em festa decadal, reunida pelo abandono de parte do Poder Público. O curta-metragem nacional da dia é Belmonte, de Ivo Franco, que mostra o desenvolvimento da carreira do cartunista Belmonte na São Paulo dos anos 20. Belmonte foi o criador do personagem Juca Pato, um dos mais populares da charge brasileira em todos os tempos.

Cabaret Mineiro, de Carlos Alberto Prates Correia, dará seguimento à sessão e à exibição dos concorrentes ao Kikito. No elenco estão Nelson Dantas, Tamara Taxman, Tônia Alves, Louise Cardozo, Elene Narducci, Helber Rangel, Luiza Clotilde Dora Pellegrini, Carlos Wilson, Maria Silva, Zaira Zambelli, Virlina Baston e Sônia Bruga. A produção é da Companhia Cinematográfica Montecarlo, sendo que Carlos Alberto Prates Correia, além da direção, é também responsável pelo argumento e pelo roteiro. A sequência final de Cabaret Mineiro é inspirada em Guimarães Rosa, e o filme recebeu no Festival de Brasília os prêmios de Melhor Fotografia (Mauro Salles) e Melhor Trilha Sonora (Cristiano Moura).

Carlos Alberto Prates Correia, sobre seu filme, escreveu: "Recebendo o furo das duas patrias, uma à direita e outra à esquerda, Cabaret Mineiro faz parte de um terceiro grupo de filmes que se vinculam entre si por não apresentarem mesmo um diazeto semelhante ao das produções vigentes. Anunciado de forma-linha, recusa justamente o formalismo da montagem carcerária dominante em ambos os lados. De fato, o que procura é o exercício da liberdade formal, e nunca de manter a linearidade, como há vezes se imagina. Ele a utiliza com o objetivo de gerar emoções desconhecidas através de processos combinatórios ainda não angustiosos. Seu pretérito hermetismo pode decorrer de fatores diversos, mas os principais me parecem a composição não idealizada de seus personagens e sua atitude por um herói que não apresenta os valores bem-mostrados sempre difundidos. Pretendo, disse acima, pois tenho observado que o Cabaret Mineiro não encontra reações uniformes no âmbito de cada agrupamento social".



Tamara Taxman em "Cabaret Mineiro"

Quarta-feira

Quarta-feira serão apresentados dois curtas-metragens nacionais. O primeiro deles, Laboratórios Lido, mostra as atividades do maior laboratório brasileiro de cinema, durante muito tempo responsável pela revelação e ocupação da quase totalidade da produção nacional. O segundo, Chick Powle, a Faixa Preta de Cinema conta sobre as atividades de Chick Powle, mestre da qualidade dos grandes filmes cinematográficos brasileiros, e que por aqui tornou uma verdadeira escola na arte de fazer cinema.

O longa-metragem da noite é também um documentário. Intitulado Até a Última Getê, e realizado por Sérgio Rezende, o filme aborda a exploração da América Latina pelas multinacionais, a partir da problemática do sangue no Brasil, até bem pouco tempo intersticiado de forma extremamente desumana, não comércio que envolvia milhões, e que, recentemente, foi proibido pelo Governo, ainda que a simples proibição não tenha resolvido por completo a situação. A narração é de Hugo Carvane, e o ator José Dumont faz um personagem de hipocrite durante algumas cenas. A fotografia é de José Jeffery e a música de Paul de Castro, sendo a produção de Jorge Camillo de Aranches e Mônica Filmes.

Sobre o filme, escreveu Sérgio Rezende: "Busquei fazer de Até a Última Getê um filme latino-americano. Um trabalho realizado por brasileiros, mas comprometido com uma visão continental do problema. Os próprios fatos, aliás, impunham esta perspectiva. Nenhum de nossos grandes problemas são exclusivos de qualquer país, como também não nos pertencem pessoas maiores riquesas, vilões de secular processo de exploração. A história do sangue conta, por exemplo, a história do ouro, da prata, de nossas riquezas minerais e vegetais."

É uma história trágica. Nós, que fazemos o filme, não inventamos nada. O trabalho é a expressão de uma visão pessoal do sentimento comum de indignação diante dos fatos: três milhões de litros de sangue suado da América Latina todos os anos; um continente riquíssimo, habitado por uma colônia esbanjadora, ocupada em destruir a vida em excesso enquanto a mesma maioria luta desesperadamente para sobreviver; ditadores entregando pessoalmente as multinacionais o sangue do povo, como fazem Papa Doo, Duvalier e Somoza; governantes e autoridades se omitindo vergonhosamente diante desta realidade".

Sônia Bruga em "Eu Te Amo"

Quinta-feira

Quinta-feira mais um curta riograndense estará sendo exibido na tela do Cine Embaixador, desta vez O Papa e Gaiúcho, realizado por Antônio Oliveira quando da visita de João Paulo II à nossa cidade. O curta nacional da noite é Farofa, de Carlos Luis Cueto, que mostra em imagens e sons narrativas, sem narrativa ou música, um dia de trabalho na fazenda da Ilha Rasa, na entrada da Baía da Guanabara.

O longa-metragem da noite é o curta filme que também participou do Festival de Brasília do ano passado. Trata-se de O Homem Que Virou Suco, de João Batista de Andrade, que já venceu em Gramado com Doramundo. Nesta nova obra, João Batista mostra a trajetória de um poeta nordestino que busca fazer fortuna em São Paulo e que, lá chegando, é confundido com um operário que matou seu pai. No elenco estão José Dumont, Célia Maracajá, Denys de Oliveira, Barrios e Renato Master, com participações de Ruth Escobar, Ruthena de Moraes, Rafael de Carvalho, Domingos, Pedro Sertanejo e Vital Parais. A fotografia é de Alcino Raulino e a produção é da Rain Produções Cinematográficas, Embrafilme e Governo do Estado de São Paulo.

Sobre O Homem Que Virou Suco, João Batista de Andrade escreveu: "Meu novo filme se coloca para mim como o produto de um processo dialético em meu trabalho, onde incorporo a tendência ficcional revelada em Doramundo e a proposta da realização que tenho como documental, resultando num filme de ficção, com proposta clara de intervenção, com história e personagens extremamente populares no sentido de indivíduos marcantes e de casos comuns mas altamente significativos. Meu conhecimento documental do tema (migrantes, trabalhadores, marginais, cultura popular, etc.) foi fundamental para que tanto a história quanto os personagens fossem construídos com rigor de realismo e com a maior riqueza possível. São Paulo inteiro está no filme. O Homem Que Virou Suco é íronico, cômico, destruidor, realista. A história incrível de um poeta popular paraibano que vem para São Paulo viver de poesia e que aqui é confundido com outro nordestino que acabara de matar seu pai. Uma história como um bom caso de deliramento, desconforto, peregrinação, fuga, sempre recheada pela ironia popular (poética) do paraibano, cuja poesia e rebeldia revelam o que é a vida do trabalhador brasileiro".

te público, e tenta por uma obra de arte que, de alguma forma, acabou tornando-se entre nós uma coisa esquecida e relegada a um segundo plano".



Encerramento

No sábado, noite do encerramento do IX Festival de Cinema Itaipava de Gramado, com a premiação dos vencedores, na grande festa com música, danças, teatros e autoridades presentes no palco, serão, provavelmente exibidos "nos concursos", o curta-metragem A Noite, de Nelson Rodrigues, de Haroldo Marinho Barbosa, e o longa Estrada da Vida, de Nelson Pereira das Neves, também à vencedora em Gramado, com Amleto de Ogum.

A Nelson Rodrigues, que vivia a figura e carreira do polêmico dramaturgo falecido há poucos meses, encerra a retrospectiva que, à tarde, estará sendo realizada, durante a semana, de filmes baseados em sua obra, juntamente com uma pequena retrospectiva de Glauber Rocha, ambas constituídas de quatro títulos.

Estrada da Vida, que no último Festival de Brasília, recebeu a consagração do público — através de votos — como o melhor filme do certame, tem como figuras centrais Milionário e José Rico, o mais famoso duplo de cantores caipiras de São Paulo, cujos discos são vendidos aos milhares em todo o Brasil.

Sobre Estrada da Vida, em edição publicada na revista Vela, 4-3-1981, observa Celso Barati: "Contado a vida de Milionário e José Rico, a mais famosa dupla sertaneja do País, ele (Nelson Pereira das Neves), ficou entre a ficção e o documentário. Sem a força estética de Vidas Secas, onde registrara, em 1963, a retirada indígena de uma família sertaneja, ou a dramatização de Amleto, que explorou habilmente conflitos do submundo do jagói do bicho e da criminalidade, Nelson fez um filme alegre, com uma história simples e real, mantida na medida do possível da mesma forma como foi contada pelos dois protagonistas, com auto-ironia e autenticidade."

Nelson Pereira das Neves, por sua vez, em entrevista a Orlando Fagundes, da Folha de São Paulo, ressaltava à certa altura: "O cinema não precisa ser feito por discursos sociológicos, o discurso dele é lírico, é a imagem. E indo atrás dessa música, o cinema vai encontrar toda uma relação entre o urbano e o rural numa metrópole como é São Paulo".

031: Fundação catarinense de cultura: qual a solução

FUNDAÇÃO catarinense de cultura: qual a solução? **O Estado**. Florianópolis, 11 dez. 1983, pag. 21.

Fundação Catarinense de Cultura: Qual a solução?

Um profundo conhecimento e interesse pela cultura catarinense, capacidade administrativa e prestígio no meio cultural e artístico a nível nacional e estadual. Estes seriam, basicamente, os requisitos que o Superintendente da Fundação Catarinense de Cultura deve ter, apontados pelas pessoas que mais conhecem o assunto: escritores, artistas plásticos, teatrólogos, críticos de arte.

Com a eminente substituição do atual Superintendente Miro Moraes, a classe artística está em expectativa e discute a próxima nomeação. Qual o perfil da pessoa a ocupar o cargo? Existe alguém de consenso, que pudesse aglutinar todas as partes envolvidas? Além dos requisitos mencionados acima, outro é exigido: coragem. Muita coragem para pegar uma instituição desestruturada, quase fracassada e sem dinheiro.

por Vana Goulart

De uma maneira geral, a opinião das pessoas entrevistadas não diverge muito. A preocupação básica de todos é que a Fundação Catarinense de Cultura seja reativada, transformada em algo bom e criativo para a cultura catarinense. Alguns apontam a necessidade de trabalhos mais ligados ao popular, outros já sugerem nomes que poderiam — de alguma forma — ajudar a transformar a atual situação da FCC. E outros ainda têm "pena" da pessoa que ocupará o cargo.

Para Janga, artista plástico (e presidente da Associação Catarinense de Artistas Plásticos) quem ocupar o cargo deve ser um excelente administrador unindo sensibilidade para arte e cultura.

— Esse é um campo muito específico. Quem não conhece dá

tudo isso poderia ser feito aqui em Santa Catarina.

Janga acredita que existam alguns nomes que possam levar esse trabalho adiante e aposta na capacidade de Udo Wagner, secretário-adjunto da Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

Sem o otimismo de Janga, o poeta e o crítico de arte Osmar Pisani afirma: "Eu particularmente já não creio naquilo



"ter independência e não se subordinar à política partidária".
Salim Miguel

INDEPENDÊNCIA

O problema político preocupa também outro conhecido escritor e crítico literário do Estado, Salim Miguel. Para ele, é preciso que o ocupante do cargo tenha certa independência, que não seja subordinado a nenhuma política partidária.

— O superintendente de uma instituição como a FCC deve se preocupar com a cultura antes de tudo, e "não atender interesses políticos imediatos. Tem que saber administrar a cultura e ter também bom trânsito na área cultural, dentro do Estado e fora dele".

Salim Miguel cita como exemplo o trabalho que Hassi

leika Mussi Lenzi como pessoa competente para exercer o cargo.

POLÍTICA CULTURAL

Mais preocupada em termos de aglutinamento das diversas classes artísticas do Estado, a teatróloga Carmem Fossari quer "um superintendente eminentemente sensível à arte popular. É necessário o acompanhamento das reivindicações das categorias. O trabalho não deve ser só de receber oficialmente, cumprir calendário da Fundação, etc.. Falta mesmo é a proposta de uma política cultural para o Estado."

Ela afirma que o que se tem visto é "pessoas apadrinhadas que não colocam as coisas como deveriam ser, não tem nenhuma proposta concreta. Acredito que todas as categorias de profissionais ligados a essa área deveriam se reunir e debater um nome para a Fundação e que esse nome fosse realmente escolhido. Eu apostaria na administração, por



"O que falta mesmo é a proposta de uma política cultural para o Estado".
Carmem Fossari

Moraes tem a péssima qualidade de ser mau político. E está dançando por causa disso. Quero explicar: julgo mais importante ser político no sentido de conseguir a valorização cultural e de entrar no meio político onde se consegue recursos para trabalhar. Acho difícil selecionar um nome para a Fundação. Se eu falar em alguém talvez esteja cometendo uma injustiça ou emitindo uma opinião sem base".

MUITA

RESPONSABILIDADE

Três nomes são apontados pelo Professor Theobaldo Costa Jamunda (entre outras coisas estudioso da arte catarinense desde 1939): que trabalhou algum

dente da Fundação — considerando a sua atual situação — precisa ter "interesse real" em ser superintendente, aceitar a responsabilidade de superintender a administração cultural do complexo catarinense.

— Não adianta o camarada fazer umas coisinhas ali ao lado da Alfândega, ou então ir ao Oeste ou a Laguna de vez em quando. Terá que ter, esta pessoa, condições maiores de comunicabilidade com o universo cultural catarinense e brasileiro. Ser um trabalhador na procura de recursos internos, nacionais e internacionais. Não vai adiantar em nada, se o indicado aceitar o cargo só porque foi o Governador que indicou. Ninguém faz nada de bom ou criativo se não estiver profundamente interessado no seu serviço, ter aquela vontade imensa de transformar as coisas para melhor.

Um pouco relutante em falar sobre o cargo de Superintendente da FCC, o conhecido escritor Flávio José Cardozo fez



rem nomes que poderiam — de alguma forma — ajudar a transformar a atual situação da FCC. E outros ainda têm “pena” da pessoa que ocupar o cargo.

Para Janga, artista plástico (e presidente da Associação Catarinense de Artistas Plásticos) quem ocupar o cargo deve ser um excelente administrador unindo sensibilidade para arte e cultura.

— Esse é um campo muito específico. Quem não conhece da



“O superintendente deve ser bom administrador e sensível a cultura”
Janga

com os burros n’água. Ele deve ter consciência bem clara da função social da arte. O artista de uma comunidade representa um certo tipo de “antena” da raça, sua realidade, o que está acontecendo e se não foi entendido, assim não haverá evolução cultural. Um exemplo muito bom de capacidade administrativa e sensibilidade foi dada pelo ex-prefeito de Curitiba Jaime Lerner. Essa capital é hoje em dia, uma cidade que valoriza seu patrimônio artístico e cultural e



“A Fundação é uma coisa morta por motivos estruturais e políticos”.
Osmar Pisani

(FCC). Aquilo está morto. A Fundação é uma coisa morta por motivos estruturais e políticos. Para se ver o absurdo do negócio, a Fundação Catarinense de Cultura tem cerca de 300 funcionários, isso é mais do que a Funarte tem. Menos pessoas, que trabalhassem mais, surgiria mais efeito”.

Mesmo assim, ele diz que para ser superintendente da FCC é necessário que a pessoa seja dinâmica, de prestígio cultural. Com visão da coisa e que saiba fazer sem gastar muito: “E antes de tudo, o homem precisa ter coragem para partir para promoções elementares. Como fazer? Primeiro, realizar um salão catarinense a nível nacional e em segundo, fazer o levantamento através de salões estaduais de toda manifestação artística de Santa Catarina. Para assumir isso, não acho que tenha alguém de consenso na área cultural, principalmente por motivos políticos”.

também outro conhecido escritor e crítico literário do Estado, Salim Miguel. Para ele, é preciso que o ocupante do cargo tenha certa independência, que não seja subordinado a nenhuma política partidária.

— O superintendente de uma instituição como a FCC deve se preocupar com a cultura antes de tudo, e “não atender interesses políticos imediatos. Tem que saber administrar a cultura e ter também bom trânsito na área cultural, dentro do Estado e fora dele”.

Salim Miguel cita como exemplo, o trabalho que Hassis Brasil está fazendo no Rio Grande do Sul. Ao contrário das 300 pessoas que parasitam na FCC, ele tem não mais que 30 pessoas trabalhando na área de cultura. “Essas 30 pessoas realmente trabalham e não são “peso morto” como são os funcionários da FCC. O que acontece ali, chega a ser ridículo para Santa Catarina”.

Na sua opinião é preciso mudar tudo e a pessoa mais indicada, no caso, é o escritor Flávio José Cardozo: “Apesar de que ele é meu amigo e eu lamentaria muito que acabasse na Fundação. Aquele é um lugar completamente desmotivado. As poucas pessoas que trabalham realmente, já saíram de lá.”

Outro escritor catarinense, João Paulo Silveira de Souza, garante que “essencialmente” não há necessidade do novo superintendente ser um “grande administrador”, mas, que tenha participação no mundo cultural, habilidade em dialogar com as pessoas. “Não é preciso tanto de dinheiro, mas, sim, saber fazer as coisas. Entender da cultura catarinense trabalhar por ela.” Como Salim Miguel, Silveira de Souza acredita na capacidade de Flávio José Cardozo “porque entende desse negócio”. Cita ainda Zu-



“Não é preciso tanto dinheiro, mas sim saber fazer as coisas”.
Silveira de Souza

exemplo, de Salim Miguel e também na Eglê Malheiros — uma pessoa sempre presente na área de cultura de Santa Catarina”, observa a teatróloga.

Mário Alves Neto, teatrólogo e diretor teatral tem opinião parecida e afirma que “um dos requisitos mais importantes é que a pessoa tenha conhecimento da realidade cultural catarinense e do papel da arte nesse contexto. Sem preconceitos e nem idéias preconcebidas. Sem falsos conceitos elitizados”. E paralelo a isso é imprescindível que tenha uma capacidade administrativa “porque sem dinheiro não se faz nada”. E sobre a estrutura comenta irônico: “Um elefante branco daquele ali (o CIC) só tem igual na Paraíba, que também não funciona”.

O teatrólogo acha que “lamentavelmente, queiramos ou não, o superintendente deve ser também político, saber tirar proveito até da política partidária. O Miro

quando por causa disso. Quero explicar: julgo mais importante ser político no sentido de conseguir a valorização cultural e de entrar no meio político onde se consegue recursos para trabalhar. Acho difícil selecionar um nome para a Fundação. Se eu falar em alguém talvez esteja cometendo uma injustiça ou emitindo uma opinião sem base”.

MUITA

RESPONSABILIDADE

Três nomes são apontados pelo Professor Theobaldo Costa Jamundá (entre outras coisas estudioso da arte catarinense desde 1939) que trabalhou algum tempo na FCC: Vitor Márcio Konder (pela experiência que tem na área); Flávio José Cardozo (sensibilidade e habilidade em administração); e Iraci Schmidlin, ex-secretária de Educação e Cultura de Joinville (pela sua vivência na área de educação social e cultural).

E antes de qualquer coisa, afirma o Professor Jamundá, uma figura para ser superintendente da FCC, o conhecido escritor Flávio José Cardozo fez

dente da FCC, o conhecido escritor Flávio José Cardozo fez



“A pessoa só terá sucesso se tiver apoio do meio cultural”.
Flávio José Cardozo

questão de ressaltar que a sua opinião é a opinião de “um consumidor de cultura apenas”. Garante que, para ocupar a função, existem vários catarinenses capacitados: “Temos muitos nomes com a visão necessária para realizar um bom trabalho. A pessoa escolhida terá sucesso se merecer, acima de tudo, o apoio do pessoal ligado à vida cultural do Estado.”

E cita como requisitos importantes uma afinidade com o meio e uma boa visão da cultura como soma de valores universais, comunitários e humanos. Além disso, parece-lhe indispensável certo jeito para coordenar, reunir e pôr em ação conjunta as diversas partes que formam esse quadro, sem falar da necessidade de um mínimo de habilidade administrativa. “Há muitos por aqui com essas condições”, conclui Flávio José Cardozo.



“Para mudar a FCC é preciso ter interesse em transformar as coisas”.
Professor Jamundá

ACAFE: comunicação e expressão. **O Estado**. Florianópolis, 18 jan.1983, pag. 14, vestibular. Inclui uma questão com texto do Livro a Morte do Tenente e Outras Mortes de Salim Miguel.

[illegible]

45

Índice de Autores

Autor	Referências	Nº
BRAGA, Sergio	BRAGA, Sergio. Notas e novidades. Cataguases . [s.l.], 09 JUL.1989, pag. 04.	017
BRICKMANN, Carlos.	BRICKMANN, Carlos. Perseguição invade o terreno da galhofa. Folha de São Paulo . São Paulo, 01 abr. 1984, pag. 06, 1º caderno.	020
CALDEIRA, Almiro	CALDEIRA, Almiro. Sezefredo das Neves, o poeta de Biguaçu. O Estado . Florianópolis, 03 jun. 1988, nº 02.	013
CORRÊA, Nereu	CORRÊA, Nereu. A arte do conto na obra de Salim Miguel. O Estado . Florianópolis, 21 fev. 1982, pag. 13.	005
CUNHA, Dilberto Antonio da	CUNHA, Dilberto Antonio da. "Não concordo em sacrificar a arte pela política". O Estado . Florianópolis, 29 jun. 1980, pag.24.	028
FARIAS, Marcilio	FARIAS, Marcilio. O mundo misterioso de um poeta desconhecido (topografia vibrante do ato criador). José . Brasília, 30 jun.1988, Livros, pag. 06.	011
FISCHER, Almeida	FISCHER, Almeida. Desafio para o leitor. O Estado de São Paulo . São Paulo, 04 jun.1988, nº 411, pag. 12, ano 6.	012
FRANK, Jarson	SALIM Miguel faz uma balanço do que foi o ano de 85 para a literatura. O Estado . Florianópolis, 05 jan. 1986, pag. 22.	009
HOHLFEDT, Antonio	HOHLFEDT, Antonio. O círculo da memória. Tribuna da Imprensa . [s.l.], 23 e 24 fev.1980, pag. 4 e 5.	002
KARAM, Elisabete; VICENZI, Celso	KARAM, Elisabete; VICENZI, Celso. Escritor deve publicar: nem que para isso precise vender a alma. O Estado . Florianópolis, 14 jun.1980, pag. 17.	004
MEDINA, Cremilda	MEDINA, Cremilda. Dos confins da ilha, a voz solitária do sul. O Estado de São Paulo . São Paulo , 06 abr. 1985.	008
SCHULER, Donald	SCHULER, Donald. O pequeno mundo de Salim Miguel. Zero Hora . Porto Alegre, 14 out. 1983	006
SIMÕES JUNIOR, Antonio	SIMÕES JUNIOR, Antonio. Salim Miguel e a arte do conto: ficcionista e crítico português, reside em Buenos Aires. O Estado . Florianópolis, 13 abr. 1980, pag. 18.	003
TILL, Rodrigues	TILL, Rodrigues. Letras a dois. Gazeta . Florianópolis, 17 mar.1985.	023
VIEIRA, Luiz Antonio	VIEIRA, Luiz Antonio. Para um conceito de catarinidade. Jornal de Santa Catarina . [s.l.], 28 dez.1980, pag.15.	021
WANDELLI, Raquel	WANDELLI, Raquel. Quem quer uma vaga de imortal?. O Estado . Florianópolis, 10 maio 1987, Fim de semana, pag. 12 e 13.	014
Sem autor	CATARINENSES que se destacam. A Notícia . Joinville., 31 jan.1980. Edição história	001
	TURISMO como educação: Salim Miguel quer uma abertura para a natureza. Correio Braziliense . Brasília, 04 jun. 1983.	007
	LITERATURA e seca. A Verdade . Florianópolis, mar. 1986, n. 42, pag.62.	010
	O QUE eles lêem. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 23 abr.1988, Idéias.	015
	UM ano sensações. Diário Catarinense . Florianópolis, 31 dez. 1988, Livros, pag. 05.	016

	A COMPETENCIA que atrapalha. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 02 set. 1987.	019
	UM grande prêmio para os poetas. Correio Braziliense . Brasília, 26 out.1980, pag. 14.	022
	ATENÇÃO escritores: a UFSC procura 30 títulos para editar em 1983. O Estado . Florianópolis, 09 fev. 1983.	024
	FICÇÃO e poesia em Santa Catarina. Correio do Povo . Caderno Letras & Livros. [s.l.], 13 ago.1983, ano 3, n.º 100, 16 pag. O Nome de Salim aparece nas pag. pag. 6,7 e 11	025
	RICCIARDI, um divulgador da literatura nacional na Itália. A Notícia . S. l., 18 out.1989, pag.20.	026
	PANORAMA estético-literário de Santa Catarina em 1949, segundo o jornal "O Estado". O Estado . Florianópolis, 29 jun. 1980, pag.24.	027
	A PRAÇA será dos autores vindos de Santa Catarina. Zero Hora . Porto Alegre, 11 nov. 1981, pag. 26.	029
	FESTIVAL de Gramado abre amanhã. Correio do Povo . Porto Alegre, 22 mar. 1981, pag. 11.	030
	FUNDAÇÃO catarinense de cultura: qual a solução?. O Estado . Florianópolis. 11 dez. 1983, pag. 21.	031
	ACAFE: comunicação e expressão. O Estado . Florianópolis, 18 jan.1983, pag. 14, vestibular. Inclui uma questão com texto do Livro a Morte do Tenente e Outras Mortes de de Salim Miguel.	032
	HUMOR, incidência casual entre os escritores catarinenses. O Estado . Florianópolis, 16 abr. 1985, pag.24, variedades.	018

Índice de Jornais

Jornal	Referência	Nº
A Notícia	CATARINENSES que se destacam. A Notícia . Joinville., 31 jan.1980. Edição história	001
	RICCIARDI, um divulgador da literatura nacional na Itália. A Notícia . S. l., 18 out.1989, pag.20.	026
A Verdade	LITERATURA e seca. A Verdade . Florianópolis, mar. 1986, n. 42, pag.62.	010
Cataguases	BRAGA, Sergio. Notas e novidades. Cataguases . [s.l.], 09 JUL.1989, pag. 04.	017
Correio Braziliense	TURISMO como educação: Salim Miguel quer uma abertura para a natureza. Correio Braziliense . Brasília, 04 jun. 1983.	007
	UM grande prêmio para os poetas. Correio Braziliense . Brasília, 26 out.1980, pag. 14.	022
Correio do Povo	FICÇÃO e poesia em Santa Catarina. Correio do Povo . Caderno Letras & Livros. [s.l.], 13 ago.1983, ano 3, n.º 100, 16 pag. O Nome de Salim aparece nas pag. pag. 6,7 e 11	025
	FESTIVAL de Gramado abre amanhã. Correio do Povo . Porto Alegre, 22 mar. 1981, pag. 11.	030
Diário Catarinense	UM ano sensações. Diário Catarinense . Florianópolis, 31 dez. 1988, Livros, pag. 05.	016
Folha de São Paulo	BRICKMANN, Carlos. Perseguição invade o terreno da galhofa. Folha de São Paulo . São Paulo, 01 abr. 1984, pag. 06, 1º caderno.	020
Gazeta	TILL, Rodrigues. Letras a dois. Gazeta . Florianópolis, 17 mar.1985.	023
Jornal de Santa Catarina	A COMPETENCIA que atrapalha. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 02 set. 1987.	019
	VIEIRA, Luiz Antonio. Para um conceito de catarinidade. Jornal de Santa Catarina . [s.l.], 28 dez.1980, pag.15.	021
Jornal do Brasil	O QUE eles lêem. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 23 abr.1988, Idéias.	015
José	FARIAS, Marcilio. O mundo misterioso de um poeta desconhecido (topografia vibrante do ato criador). José . Brasília, 30 jun.1988, Livros, pag. 06.	011
O Estado	SIMÕES JUNIOR, Antonio. Salim Miguel e a arte do conto: ficcionista e crítico português, reside em Buenos Aires. O Estado . Florianópolis, 13 abr. 1980, pag. 18.	003
O Estado	KARAM, Elisabete; VICENZI, Celso. Escritor deve publicar: nem que para isso precise vender a alma. O Estado . Florianópolis, 14 jun.1980, pag. 17.	004
	CORRÊA, Nereu. A arte do conto na obra de Salim Miguel. O Estado . Florianópolis, 21 fev. 1982, pag. 13.	005
	SALIM Miguel faz uma balanço do que foi o ano de 85 para a literatura. O Estado . Florianópolis, 05 jan. 1986, pag. 22.	009
	CALDEIRA, Almiro. Sezefredo das Neves, o poeta de Biguaçu. O Estado . Florianópolis, 03 jun. 1988, nº 02.	013
	WANDELLI, Raquel. Quem quer uma vaga de imortal?. O Estado . Florianópolis, 10 maio 1987, Fim de semana, pag. 12 e 13.	014
	ATENÇÃO escritores: a UFSC procura 30 títulos para editar em 1983. O Estado . Florianópolis, 09 fev. 1983.	024
	PANORAMA estético-literário de Santa Catarina em 1949, segundo o jornal "O Estado". O Estado . Florianópolis, 29 jun. 1980, pag.24.	027

	CUNHA, Dilberto Antonio da. "Não concordo em sacrificar a arte pela política". O Estado . Florianópolis, 29 jun. 1980, pag.24.	028
	FUNDAÇÃO catarinense de cultura: qual a solução?. O Estado . Florianópolis. 11 dez. 1983, pag. 21.	031
	ACAFE: comunicação e expressão. O Estado . Florianópolis, 18 jan.1983, pag. 14, vestibular. Inclui uma questão com texto do Livro a Morte do Tenente e Outras Mortes de de Salim Miguel.	032
	HUMOR, incidência casual entre os escritores catarinenses. O Estado . Florianópolis, 16 abr. 1985, pag.24, variedades.	018
O Estado de São Paulo	MEDINA, Cremilda. Dos confins da ilha, a voz solitária do sul. O Estado de São Paulo . São Paulo , 06 abr. 1985.	008
	FISCHER, Almeida. Desafio para o leitor. O Estado de São Paulo . São Paulo, 04 jun.1988, nº 411, pag. 12, ano 6.	012
Tribuna da Imprensa	HOHLFEDT, Antonio. O círculo da memória. Tribuna da Imprensa . [s.l.], 23 e 24 fev.1980, pag. 4 e 5.	002
Zero Hora	SCHULER, Donaldo. O pequeno mundo de Salim Miguel. Zero Hora . Porto Alegre, 14 out. 1983	006
	A PRAÇA será dos autores vindos de Santa Catarina. Zero Hora . Porto Alegre, 11 nov. 1981, pag. 26.	029

Índice por ano

Ano	Referência	Nº
1980	CATARINENSES que se destacam. A Notícia . Joinville., 31 jan.1980. Edição história	001
	UM grande prêmio para os poetas. Correio Braziliense . Brasília, 26 out.1980, pag. 14.	022
	VIEIRA, Luiz Antonio. Para um conceito de catarinidade. Jornal de Santa Catarina . [s.l.], 28 dez.1980, pag.15.	021
	SIMÕES JUNIOR, Antonio. Salim Miguel e a arte do conto: ficcionista e crítico português, reside em Buenos Aires. O Estado . Florianópolis, 13 abr. 1980, pag. 18.	003
	KARAM, Elisabete; VICENZI, Celso. Escritor deve publicar: nem que para isso precise vender a alma. O Estado . Florianópolis, 14 jun.1980, pag. 17.	004
	PANORAMA estético-literário de Santa Catarina em 1949, segundo o jornal "O Estado". O Estado . Florianópolis, 29 jun. 1980, pag.24.	027
	CUNHA, Dilberto Antonio da. "Não concordo em sacrificar a arte pela política". O Estado . Florianópolis, 29 jun. 1980, pag.24.	028
	HOHLFEDT, Antonio. O círculo da memória. Tribuna da Imprensa . [s.l.], 23 e 24 fev.1980, pag. 4 e 5.	002
1981	FESTIVAL de Gramado abre amanhã. Correio do Povo . Porto Alegre, 22 mar. 1981, pag. 11.	030
	A PRAÇA será dos autores vindos de Santa Catarina. Zero Hora . Porto Alegre, 11 nov. 1981, pag. 26.	029
1982	CORRÊA, Nereu. A arte do conto na obra de Salim Miguel. O Estado . Florianópolis, 21 fev. 1982, pag. 13.	005
1983	TURISMO como educação: Salim Miguel quer uma abertura para a natureza. Correio Braziliense . Brasília, 04 jun. 1983.	007
	FICÇÃO e poesia em Santa Catarina. Correio do Povo . Caderno Letras & Livros. [s.l.], 13 ago.1983, ano 3, n.º 100, 16 pag. O Nome de Salim aparece nas pag. pag. 6,7 e 11	025
	ATENÇÃO escritores: a UFSC procura 30 títulos para editar em 1983. O Estado . Florianópolis, 09 fev. 1983.	024
	FUNDAÇÃO catarinense de cultura: qual a solução?. O Estado . Florianópolis. 11 dez. 1983, pag. 21.	031
	ACAFE: comunicação e expressão. O Estado . Florianópolis, 18 jan.1983, pag. 14, vestibular. Inclui uma questão com texto do Livro a Morte do Tenente e Outras Morte de de Salim Miguel.	032
	SCHULER, Donald. O pequeno mundo de Salim Miguel. Zero Hora . Porto Alegre, 14 out. 1983	006
1984	BRICKMANN, Carlos. Perseguição invade o terreno da galhofa. Folha de São Paulo . São Paulo, 01 abr. 1984, pag. 06, 1º caderno.	020
1985	TILL, Rodrigues. Letras a dois. Gazeta . Florianópolis, 17 mar.1985.	023
	HUMOR, incidência casual entre os escritores catarinenses. O Estado . Florianópolis, 16 abr. 1985, pag.24, variedades.	018
	MEDINA, Cremilda. Dos confins da ilha, a voz solitária do sul. O Estado de São Paulo . São Paulo , 06 abr. 1985.	008
1986	LITERATURA e seca. A Verdade . Florianópolis, mar. 1986, n. 42, pag.62.	010

	SALIM Miguel faz uma balanço do que foi o ano de 85 para a literatura. O Estado . Florianópolis, 05 jan. 1986, pag. 22.	009
1987	A COMPETENCIA que atrapalha. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 02 set. 1987.	019
	WANDELLI, Raquel. Quem quer uma vaga de imortal?. O Estado . Florianópolis, 10 maio 1987, Fim de semana, pag. 12 e 13.	014
1988	UM ano sensações. Diário Catarinense . Florianópolis, 31 dez. 1988, Livros, pag. 05.	016
	O QUE eles lêem. Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 23 abr.1988, Idéias.	015
	FARIAS, Marcilio. O mundo misterioso de um poeta desconhecido (topografia vibrante do ato criador). José . Brasília, 30 jun.1988, Livros, pag. 06.	011
	CALDEIRA, Almiro. Sezefredo das Neves, o poeta de Biguaçu. O Estado . Florianópolis, 03 jun. 1988, nº 02.	013
	FISCHER, Almeida. Desafio para o leitor. O Estado de São Paulo . São Paulo, 04 jun.1988, nº 411, pag. 12, ano 6.	012
1989	RICCIARDI, um divulgador da literatura nacional na Itália. A Notícia . S. l., 18 out.1989, pag.20.	026
	BRAGA, Sergio. Notas e novidades. Cataguases . [s.l.], 09 JUL.1989, pag. 04.	017